



O Risco no Surf

Importância do Risco para os *Big-Riders* no surf de ondas grandes

José Miguel Teixeira de Oliveira

Porto, 2007



O Risco no Surf

Importância do Risco para os *Big-Riders* no surf de ondas grandes

Monografia realizada no âmbito da disciplina de
Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e
Educação Física, na área de Alto Rendimento –
Opção Atletismo, da Faculdade de Desporto da
Universidade do Porto

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Luísa Pereira

Autor: José Miguel Teixeira de Oliveira

Porto, 2007

Oliveira, J. (2007). *O Risco no Surf: Importância do Risco para os Big-Riders no surf de ondas grandes*. Porto: José Oliveira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: SURF DE ONDAS GRANDES; RISCO; SENSAÇÕES; CONTROLO; SUPERAÇÃO.

Agradecimentos

Ainda que o presente estudo expresse um cunho e investimento pessoal do seu autor, pelas características de que se reveste, não pôde deixar de contar com outros importantes contributos que, no seu conjunto, viabilizaram a obra final e que merecem o meu mais profundo reconhecimento e gratidão.

À Professora Doutora Ana Luísa Pereira, não só pela enorme disponibilidade, interesse e apoio que sempre demonstrou ao longo de todo o trabalho, mas também pela simpatia e afabilidade que a caracterizam.

Ao Professor Doutor José Augusto dos Santos, por me ter prestado todo o seu apoio e auxílio quando mais precisei, tornando possível a concretização deste trabalho.

Aos irmãos Pinto, Ramiro e Abílio, e ao Luís Cruz, pela disponibilidade demonstrada para a realização das entrevistas, fundamentais para a elaboração do presente estudo.

Ao meu amigo Pedro Borges, não só por me ouvir quando mais precisei e pelas boas *surfadas* que demos, mas também pela disponibilidade demonstrada em prestar o seu testemunho numa situação menos feliz, embora inerente a quem anda no mar.

Ao Dr. Rui Ribeiro, pela enorme disponibilidade demonstrada, sempre que solicitada, bem como pela documentação fornecida.

Aos meus pais, por terem percorrido juntos comigo este longo caminho, pelo apoio, paciência e incentivo que sempre demonstraram, nos bons e maus momentos.

Ao meu irmão João e à Patrícia, por todos os conselhos, ajuda e apoio solicitados nas alturas em que mais necessitei.

Ao meu primo e amigo José Alberto, pela paciência, amizade e ajuda sempre demonstradas, quando o cansaço e a fraqueza se começavam a fazer sentir.

Ao meu amigo e companheiro de longas *surfadas*, Rosa Salva Francesco, pela ajuda, paciência e amizade durante todo o processo necessário à realização do presente estudo.

Índice Geral

Índice Geral

| | |
|---|------|
| Agradecimentos | III |
| Índice de Quadros | IX |
| Resumo | XI |
| Abstract | XIII |
| Résumé | XV |
| Glossário | XVII |
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Revisão da Literatura | 7 |
| 2.1. O Surf – Uma breve história | 9 |
| 2.2. <i>Tow-In</i> – Surf em ondas gigantes | 16 |
| 2.3. Surf extremo como forma de superação | 19 |
| 2.4. Surf – Um desporto de risco | 25 |
| 2.4.1. O Risco | 25 |
| 2.4.2. Situações concretas de risco – Acidentes e | 38 |
| morte no surf | |
| 3. Campo Metodológico | 51 |
| 3.1. Surf e sua envolvência – Descrição densa do surf | 54 |
| 3.2. Grupo de estudo | 76 |
| 3.3. <i>Corpus</i> de estudo | 77 |
| 3.4. As entrevistas | 77 |
| 3.4.1. Construção das entrevistas | 80 |
| 3.4.2. Realização das entrevistas | 87 |
| 3.5. Análise de Conteúdo | 88 |

| | |
|--|------------|
| 3.5.1. Categorização – Construção das categorias de Análise de Conteúdo | 92 |
| 3.5.1.1. Categoria A – Objectivos/Razões da prática | 96 |
| Sub-Categorias: | 96 |
| 3.5.1.1.1. A1: Sensações | 96 |
| 3.5.1.1.2. A2: Superação | 97 |
| 3.5.1.2. Categoria B – Perigo/Controlo | 98 |
| 3.5.1.3. Categoria C – Risco: importância e representação na prática | 99 |
| 4. Apresentação e Discussão dos Resultados | 101 |
| 4.1. Análise das Categorias | 104 |
| 4.1.1. Categoria A – Objectivos/Razões da prática | 104 |
| Sub-Categorias: | 104 |
| 4.1.1.1. A1: Sensações | 104 |
| 4.1.1.2. A2: Superação | 109 |
| 4.1.2. Categoria B – Perigo/Controlo | 113 |
| 4.1.3. Categoria C – Risco: importância e representação na prática | 118 |
| 5. Conclusões | 127 |
| 6. Referências Bibliográficas | 133 |
| 7. Anexos | 143 |
| Anexo A – Guião das entrevistas realizadas | XXV |
| Anexo B – Sistema Categorical | XXIX |

Índice de Quadros

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Informação relativa aos surfistas entrevistados | 77 |
|---|----|

Resumo

Actualmente, vivemos numa sociedade considerada de risco. Sendo o desporto um espelho da sociedade na qual nos inserimos, este conceito encontra-se presente num conjunto de modalidades desportivas consideradas de risco, entre as quais o surf de ondas grandes. Nesta actividade extrema os perigos são reais e significativos, podendo o mais pequeno erro durante a sua prática acarretar graves consequências à integridade física do praticante, ou até mesmo a morte. No surf de ondas grandes, os *Big-Riders* lançam-se em ondas de enormes dimensões através da força da remada humana ou por reboque de um *jet-ski (Tow-In)*, deslizando na *parede da onda*. De acordo com esta perspectiva, pretendeu-se determinar qual ou quais os objectivos a alcançar pelos *Big-Riders*, aquando da prática do surf neste tipo de ondas, bem como compreender o modo como o risco é vivido por estes surfistas. Para tal, procedeu-se à realização de uma descrição densa do surf, para obter uma noção mais clara desta prática e sua envolvência, bem como à aplicação de entrevistas semi-estruturadas a surfistas de ondas grandes. Depois de transcritas e tratadas, as entrevistas foram sujeitas a uma Análise de Conteúdo, de onde surgiram as seguintes categorias: Categoria A – Objectivos/Razões da prática (Sub-Categorias: A1: Sensações; A2: Superação); Categoria B – Perigo/Controlo; Categoria C – Risco: importância e representação na prática. Como principais conclusões, podemos dizer que os *Big-Riders* procuram, no surf de ondas grandes, experienciar várias sensações em simultâneo, com brevidade e muita intensidade no momento, havendo uma tentativa constante em voltar a sentir e viver melhores momentos. Quanto ao modo como estes praticantes vivem e interpretam o risco, verificou-se a presença de um sentimento onde medo e respeito se relacionam, concluindo-se que o *Big-Rider* não adopta uma postura inconsciente aquando do surf em ondas de enormes dimensões. Relativamente à importância do risco para o praticante, verificou-se uma valorização do risco por parte destes surfistas, assumindo-se este aspecto como uma “chama” para um futuro regresso do praticante à modalidade. Perante o exposto, este conceito parece ser compreendido pelos praticantes como algo inerente à modalidade, benéfico e positivo.

Palavras-Chave: surf de ondas grandes, risco, sensações, controlo, superação.

Abstract

Nowadays, we live in a risky society. Once sport also reflects our society, risk exists in many sporting activities, such as the big waves surf. Dangers are real and serious in this extreme activity, as a small mistake in its practice can origin serious consequences to the physical integrity of the surfer, even his death. In the big waves surf, the *Big-Riders* row themselves on enormous waves or by *jet-ski (Tow-In)*, sliding on the wall of the wave. Considering this, I tried to find what the *Big-Riders* wanted to achieve when surfing on these waves, as well as understand how risk is taken by these surfers. For that, I made a thick-description of surf as precise as I could to get its meaning and involvement and made semi-structured interviews with some surfers of big waves. I sorted through them and developed a content analysis of the transcribed interviews, from which emerged the following themes: A – Objectives/Reasons for practice (Sub-Categories: A1: Sensations; A2: Overcoming); B – Danger /Control; C – Risk: importance and performance. As for conclusions, I can say the *Big-Riders* search for simultaneous sensations, short and intense in the moment, and try to experience them again and again, if possible with more satisfaction. As for the way they feel and take the risk, fear and respect are related, meaning the *Big-Riders* are not unconscious. They value the risk and it is a *flame* for their return to the practice. Consequently, this concept has been considered by the surfers as something implicit in the surf, good and positive.

Key Words: big waves surf, risk, sensations, control, overcoming.

Résumé

Actuellement, on vit une société considérée de risque. Le sport est un miroir de la société où nous vivons, et cette idée est présente dans beaucoup de modalités sportives envisagées de risque, comme par exemple, le surf de grandes vagues. Dans cette activité extrême, les dangers sont réels et importants, pouvant le plus petit erreur provoquer des problèmes graves pour la vie de la personne ou même la mort. Dans le surf de grandes vagues, les *Big-Riders* se lancent dans les vagues de grandes dimensions pour la force humaine ou pour le traîne d'un *jet-ski (Tow-In)* qui glisse dans la vague. D'accord avec cette perspective on prétend savoir quels sont les objectifs que les *Big-Riders* veulent acquérir, quand ils pratiquent le surf dans ces vagues, et au même temps comprendre comme ces personnes vivent le risque. Alors on a réalisé un étude le plus complète possible du surf pour avoir une meilleure connaissance de cette modalité, et on a fait des enquêtes demi-structurées à surfistes de grandes vagues. Les enquêtes transcrites et traitées après ont été classifiées dans les classes suivantes: Classe A – Objectifs/Raisons de la pratique (Sub-Classes: A1: Sensations; A2: Surpassement); Classe B – Danger/Contrôle; Classe C – Risque importance et représentation dans la pratique du surf. Alors, on peut deduire que les *Big-Riders*, cherchent dans le surf de grandes vagues, vivre au même temps diférentes sensations, brèves et intenses, désirant toujours vivre et sentir meilleurs moments. Ce qui concerne la manière comme ces sportifs vivent et envisagent le risque, on a vérifié un sentiment où la peur et le respect cohabitent, parce que le *Big-Rider* n'est pas inconscient quand il pratique le surf de grandes vagues. L'importance du risque pour ces praticants du surf est tellement valorisée qu'elle devient une "flamme" pour le retour du praticant à la modalité. Cet aspect est entendu pour les praticants du surf comme faisant partie de la modalité, positif et bienfaisant.

Paroles-Clés – surf de grandes vagues; risque; sensations; contrôle; surpassement.

Glossário

Aloha – coordenação entre a mente e o coração do indivíduo, emitindo pensamentos, emoções e sentimentos positivos, compartilhando a bondade com os outros. Este termo significa compartilhar (alo) com alegria (oha) da energia da vida (ha) no presente (alo). Referência bem conhecida da atitude de aceitação amistosa pela qual as Ilhas Havaianas são famosas.

ASP – Association of Surfing Professionals, organização internacional dos surfistas profissionais.

Backside – executar movimentos de costas viradas para a face da onda, ou *surf*ar de costas para a onda.

Big-Rider – surfista de ondas grandes

Bodyboard – prancha de material esponjoso com cerca de 39 a 42 polegadas, podendo haver maior ou menor, a partir da qual o surfista desce a onda deitado ou de joelhos.

Bodyboarder – praticante de *bodyboard*. Recorre à prancha e *pés-de-pato* para se movimentar na água e entrar nas ondas.

Botins de neoprene – equipamento colocado nos pés do praticante, com o objectivo de ajudar a manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

Canal – *zona da rebentação*, mais funda, onde as ondas não rebentam, facilitando a passagem para o *outside*.

Chuveirinho – enorme quantidade de partículas de água projectadas pela onda, a partir do momento em que esta começa a quebrar ou rebentar.

Corrente – movimentação da água do mar. Quando se verifica uma forte *corrente*, o surfista deve estar atento e detectar para onde é que esta o arrasta, com o intuito de evitar sérios perigos (ex.: ser arrastado para o paredão e embater contra este).

Crowd – literalmente, multidão. Refere-se a um excesso de surfistas numa determinada praia ou onda.

Drop – lançar a prancha para baixo a partir do topo da onda. Quando a onda é grande ou muito inclinada, descê-la dependerá em grande medida da temporização dos movimentos, requerendo um considerável domínio por parte do surfista.

Dropinar – arranque de um surfista numa onda que já pertence a um outro praticante, retirando-lhe o direito de usufruto.

Duckdive ou Patinho – técnica de passagem da *rebentação*, conhecida por mergulho de pato, permitindo que o surfista se mantenha na mesma posição, sendo pouco ou nada arrastado pelas ondas.

Espumas – espuma produzida pela onda depois de rebentar.

Fato de neoprene/borracha – equipamento utilizado para manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

Feeling – sensação oriunda de apanhar e fluir com a energia da onda.

Frontside – executar movimentos de frente para a face da onda, ou *surf* de frente para a onda.

Goofy – surfista que se mantém sobre a prancha com o pé direito à frente. Equivalente a esquerdino.

Gorro de neoprene – equipamento colocado na cabeça do praticante, com o objectivo de ajudar a manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

Gun – prancha especificamente concebida para uso em ondas grandes, comprida, pouco larga e em forma de lança.

Inside – *zona de rebentação* mais próxima de terra.

Jet-ski – mota de água, utilizada na prática do *Tow-In*, com o intuito de lançar o surfista em ondas de grandes dimensões, as quais seriam humanamente impossíveis de “apanhar” através da simples remada humana.

Kneeboard – prancha de menores dimensões comparativamente a uma de surf, em forma de ovo, através da qual o praticante se desloca de joelhos na onda.

Leash ou Strep – cabo elástico que prende a prancha ao tornozelo ou joelho do surfista.

Licra – t-shirt de fibra sintética de grande elasticidade, de mangas curtas ou compridas, utilizada tanto por fora do *fato* (por exemplo, para impedir que o *fato*, na zona do peito, fique com *parafina* colada) como por dentro deste (por forma a conservar mais o calor corporal).

Lip – crista da onda.

Local – estatuto que se adquire com a regularidade de presença numa determinada onda/praias ao longo dos anos, independentemente da destreza técnica do surfista. É geralmente aceite que um *local* tenha mais direitos sobre a “sua” onda que um visitante.

Localismo – prática territorial exercida pelos surfistas *locais* de determinada praia, que visa excluir surfistas visitantes através de ameaças, intimidações e, ocasionalmente, violência.

Longboard – prancha de bico redondo e dimensões geralmente superiores a 9 pés (3m) de comprimento, que proporciona um surf de linhas mais suaves e lentas, comparativamente a pranchas de menores dimensões.

Luvas de neoprene - equipamento colocado nas mãos do praticante, com o objectivo de ajudar a manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

Mar a fechar – ondas com formação pouco perfeita com potencial para apenas uma ou duas manobras.

Mar agitado/mexido – mar com ondas geralmente grandes e descontroladas, com ventos fortes.

Onda cavada – onda vertical e potente.

Onda cheia – onda com pouca força.

Onda direita – onda que rebenta para o lado direito do surfista, tomando como referência estar dentro de água virado de frente para a praia.

Onda esquerda – onda que rebenta para o lado esquerdo do surfista, tomando como referência estar dentro de água virado de frente para a praia.

Onda poderosa – onda forte, de crista espessa e côncava, geralmente rebentando em águas pouco fundas.

Outside – *zona de rebentação* mais longe da costa.

Parafina ou Wax – mistura à base de *parafina* e vaselina, com o objectivo de criar aderência na superfície da prancha, impedindo o surfista de escorregar.

Parede da onda – parte da onda sem *espuma*.

Pés-de-pato – instrumento de auxílio para a prática do *bodyboard*, ajudando o praticante a entrar na onda e a executar as manobras.

Pico – designação para indicar uma onda/praias ou o ponto onde as ondas começam a partir.

Prioridade – regra de comportamento no mar. Normalmente, o surfista que se encontra mais próximo da *espuma* tem o direito de usufruto da onda, isto é, tem a *prioridade*. O incumprimento desta regra origina, frequentemente, situações de tensão dentro de água.

Quilha – peça utilizada para guiar a prancha, existindo em vários tamanhos e formatos.

Quiver – conjunto de pranchas, com comprimentos e formas ligeiramente diferentes e adaptadas a diversos tipos de onda, pertencentes a um mesmo surfista.

Rail – borda da prancha (onde se mede a grossura).

Raspador – equipamento utilizado para dar mais aderência ao *wax*.

Reef – fundo de rocha ou coral.

Regular – surfista que se mantém sobre a prancha com o pé esquerdo à frente. Equivalente a dextro.

Set – grupo de ondas que se deslocam sucessivamente umas a seguir às outras, após intervalos de mar calmo.

Shortboard – prancha de bico pontiagudo, com cerca de metade do tamanho de uma prancha de *longboard*, que proporciona um surf rápido e explosivo.

Single-Fin – prancha com uma só *quilha*.

Spot – onda ou praia específica.

Surf Report – informação detalhada relativa ao vento (direcção e velocidade), ondulação, tamanho das ondas e temperatura (ambiente e da água) em algumas praias, através da internet.

Surf Trip – viagem com o objectivo exclusivo de fazer surf.

Surfada – sessão de surf.

Tail – extremidade inferior da prancha.

Take-Off – acto de passar da posição deitada para a posição em pé na prancha.

Truster – prancha com três *quilhas*.

Tubo – corredor cilíndrico e oco formado pela crista de certas ondas ao rebenotar, colocando-se e movimentando-se o surfista em alta velocidade dentro da onda.

Twin-Fin – prancha com duas *quilhas*.

Vento Offshore – vento que sopra de terra para o mar, perpendicularmente às ondas e tendendo a torná-las mais côncavas. Um *offshore* suave sobre uma ondulação de dimensões decentes produz geralmente condições soberbas para a prática do surf.

Vento Onshore – vento que sopra do mar para terra. Tende a dificultar a saída para o mar, prejudicando geralmente as condições para a prática do surf.

WCT – World Championship Tour, circuito mundial da elite da ASP.

Webcam – permite a visualização do estado do mar, via Internet, através de uma câmara instalada na praia ou num ponto próximo do *pico*.

WQS – World Qualifying Séries, circuito mundial de apuramento para o WCT.

Zona de rebentação – área onde quebram as ondas, normalmente associada a uma zona branca perto da praia.

Introdução

1. Introdução

O tema referente ao conceito de risco tem atraído a atenção de um número cada vez maior de investigadores, não deixando que este fique no esquecimento. Conforme realça Seigneur (2006), o tema do risco continua a ser alvo de uma grande atenção, seguindo esta tendência as pesquisas efectuadas nesta área. Neste sentido, diversos trabalhos têm sido apresentados no âmbito do risco, sendo exemplo disso os efectuados por Le Breton (2000b), Giddens (2001), Fernandes (2002), Hespanha (2002), Slovic e Weber (2002), Ferreira (2003), Peretti-Watel (2003), Sharland (2006), Smith, Cebulla, Cox, Davies (2006), entre muitos outros. Para além dos autores enunciados, muitos se têm debruçado sobre o estudo do risco em áreas distintas, de entre as quais o desporto, onde este conceito se encontra bem ilustrado através da prática de determinadas modalidades desportivas. A título de exemplo, trabalhos realizados no âmbito do montanhismo, como os de Pereira (2004) e Seigneur (2006) ou até mesmo relacionados com o surf, como o de Stranger (1999) ou estudos apresentados por Lyng (1990), têm demonstrado a pertinência do conceito de risco no campo desportivo.

Assim, e pelo facto de o risco ser uma característica da sociedade contemporânea (Giddens, 2001), várias são as práticas desportivas consideradas de risco, de entre as quais o surf de ondas grandes, estando estas muito em voga na actualidade. Nesta prática específica, o risco é algo iminente e real, podendo ser representado pelos vários perigos que lhe estão inerentes, sendo exemplos disso, e de acordo com Steinman (2003), os seguintes: cortes e lacerações, infecções, cancro da pele, contusões e fractura dos membros superiores e inferiores, dores na coluna vertebral, hipotermia, afogamento, entorses, lesões ao nível dos joelhos, dentes, tornozelos, olhos, pescoço, ombros e ouvidos, traumatismo craniano e ataques de animais marinhos.

Na tentativa de melhor nos elucidar quanto aos perigos e riscos que o surf de ondas grandes envolve, basta atentarmos somente nas consequências

resultantes de uma simples falha do praticante, aquando do *drop*¹ na onda. Perante esta situação, o surfista poderá, por exemplo, desequilibrar-se no *take-off*² e cair, de forma descontrolada e de uma altura considerável, embatendo violentamente contra o fundo de coral, ser atingido pela própria prancha ou *lip*³ da onda. Em qualquer um destes acontecimentos, o desmaio, ou até mesmo a morte imediata, apresentam-se como hipóteses possíveis, assumindo-se ambas como verdadeiras ameaças à integridade física do surfista.

Perante o exposto, consideramos este trabalho muito importante, na medida em que o conceito e percepção do risco sob o ponto de vista do praticante, neste caso de surf, pode ajudar ao debate teórico acerca do mesmo. Para além disso, prestar-se-á um contributo positivo à investigação, uma vez que, segundo Smith, Cebulla, Cox, Davies (2006), há carência de um maior número de estudos relativamente à forma como as pessoas percebem e experienciam o risco. Neste sentido, e acrescentando o facto de vários estudos neste âmbito não serem elaborados de uma forma rigorosa, colocando em causa a fiabilidade dos resultados obtidos (Seigneur, 2006), mais um trabalho nesta área assumir-se-á como uma mais valia.

Neste contexto, e compreendendo a pertinência do presente estudo, este terá como principal objectivo determinar os objectivos pretendidos pelos surfistas de ondas grandes, aquando da prática desta modalidade de risco. Ou seja, após término deste trabalho, espera-se que tenhamos elementos para conhecer as razões e objectivos procurados pelos *Big-Riders*⁴ em desafiar ondas com dimensões gigantescas, ondas estas que, ao mínimo erro cometido, poderão colocar um ponto final na vida do praticante. Desta forma, procuraremos então tomar conhecimento relativamente à forma como o risco é vivido e sentido pelo indivíduo, na prática do surf de ondas grandes.

Para a concretização dos objectivos traçados, e em consonância com os mesmos, o presente estudo encontra-se dividido nas seguintes partes: Revisão

¹ Lançar a prancha para baixo a partir do topo da onda. Quando a onda é grande ou muito inclinada, descê-la dependerá em grande medida da temporização dos movimentos, requerendo um considerável domínio por parte do surfista.

² Acto de passar da posição deitada para a posição em pé na prancha.

³ Crista da onda.

⁴ Surfistas de ondas grandes.

da Literatura, Campo Metodológico, Apresentação/Discussão dos Resultados e Conclusões.

No que concerne ao primeiro ponto, o desenvolvimento da Revisão da Literatura permitirá enquadrar o presente estudo, bem como permitir a aquisição de determinados conhecimentos, fundamentais à reflexão final do trabalho. Assim, nesta primeira fase, é elaborada uma pequena resenha histórica do surf, por forma a transmitir e dar a conhecer uma ideia clara acerca da evolução desta prática ao longo dos tempos. Posteriormente, uma referência à modalidade desportiva que veio revolucionar o mundo do surf e, mais especificamente, prestou o seu enorme contributo ao surf de ondas grandes, o *Tow-In*. Através deste ponto, será transmitida a finalidade desta prática, bem como os benefícios que permitiram lançar o surf numa outra dimensão, quebrando várias barreiras até então existentes nesta prática extrema. Em seguida, será referido o aspecto da superação, presente aquando do surf extremo. Por fim, neste primeiro capítulo, será abordado o ponto que relaciona directamente o conceito de risco com a prática do surf de ondas grandes, elucidando e dando a conhecer a importância e necessidade de estudo deste aspecto na modalidade em questão.

No segundo capítulo deste trabalho, composto pela descrição do nosso Campo Metodológico, apresentamos uma descrição densa do surf, com o intuito de tentar transmitir uma noção clara e vivida do surf e sua envolvência. Seguidamente, é apresentada a constituição do nosso grupo de estudo, bem como o procedimento de recolha e tratamento dos dados, nomeadamente a realização e análise das entrevistas a surfistas. Finalmente, neste capítulo, será descrito e justificado o sistema categorial procedente da Análise de Conteúdo.

Feita a abordagem à metodologia a recorrer neste trabalho, surge o capítulo relativo à Apresentação e Discussão dos Resultados. Neste, e de acordo com as categorias formuladas no capítulo anterior, serão indicados os resultados obtidos, especificamente para cada uma destas categorias e sub-categorias criadas. Será então o momento de apresentar as Conclusões provenientes do presente estudo.

A somar à identificação de todas as partes que compõem este trabalho, será igualmente importante referir a existência de um Glossário, destinado ao esclarecimento de algum termo ou informação duvidosa ou menos clara para quem desconhece os vocábulos inerentes à modalidade do surf. Para além do Glossário, integra-se uma parte destinada aos Anexos, onde se encontra presente o guião utilizado nas entrevistas realizadas aos surfistas, bem como o Sistema Categorical, detentor das unidades de contexto retiradas do discurso dos entrevistados, para a resolução do problema e concretização dos nossos objectivos.

Revisão da Literatura

2. Revisão da Literatura

2.1. O Surf – Uma breve história

A origem do surf remonta há muitos séculos atrás, num grupo de ilhas situadas no Pacífico Sul denominadas Polinésia, não sendo, no entanto, possível determinar a época precisa do seu nascimento (Silva, 2000). Segundo Macedo (2004), desde o séc. XVIII que marinheiros e aventureiros ocidentais descrevem o acto de *surf* como uma prática existente nos povos indígenas havaianos. Farias (2000) refere que o surf é uma cultura procedente do homem polinésio, logo de origem insular. No entanto, e tal como afirma Silva (2000, pp. 6), “existe também uma forte possibilidade que o surf tenha nascido por acidente e que inicialmente foi usado pelos pescadores quando pretendiam trazer os seus barcos para terra”.

Foi então que, em data indefinida, estas habilidades utilizadas no trabalho ou lazer se tornaram uma prática autónoma, uma forma de jogo.

Segundo Kampion (2003), as primeiras pranchas feitas remontam a 200 a.C. e eram construídas com madeira vermelha, havendo dois tipos distintos: as Olo (utilizadas pelos chefes) e as alaia (utilizadas pelos restantes habitantes). Assim sendo e segundo Silva (2000), verifica-se aqui uma diferenciação clara entre os diferentes estratos sociais, sendo o surf uma actividade que inicialmente se encontrava reservada apenas a uma elite e só, posteriormente, terá sido alargado aos restantes elementos da comunidade.

Podemos, pois, perceber que o contacto da população havaiana com o surf remonta já há muitos anos atrás. Porém, segundo Silva (2000), esta prática só foi conhecida na Europa pela primeira vez em 1778, com a chegada da armada inglesa comandada pelo Capitão James Cook.

Macedo (2004) refere que os relatos do Capitão Cook em finais do séc. XVIII, nas suas explorações ao Pacífico, são das primeiras e mais famosas descrições do incrível acto sobre as ondas. De acordo com o mesmo autor, existem muitos outros relatos de exploradores e aventureiros do Pacífico, durante os séculos XVIII e XIX, que descobriram nas ilhas da Polinésia os

primeiros surfistas, referindo que os habitantes destas ilhas demonstravam já na altura um acto insólito nas ondas que provocava uma felicidade natural, muito relatada pelos exploradores.

O Capitão James Cook, aquando da sua passagem pelo Taiti e um ano antes da sua chegada ao Havai, a respeito de um habitante que *surfava* nas ondas com uma canoa, escreveu no seu diário: “não pude deixar de concluir que este homem sentia o prazer supremo ao ser guiado tão depressa e tão suavemente pelo mar” (Kampion, 2003, p. 32).

A colonização deu origem a várias trocas entre a população havaiana e a civilização europeia (armas, metal, entre outros). Porém, nem tudo fora positivo, uma vez que muitas doenças também proliferaram. De acordo com Kampion (2003), a população havaiana ficou reduzida a uns 20%, devido aos vírus e bactérias transmitidas pelos europeus. Deste modo e tal como afirma Farias (2000), surgiu uma “condenação dos missionários ingleses”, em que estes repudiaram veementemente a prática do surf, por variadíssimas razões, entre as quais a associação da actividade ao nudismo (presença do corpo nu na prática do surf) e à religião pagã dos habitantes das ilhas. Com todos estes acontecimentos, durante o século XIX, a prática do surf quase se extinguiu, ficando circunscrita a praticantes isolados e a pequenos enclaves nas ilhas (Silva, 2000).

No início do século XX e como forma de reavivar a chama quase perdida, os havaianos que residiam próximo da praia de Waikiki recomeçaram a *surf* pelo simples prazer que a prática lhes proporcionava (Silva, 2000). Nesta altura, o escritor Jack London instala-se neste mesmo local e, face ao que assistira, publica um livro intitulado “A Royal Sport: Surfing in Waikiki”, contribuindo deste modo para a sobrevivência e divulgação do surf.

Começa-se assim a observar um crescimento gradual desta modalidade, sendo fundado em 1908, por Alexandre Hume Ford, o primeiro clube de surf denominado “The Outrigger Canoe and Surfboard Club” (Silva, 2000). O mesmo autor refere que em 1911, um grupo de nadadores, surfistas e canoístas, funda o clube Hui Nalu, no qual os seus elementos constituintes são maioritariamente havaianos.

Segundo Farias (2000), uma figura que se viria a tornar um dos grandes símbolos do surf, para muitos o pai da modalidade, foi Duke Kahanamoku, uma verdadeira lenda, tendo sido atleta olímpico de natação. Silva (2000) refere que a sua popularidade e fama lhe permitiram divulgar e dar a conhecer esta modalidade na Austrália e na Costa Leste de Atlantic City nos Estados Unidos. A introdução do surf nestes países pode explicar o porquê de estes serem ainda actualmente, juntamente com o Havai, as principais potências da modalidade a nível mundial.

Começou, então, a verificar-se uma evolução gradual no mundo do surf. Nos anos 1930 e mais precisamente em San Onofre, Califórnia do Sul, procurava-se recrear o ambiente vivido na Polinésia, em que os surfistas viviam um pouco à margem da sociedade na qual estavam inseridos, vivendo inteiramente para o surf, de corpo e alma, no espírito *Aloha*⁵ (Silva 2000). O grande objectivo destes surfistas seria então viajar até ao Havai, havendo aqui uma diferença entre eles: aqueles que conseguiam alcançar o seu objectivo e os que não conseguiam lá chegar, limitando-se a ouvir as histórias dos que iam... e voltavam!

O desenvolvimento deste desporto está também intimamente ligado à evolução das pranchas, objecto imprescindível para o acto de *surf*, deslizando nas ondas.

Terá sido após a Primeira Guerra Mundial que se começou a sentir necessidade de alterar a estrutura das pranchas, procurando torná-las mais leves. Tal facto deveu-se à evolução provocada pela pesquisa de novos materiais durante este período da história. Tal como afirma Farias (2000, pág.13), “da prancha de madeira à prancha de fibra de vidro as mudanças foram radicais”.

Várias foram as alterações feitas às pranchas (formato, estrutura, entre outros) ao longo dos tempos, destacando-se uma das principais por Tom Blake, em 1935. Tom Blake acrescentou um estabilizador (*quilha*⁶) na parte

⁵ Coordenação entre a mente e o coração do indivíduo, emitindo pensamentos, emoções e sentimentos positivos, compartilhando a bondade com os outros. Este termo significa compartilhar (alo) com alegria (oha) da energia da vida (ha) no presente (alo). Referência bem conhecida da atitude de aceitação amistosa pela qual as Ilhas Havaianas são famosas.

⁶ Peça utilizada para guiar a prancha, existindo em vários tamanhos e formatos.

inferior da prancha, permitindo assim maior estabilidade direccional ao surfista, evitando, segundo Silva (2000), uma das deficiências sentidas aquando do uso das pranchas clássicas de cauda larga, que diz respeito às muitas derrapagens laterais que se sucediam, que faziam perder o controlo da prancha.

Com o passar do tempo, surge nos anos 1940 a Segunda Guerra Mundial e, tal como tantas outras áreas, também o surf foi afectado. Uma das alterações que surgiram no surf, após esta época, foi o aparecimento dos blocos de poliuretano e da resina de fibra de vidro. Segundo Silva (2000), devido à revolução tecnológica que se fez sentir nesta altura, também as pranchas viriam a beneficiar deste aspecto com o surgimento da fibra de vidro que veio reduzir drasticamente o peso das pranchas. Deste modo, a grande evolução na redução do peso e do seu tamanho surgiria posteriormente com a utilização do poliuretano. Segundo Silva (2000), após diversas tentativas, este “novo” material conseguiu ganhar consistência suficiente para a fabricação de pranchas de surf, através das experiências levadas a cabo por Gordon Clark e Hobie Alter durante os anos 1950, mais precisamente em 1958. Deste modo, as pranchas começam então, a tornar-se cada vez mais pequenas e leves, com *rails*⁷ mais refinados, evoluindo, com isto, o estilo de surf, passando-se da antiga posição estática que caracterizava o surf, para a realização de curvas e alterações das trajectórias. Ou seja, tal como refere Farias (2000), passou-se “do antigo campeão Duke até ao moderno campeão Kelly Slater”. Também Silva (2000) reforça a ideia de que com todas estas alterações nas pranchas, os surfistas começaram a alterar o seu estilo de surf. Por exemplo, a linha de surf executada nas ondas passa a ter mais curvas em oposição ao estilo clássico onde o surfista era mais estático.

Em finais dos anos 1950, início dos anos 1960, pode-se então verificar que esta modalidade se encontra já em alta, tendo muita atenção centrada nela. Como reflexo disso, assiste-se nesta época a um “boom” do surf na Califórnia, tendo sido realizados vários filmes de surf, como por exemplo, *Endless Summer* (Verão sem fim), e tendo surgido bandas musicais, nas quais

⁷ Borda da prancha (onde se mede a grossura).

os elementos constituintes eram surfistas (a mais conhecida de todas elas é, sem dúvida, a dos Beach Boys).

Nos finais dos anos 1960, George Greenought desenhou uma *quilha* revolucionária semelhante às barbatanas de um peixe, fina, curva e mais espessa à frente, comparativamente com a parte de trás das mesmas. Desta evolução surge a *Truster* (prancha com três *quilhas*) inventada por Simon Anderson, cuja finalidade consistia em combinar a estabilidade de uma *single-fin* (prancha apenas com uma *quilha*), com a capacidade de manobra de uma *twin-fin* (prancha com duas *quilhas*), sendo a prancha possuidora de três *quilhas* a forma mais convencional de utilização nos dias de hoje.

Em 1982 nasce a *Association of Surfing Professionals* (ASP), entidade responsável pela orientação e delineamento das directrizes para esta modalidade, tendo sido os seus fundadores Ian Cairns e Peter Townend.

A década de 1990 caracterizou-se por uma globalização da modalidade, dando origem à realização do primeiro circuito mundial e que é ganho pelo australiano Michael Peterson (Silva, 2000).

Nesta mesma época emerge Kelly Slater, a partir de 1992, conquistando o seu primeiro título mundial. Slater possui actualmente 8 títulos mundiais, tendo contribuído também para uma imagem do atleta de surf empenhado, disciplinado e íntegro, tendo também colaborado para um maior impacto da modalidade a nível mundial.

Várias competições têm lugar em todos os continentes, promovendo as associações de cada país um campeonato profissional, que permitem arrecadar pontos na procura de um lugar no circuito mundial.

Com mais de 60 eventos profissionais a nível mundial, a ASP introduz, em 1982, dois sistemas de classificação, o WCT (*World Championship Tour*) e o WQS (*World Qualifying Séries*), que incorporam os 44 melhores surfistas do mundo. Através da acumulação de pontos durante as várias séries do WQS, os surfistas com melhor pontuação nesta mesma competição terão acesso à participação no WCT. Deste modo, a única hipótese do praticante entrar para o circuito mundial é através do WQS, o patamar inferior ao principal circuito ou competição no mundo do surf.

A 4 de Setembro de 1997, Juan António Samaranch, Presidente do Comité Olímpico Internacional, em documento oficial reconhece o surf no seio da família Olímpica (Silva, 2000). Deste modo, a visão do surf a nível mundial deixa de pertencer apenas a uma restrita porção da sociedade, assumindo-se claramente, tal como refere Farias (2000), como um “desporto de massas”. Também em Portugal, o surf “ocupa um destaque nas novas modalidades fazendo com que muitos jovens optem por esta prática desportiva” (Silva, 2000, p.12).

Em 2004, a ASP irá dar maior destaque a todas as disciplinas deste desporto: o Campeonato do Mundo de *Longboard*⁸ realizado em França, com grandes nomes como o de Joel Tudor, que arrecadou aqui o seu segundo título mundial. Na primeira semana de Janeiro de 2005 realiza-se o Billabong World Junior Championships em Narrabeen, Austrália. O circuito mundial feminino (WCT) teve uma etapa nas ilhas Fiji, França, Califórnia e duas no Hawaii, enquanto que o Campeonato do Mundo Masculino, continuava a oferecer um vasto leque de eventos internacionais.

Perante o exposto, percebe-se então que o surf se torna numa modalidade reconhecida em todo o mundo, onde os níveis de competitividade começam a aumentar, procurando o atleta atingir cada vez mais e melhores resultados. Como forma de facilmente se verificar este aumento da competitividade, que conduziu a uma procura da perfeição técnica por parte do surfista, podemos atentar no que refere Macedo (2004). Segundo este autor, vários surfistas têm solicitado a ajuda de um conhecido Professor de Bio-Mecânica, o australiano Martin Dunn. Através de um sistema de análise em vídeo dos surfistas atletas que lhe solicitam ajuda, Martin Dunn segmenta todas as manobras e faz uma análise individual à execução de cada uma.

Associado a esta busca pela máxima performance, levada a cabo pelo atleta, há um aumento da espectacularidade, o que leva ao aparecimento de patrocínios e ao aumento do interesse dos *media* pela modalidade. Deste modo, as responsabilidades do atleta aumentam uma vez que, para além dos

⁸ Prancha de bico redondo e dimensões geralmente superiores a 9 pés (3m) de comprimento, que proporciona um surf de linhas mais suaves e lentas, comparativamente a pranchas de menores dimensões.

seus objectivos pessoais, não se pode esquecer que está também a representar uma ou mais marcas. Estamos, pois, perante um ciclo vicioso.

Por outro lado e vendo esta modalidade de uma outra perspectiva, esta crescente estruturação deixa de fora muitos surfistas que preferem outro tipo de prática menos exigente e estruturada, do ponto de vista da formalização. Uma prática que lhes permita liberdade na acção e gozo das próprias ondas.

No mundo competitivo, a procura de uma melhor classificação (pontuação) é um dos principais objectivos a alcançar para todos aqueles que pretendem adquirir alguma recompensa monetária ou reconhecimento social, entre outros aspectos. Para isso, o atleta terá então que treinar e aplicar-se afincadamente por forma a “polir” todas as arestas técnicas, procurando assim torná-la o mais perfeita possível. Em contrapartida, num mundo onde os resultados, as medalhas ou o aspecto financeiro não são o ponto principal, o indivíduo terá como preocupação outro tipo de objectivos. Este sujeito, desprovido de qualquer tipo de recompensa material, rejeita portanto a sua entrada num mundo mais fechado e limitado a esta ou àquela manobra, tendo que a realizar dentro de determinados parâmetros técnicos que certamente o obrigariam a repetir centenas ou milhares de vezes a mesma técnica. Deste modo, o seu interesse tenderá a quebrar as barreiras da pontuação e classificações, para se aproximar mais de um lado onde a camaradagem, o espírito *Aloha* e a busca de novas sensações, emoções e experiências prevaleçam de uma forma mais acentuada.

Uma destas vertentes, aliás uma das vertentes do surf mais extremo, é o *Tow-In*, uma prática onde a onda é o principal desafio, sendo o objectivo principal do surfista “apanhar” a maior e melhor onda já alguma vez *surfada*⁹, por forma a experienciar o prazer máximo e como forma de superar o seu próprio limite interior.

⁹ Sessão de surf.

2.2. *Tow-In* – Surf em ondas gigantes

No mundo do desporto, o Homem sempre procurou incessantemente superar-se a si próprio, ultrapassando os seus próprios limites. Segundo Conway (1993), o único argumento lógico justificativo deste comportamento humano, deve-se à excitação provocada pelo próprio risco, ou seja, a sensação de adrenalina sentida pelo praticante, que acompanha a sua sobrevivência após um acto perigoso. Nesta perspectiva, o surf não foge à regra, tendo surgido uma modalidade que se constitui como a única via para *surf*ar ondas até então impensáveis pelo ser humano. A manifestação máxima do surf é praticada através do *Tow-In*, modalidade na qual se recorre ao uso de um *jet-ski*¹⁰ para lançar o surfista em ondas de grandes dimensões, as quais seriam humanamente impossíveis “apanhar” pela simples remada do surfista.

O termo *Tow-In* provém da Língua Inglesa, significando na nossa língua materna “rebocar”. Esta modalidade veio trazer maior espectacularidade e radicalidade ao surf, provocando um maior impacto deste na sociedade, contribuindo positivamente para um maior interesse dos *media* e patrocinadores.

Segundo Alladio (2004)¹¹, o *Tow-In* representa uma modalidade relativamente recente, tendo sido desenvolvida através dos esforços levados a cabo por Laird Hamilton¹² e pela “Strapped Crew surfers”¹³ no Havai no início dos anos 1990.

Para o *Tow-In*, o surfista necessita de uma prancha “especial”, com duas fitas colocadas na parte superior da prancha, uma à frente e outra atrás, onde coloca os pés, por forma a reduzir o risco de queda, e uma corda presa à mota de água, devendo uma das extremidades ser agarrada pelo surfista, permitindo ser puxado pelo *jet-ski*. Para além disso, são necessários *jet-skis* munidos com uma prancha e corda de resgate, rádios à prova de água, um barco com um

¹⁰ Mota de água, utilizada na prática do *Tow-In*, com o intuito de lançar o surfista em ondas de grandes dimensões.

¹¹ Alladio (2004), disponível em [<http://www.towsurfer.com/about.asp>].

¹² Conhecido como um dos mais importantes surfistas de ondas grandes (Big Wave Rider), considerado, por muitos, como um verdadeiro Watermen.

¹³ Equipa de surfistas de ondas grandes e praticantes de *Tow-In*.

médico a bordo, equipamentos de primeiros socorros (ex.: com colares de pescoço, prancha de imobilização) e unidade de oxigénio, devendo também estar munidos de um colete salva-vidas, todos os que tentarem a sua sorte nessas ondas. Para além de todo o material necessário, há também a necessidade de ter pessoas altamente treinadas, tanto para se lançarem nas ondas gigantes, como os elementos que compõem toda a restante equipa. Assim sendo, surfista e piloto de resgate serão sujeitos a um treino conjunto e rigoroso, para que todas as suas acções e movimentação na água se combinem perfeitamente aquando da altura de lançar o surfista nas ondas. Romeu Bruno¹⁴, quando entrevistado por Araújo (2004)¹⁵ refere que neste trabalho em equipa, a responsabilidade é dividida equitativamente entre piloto e surfista, tendo cada um determinadas condutas a respeitar para evitar sérios acidentes. O mesmo continua, referindo que a falta de comunicação entre ambos é fatal.

Para além da função de rebocar o surfista nas ondas, o piloto do *jet-ski* terá também como tarefa recolher o atleta, caso surja algum problema (ex.: surfista desequilibra-se e cai na *parede da onda*¹⁶). No entanto e acrescentando às duas tarefas vitais referidas anteriormente, o *jet-ski* é também muito útil, na medida em que permite colocar mais facilmente o praticante no *pico*¹⁷, uma vez que, em alguns locais de difícil acesso, seria bastante difícil ou mesmo impossível alcançá-lo em remada.

O treino exigido por esta modalidade pode ser realizado em qualquer lugar onde haja ondas. No entanto, ondas com pequenas dimensões têm sido particularmente utilizadas para este efeito, havendo alguma dificuldade em seleccionar um determinado local para treinar, uma vez que se existirem outros surfistas a praticar surf no local onde se pretende efectuar o treino para o *Tow-In*, este estará comprometido por razões óbvias (ex.: motas de água a circular a alta velocidade, próximo dos surfistas que se encontram na água). Deste modo,

¹⁴ Experiente nadador-salvador, tendo sido um dos pioneiros na introdução do *Tow-In* no Brasil.

¹⁵ Araújo (2004), disponível em [http://waves.terra.com.br/towinworldcup/layout4.asp?id=11870&sessão=twc_news]

¹⁶ Parte da onda sem *espuma*.

¹⁷ Designação para indicar uma onda/praias ou o ponto onde as ondas começam a partir.

o ideal para efectuar este treino será então ocupar uma praia “deserta”, onde não haja outros praticantes de surf.

Para além das capacidades e experiência necessárias para praticar *Tow-In*, é imprescindível também toda uma coordenação e planeamento rigorosos, não abdicando de um ponto crucial, que diz respeito ao trabalho em equipa, primordial nesta modalidade, com vista a reduzir ao máximo todos os riscos que lhe estão inerentes. Romeu Bruno na referida entrevista, quando questionado acerca da definição que atribuiria a esta modalidade, afirma que “é um esporte de equipe, a fórmula 1 do surf”.

Como se constata facilmente, o *Tow-In* constitui uma modalidade de alto risco, não estando disponível o seu acesso a todos aqueles que têm vontade, mas somente àqueles que, para além disso, têm capacidade e aptidão para tal (físicas e psíquicas). Os riscos inerentes a esta modalidade são claros, podendo, o mínimo erro cometido, dar origem a uma situação que poderá colocar em risco, não só a vida do surfista mas também a do piloto. Assim sendo, todo o surfista deverá ter sempre presente a possibilidade de ocorrência de várias situações de risco, como por exemplo, perder os sentidos por falta de ar e conseqüentemente morrer afogado, cair a aproximadamente 80 km/h na água e deslocar ou fracturar um membro, bater no fundo de coral e sofrer lacerações ou rodar com o *lip* e no impacto contra a água lesionar-se ao nível do pescoço. Tal como referido anteriormente, não só o praticante poderá pagar o preço desta aventura com a própria vida, como também o piloto estará sujeito a sofrer graves lesões, ou até mesmo perder a vida, ao participar nesta modalidade. De facto, na tentativa de rebocar um surfista que caiu e se encontra na zona de impacto, o piloto terá que se colocar na frente da próxima onda, na tentativa de resgatar o seu companheiro. A título de exemplo, este poderá ser atingido pela *espuma*¹⁸ da onda ao tentar rebocar o surfista, caindo da mota e podendo ficar submerso durante longos minutos; lesionar-se ou fracturar algum membro, caso sofra o impacto da onda.

Entre os lugares mais famosos para a prática desta modalidade estão Jaws, no Havai, Mavericks, na Califórnia e Teahupoo, no Taiti.

¹⁸ *Espuma* produzida pela onda depois de rebentar.

Actualmente, o recorde da maior onda *surfada* no mundo pertence a Carlos Burle, brasileiro, que em Novembro de 2001, em Mavericks, na Califórnia, *surfou* uma onda com 68 pés (cerca de 22 metros de altura). No entanto, para tal feito passar de sonho a realidade, foi necessário recorrer ao *Tow-In*.

É possível então reconhecer-se que esta modalidade se constitui como uma actividade de risco extremo, podendo colocar em causa a própria integridade física de todos aqueles que se aventurarem a *surf* ondas “gigantes”.

2.3. Surf extremo como forma de superação

Como pudemos verificar no capítulo anterior, o surf de ondas grandes é a vertente extrema da modalidade, recorrendo-se para isso ao auxílio do *Tow-In*. Observando atentamente os aspectos que a compõem, é através da sua vertente extrema que o surfista de ondas grandes ou *Big-Rider* parte em busca do seu limite interior, da superação das próprias barreiras interiores. Através de tal manifestação poderosa da Natureza, este atleta conseguirá obter sensações e emoções que, em ondas pequenas, talvez sejam impossíveis de sentir. Na realidade, esta necessidade do surfista enquadra-se numa das necessidades mais profundas do próprio homem, a de se superar continuamente, isto é, a necessidade de travar uma luta interior contínua entre o que já atingiu e o que poderá vir a alcançar. O Desporto é bem um campo onde o homem se pode sempre superar. De facto, apesar das transformações do Desporto ao longo do tempo¹⁹, a verdade é que o espírito de superação, defendido por Coubertin, prevalece como um dos mais preciosos valores morais do desporto, revelando-

¹⁹ O desporto tem sofrido várias transformações no seio da sociedade contemporânea, não partilhando, segundo Silva e Rubio (2003), os atletas grego antigo, moderno e contemporâneo do mesmo ideal. Costa (1993) vai de encontro ao defendido por estas autoras, referindo que o desporto antigo e moderno possuem características nitidamente distintas. Para o mesmo autor, o desporto antigo encontrava-se profundamente marcado pelo aspecto lúdico, fazendo deste um culto do corpo, ao contrário do desporto moderno que, afastando-se desta ligação ao ludismo, surge principalmente como um culto do progresso.

se esta busca pelo perfeccionismo como algo fundamental (Silva e Rubio, 2003). Esta ideia é reiterada por Pereira (2007), ao referir que a superação se entrevê na necessidade de ultrapassar obstáculos, uma necessidade intrínseca do homem, transmitindo assim a ideia de um progresso contínuo e que, no caso específico do surf, é expressa pela procura de ondas grandes.

Numa sociedade profundamente marcada pela evolução, progresso e avanços, a nível da ciência e técnica, também no desporto se reflecte esta tendência, não fosse o desporto um verdadeiro “espelho” da sociedade. Tal como Costa (1993) refere, o desporto pode ser entendido como um modelo reduzido da sociedade industrial. Desta forma, no universo desportivo, reflexo da noção de progresso contínuo surgida na era moderna e que ainda hoje se faz sentir na sociedade contemporânea, anseia-se a progressão e melhoria constantes, procurando o indivíduo atingir cada vez mais e melhores resultados pessoais, com o intuito de superar as suas próprias barreiras. Nesta investida no sentido de uma superação e melhoria constantes, o fenómeno desportivo assume um papel crucial, pois, como salienta Garcia (1993), o desporto é um meio que permite que o homem contemporâneo se supere, se descubra e ultrapasse os seus próprios limites.

Neste campo da superação, e apesar das várias definições encontradas para este tema, será aceite no âmbito deste trabalho a proposta por Bento (1995) que transmite a noção do homem livre que se ultrapassa a si próprio num esforço supremo, espiritualizando as suas forças físicas, numa harmonia interior absoluta, elevando-se às esferas do belo, do bem, do ideal e do perfeito.

Adicionalmente, quando falamos em superação, não podemos deixar de parte um outro conceito, deveras importante neste contexto, que diz respeito ao limite que, segundo Pereira (2007), se apresenta como uma necessidade antropológica. No mundo desportivo e, por conseguinte, na vertente mais extrema do surf, o homem procura sempre alcançar o máximo, o topo, ultrapassando os seus próprios limites, superando as suas barreiras interiores. Neste contexto, a prática desportiva assume-se com um espírito de superação de limites, apresentando-se este conceito como uma característica inerente ao

desporto moderno, e materializando-se sob a forma de recordes (Silva e Rubio, 2003). Neste conceito, surge assim da ideia de superação aliada ao progresso contínuo bem patente na modernidade.

O recorde, segundo Costa (1992), é um símbolo fundamental do desporto moderno, sendo a obsessão na busca contínua de novos recordes um dado caracterizador da modernidade. Este símbolo, de acordo com o mesmo autor, é uma consequência da evolução do desporto e sua integração numa sociedade fundada sobre um tríptico princípio fundamental: eficácia, rendimento e progresso. Na perspectiva de Costa (1993), para além do rendimento se revelar como o princípio-base da sociedade industrial, este constitui-se igualmente como o motor e alma do sistema desportivo moderno. Assim e segundo o mesmo autor, afirmando-se o princípio de rendimento como centro de gravidade, princípio este caracterizador de um verdadeiro modelo de análise da sociedade actual, o desporto moderno pode ser considerado como uma representação simbólica da sociedade industrial, funcionando na lógica da produção, concorrência, maior eficácia e de um progresso que se pretende ininterrupto. Desta forma, o desporto é encarado como o caminho da ascensão ininterrupta em direcção ao topo, à melhor prestação, indo assim de encontro à máxima: *citius, altius e fortius*. Esta expressão assume-se como representativa daquilo que foi o nascimento do desporto moderno com a realização dos Jogos Olímpicos, implementados por Pierre de Coubertin. Por conseguinte, esta máxima é, de facto, reflexo da modernidade e da era industrial, sendo o desporto moderno detentor de um conjunto de princípios que se constatarem mesmo na nossa época. Com efeito, apesar de assistirmos a transformações no desporto, quer na sua forma quer nos seus sentidos²⁰, a verdade é que persistem alguns dos valores que caracterizam o desporto moderno.

²⁰ As actividades desportivas, lúdicas e corporais sempre se apresentaram ao longo da história humana, continuando nos dias de hoje, a serem portadoras de um carácter multidimensional (Bento, 1999). Neste âmbito e baseando-nos em Bento, a prática desportiva encerra em si duas ideias fundamentais: *polimorfia* e *polissemia*. No que se refere ao primeiro termo, *polimorfia*, o desporto pode ser praticado sob diferentes formas, como por exemplo, e no caso específico do surf, há a possibilidade de se *surfarem* ondas pequenas, bem como se poderão, pelo contrário, *surf*ar ondas de grandes dimensões, recorrendo-se ao *Tow-In*. Relativamente à *polissemia* no desporto, uma mesma prática desportiva pode ser realizada com sentidos diferentes, tendo como exemplo no mundo do surf, alguns surfistas que praticam esta modalidade apenas para pertencerem e se integrarem num determinado grupo social, outros o

Um dos princípios mais marcantes no desporto moderno diz respeito à conquista do recorde, à luta contra uma marca ou resultado atingido pelo adversário. No entanto, e tal como defende Costa (1994), mais importante do que bater um recorde de um oponente, é procurar vencer continuamente o próprio recorde pessoal. Este aspecto traduz, segundo o mesmo autor, o projecto individual de cada sujeito, na busca incessante de si próprio, sendo esta uma das grandes motivações no mundo do surf e, mais especificamente, no surf de ondas grandes. Aqui, o surfista procurará não só descobrir onde quebram as maiores ondas mas, para além disso, ser capaz de as *surf*, atingindo assim novos recordes, superando as suas próprias barreiras interiores.

É neste contexto que nos surge a ideia contemporânea de Natureza defendida por Garcia (1997), isto é, uma coexistência entre o homem e a Natureza que se pretende pacífica. Decorrente desta ideia e ao contrário da maioria dos desportos, no surf o praticante não deseja combater, defrontar ou agir contra as forças da Natureza, muito pelo contrário, procura aproveitar a força desta em seu proveito, mantendo uma relação de harmonia com a mesma aquando da busca de sensações extraordinárias. Tal como afirma Pereira (2004), é nas ondas do mar, nas marés, nas estações do ano, nos ventos, no fruir do momento, que se encontram os aspectos cruciais de vários desportos que têm vindo a aumentar significativamente o seu número de praticantes nos últimos anos, sendo exemplo disso o surf, no qual, na perspectiva de Garcia (1996), o seu objectivo se encontra intimamente ligado aos ritmos da Natureza.

É possível reconhecer-se em várias actividades físicas, como no surf, algumas das características da contemporaneidade, nomeadamente, a procura de um (re)encontro com a Natureza, de um (re)encontro de si próprio, associado à realização pessoal, à busca de sensações novas relacionada com a noção de fruição sem esforço e com a ideia de viver o momento presente de forma intensa e prazenteira (Pereira, 2004). Na mesma linha de pensamento,

fazem principalmente para treinar, com o intuito de potenciarem ao máximo as suas capacidades e apetências no surf, enquanto outros praticantes têm como principal objectivo o lado competitivo desta modalidade, não integrada, esta última, no propósito deste estudo.

Garcia (1997) afirma que, em determinadas actividades físicas, se verifica uma valorização do prazer na prática em si mesma, em detrimento do dever e do esforço, uma vez que, ao contrário de se combaterem as forças da Natureza, como por exemplo, o tempo ou a gravidade, se procura o seu acompanhamento. Neste sentido, parece então constatar-se que, mais importante do que vencer as forças da Natureza, característica esta inerente ao desporto moderno, será, pelo contrário, procurar fruir o momento, numa relação de íntima harmonia e tranquilidade entre o ser humano e a natureza.

Estas actividades desportivas, e no caso específico do surf, são consideradas como práticas de deslize (Loret, 1995), cuja participação, na perspectiva de Almeida (1999), por um lado expressa o desejo em atingir uma sensação de bem-estar elevado, enaltecendo-se o prazer da prática e da próxima relação com a Natureza e, por outro lado, desvaloriza-se a obtenção de rendimentos padronizados, assim como a procura de técnicas de execução com vista à obtenção de resultados e classificações. Assim, e reportando-nos de forma mais específica ao surf, os resultados obtidos nesta modalidade, à excepção das competições²¹, não são atribuídos através de marcas, de forma numérica, sendo estes traduzidos em sensações individuais e de prazer extraordinárias. Desta forma, estes desportos apresentam-se na condição de “irreprodutíveis”, constituindo-se como verdadeiros e sucessivos desafios (Garcia, 1996), independentes de cronómetro e confronto, privilegiando o treino livremente escolhido. Com isto, a Natureza funciona para o indivíduo como um objecto de desfrute, algo que o acompanha lado a lado durante a sua jornada em busca de emoções e sensações únicas, aproveitando-se, no caso específico do surf, a força das ondas em prol da fruição e desenvolvimento pessoais.

Nesta relação entre a Natureza e o ser humano, as vertentes física e psicológica do surfista, aliadas à técnica e aos avanços tecnológicos no desporto, fruto também do progresso da sociedade, possuem um papel crucial para que o sujeito esteja à altura de tornar a fruição do momento em algo prazenteiro e extraordinário, contribuindo para que nada de grave aconteça

²¹ Apesar do lado competitivo presente no surf, esta sua vertente não se constitui como um dos objectos de estudo para este trabalho.

(ex.: durante o aproveitar do movimento da onda, durante o deslize do surfista na mesma, caso este não esteja preparado física e psicologicamente para tal acção, poderá cair, havendo a possibilidade de ocorrência de lesões graves), sendo capaz, por conseguinte, de potenciar as hipóteses de superar os seus limites. Como sublinham Silva e Rubio (2003), o que permite a um atleta quebrar barreiras, alcançando o que muitas vezes parece ser impossível, é um conjunto de factores a nível técnico, físico, material e psicológico que, quando bem trabalhados, ampliam muito os seus limites.

Assim sendo, na tentativa de alcançar tais feitos “impossíveis”, o Homem convive intimamente com o limite, caminhando sempre na linha do extremo, aceitando este compromisso e possuindo uma vontade interior, que lhe permita superar todos os entraves e receios que da caminhada neste seu percurso advêm, indo até ao limite imposto por si próprio. É também por esta razão que para Pereira (2007), apesar das adversidades provenientes da contingência, o praticante aceita o caminho a percorrer, projectando-se numa outra dimensão da sua existência. Neste longo caminho de riscos a percorrer e, no caso específico do surf em ondas grandes, a superação contínua e o *dropar* ondas cada vez maiores, parecem ser aspectos fulcrais para os *Big-Riders*, aquando desta prática extrema.

No entanto, nesta incessante ambição em atingir patamares cada vez mais elevados, em *surf*ar ondas cada vez maiores, o preço a pagar poderá ser aterrador e catastrófico, incluindo mesmo a própria morte do atleta. Contudo, e segundo Le Breton (2000a), a tentativa de chegar mais longe, elevar o seu recorde, colocar-se num ponto mais inacessível e “forçar” por vezes o corpo são formas de legitimar a necessidade do esforço, sem o qual a vida não teria mais sentido.

Assim, por um lado, as enormes ondas *dropadas* pelos surfistas proporcionam inúmeras sensações de prazer e êxtase durante a sua íntima relação com as forças da Natureza, mas, por outro, podem também conduzir ao temor devido à incapacidade demonstrada pelo sujeito em controlar os riscos inerentes ao ambiente envolvente (ex.: um *drop* com velocidade demasiado rápida para as capacidades do atleta, poderão culminar na sua

queda e conseqüente lesão ou até mesmo morte). Desta forma e segundo Pereira (2007), esta falha a nível do controlo pode levar a um momento onde prazer e receio se misturam, culminando na superação do indivíduo para um estado superior.

Constata-se, então, que a superação se traduz na manutenção de um forte desejo, na esperança da sua concretização e na acção para a sua viabilização, levando este conjunto de atitudes à superação do atleta (Silva e Rubio, 2003), isto é, o processo de superação do indivíduo envolve vários momentos de grande importância, dependendo cada um destes de forma decisiva. Nesta superação dos limites, o praticante tem que possuir uma vontade imensa em o fazer, estar determinado a atingir tal feito e colocar todas as suas forças interiores, tanto a nível físico como psíquico, por forma a que todo este processo decorra em condições excepcionais, sem que nada de grave aconteça, contribuindo para que este momento seja passível de ser recordado futuramente, com grande alegria e satisfação, pelo sujeito.

É neste contexto que fazem sentido as palavras de Costa (1994), para quem o homem é um ser em contínua realização, e esta, só estará concluída, antes do último momento da existência, traduzindo-se esta imagem da superação através da busca contínua pelo recorde. Continuando o mesmo autor, somente quando o homem atingir definitivamente o seu último recorde é que se pode dizer que atingiu a plenitude da sua realização pessoal.

2.4. Surf – Um desporto de risco

2.4.1. O Risco

Considerando que a exploração dos limites individuais, como no caso do surf extremo, pode criar situações que colocam os praticantes em risco, afigura-se-nos fundamental a conceptualização deste termo.

Na realidade, a noção do conceito de risco tem atraído o interesse de muitos investigadores em diversas áreas, carecendo no entanto de uma maior

clarificação. Apesar dos vários estudos realizados neste âmbito, o risco assume-se como um conceito relativamente recente, sendo mesmo considerado uma das características da era actual.

Na Idade Média, o termo risco era ainda algo desconhecido para o Homem, não dispondo as culturas tradicionais deste conceito, uma vez que não necessitavam dele (Fernandes, 2002). O mesmo autor refere ainda que tal se deve ao facto de, nessa época, se atribuírem as ideias de destino ou da vontade dos deuses a situações que, na contemporaneidade, tendemos a considerar casos de risco. Com o passar do tempo, o conceito de risco foi adquirindo cada vez maior importância à medida que o Homem começa a procurar libertar-se do passado, afastando a ideia de que a causa para todos os acontecimentos, riscos e perigos nos nossos dias se devem unicamente à vontade divina ou são fruto do acaso, da sorte. Assim, falar em “risco” só fará sentido numa sociedade que procura activamente desligar-se do passado, que acredita na causa para além do divino, uma sociedade disponível a abrir portas ao entendimento dos factos como não sendo unicamente fruto da vontade dos deuses e do acaso, sendo esta a primeira característica da civilização industrial da era moderna (Giddens, 2001).

Actualmente, a temática referente ao conceito de risco tem atraído cada vez mais investigadores a debruçarem-se sobre este assunto, ocupando hoje um lugar de destaque na literatura académica das Ciências Sociais. Toda a atenção voltada para esta área deve-se ao facto de, nos nossos dias, o Homem se encontrar inserido numa sociedade na qual o risco está bem presente. À primeira vista, certamente que existem vários riscos inerentes à vida humana, como é o caso, por exemplo, dos riscos de saúde, os quais deram origem à criação de seguros que, segundo Giddens (2001) se constitui como a base a partir da qual o indivíduo se preparara para a panóplia de riscos que lhe possam surgir. Ainda de acordo com o mesmo autor, só fará sentido falar em seguro quando se acredita num futuro construído pelo ser humano, constituindo-se este como um dos alicerces dessa mesma construção. Assim, este autor defende que a ideia de risco sempre andou associada à modernidade, ocupando na época actual uma importância nova e peculiar.

Já na perspectiva de Fernandes (2002), o mundo contemporâneo pode ser considerado de risco, uma vez que do ponto de vista social, económico, político ou da própria natureza, tende a ficar fora do controlo humano, escapando à sua protecção e monitorização. Seguindo o mesmo autor, o risco aparece nas sociedades de hoje de modo endémico, ou seja, é como que uma doença, não havendo um antídoto como cura, isto é, não havendo um consenso, um equilíbrio entre diferentes pensamentos, valores, crenças, ideais, defendidos pelas hegemónias do centro e hegemónias da periferia, não se manifestando apenas como algo exterior à vida das pessoas. Assim sendo, o autor propõe a ideia da presença de um estado de afrontamento geral, susceptível de ser produzido pelo mundo social e político e capaz de atingir diferentes dimensões da realidade social, onde diferentes sociedades colidem umas com as outras e, quando tal é levado ao extremo, poderão resultar manifestações devastadoras (ex.: terrorismo). Na opinião de Fernandes (2002, p. 190): “sociedades de ambivalência, terão de ser necessariamente sociedades de risco”.

Assim sendo e segundo este autor, estão assim criadas as condições para que o risco se constitua como elemento presente nas sociedades humanas, configurando-as sob a forma de sociedades de risco, marcadas por uma forte e constante mudança.

Perante uma sociedade na qual a mudança é característica bem presente, vários são os aspectos que estão fora do alcance e controlo do ser humano, aumentando assim os índices do risco. Segundo Fernandes (2002), o risco associado a toda a acção humana que exija decisão, revela-se tanto mais eminente e ameaçador, quanto mais as formas de actuação escapam a contextos estruturados e definidos.

Para além do referido anteriormente, outro tipo de riscos nos poderão surgir mal pensamos nesta temática, associados às preocupações da maior parte dos cidadãos, como por exemplo, o casamento, constituição de família, as dificuldades em conseguir emprego com que os jovens de hoje se têm que deparar. Com isto, os próprios indivíduos ao longo da sua vida começam, quer tenham ou não consciência disso, a pensar cada vez mais em termos de risco,

tendo ao longo do seu percurso que se confrontar com futuros cada vez mais abertos, comparativamente com os seus antepassados, comportando todas as oportunidades e incertezas que eles acarretam (Giddens, 2001). Também pelas razões indicadas, as sociedades contemporâneas são consideradas, com alguma frequência, como sociedades de risco (Fernandes, 2002), risco este inerente e necessário a uma sociedade que almeja o avanço, o progresso, a mudança, factores caracterizadores da nossa época “globalizante”.

Assim, vivemos hoje numa era caracterizada pela globalização ou mundialização, o factor tanto dinamizador do desenvolvimento como causador das maiores perturbações a nível político e socio-económico (Fernandes, 2002). Seguindo o mesmo autor, não se pode deixar de reconhecer que este é um fenómeno actuante nas sociedades actuais, embora acarrete um conjunto de efeitos perversos a diversos níveis. Segundo Giddens (2001, p. 43): “Viver numa época global significa a necessidade de enfrentar uma série de novos factores de risco”.

De facto, vários são os riscos inerentes a este processo de Globalização que hoje vivemos. Giddens (1998) analisa este lado ameaçador do mundo contemporâneo, tentando traçar um perfil de risco específico da modernidade, referindo os seguintes aspectos: globalização do risco no sentido da intensidade; globalização do risco no sentido do crescente número de acontecimentos contingentes que afectam todas as pessoas ou, pelo menos, um elevado número de pessoas no planeta; risco decorrente do ambiente criado, ou natureza socializada; desenvolvimento de ambientes de risco institucionalizado que afectam as oportunidades de vida de milhões de pessoas; consciência do risco enquanto risco; consciência bem difundida do risco; consciência das limitações da pericialidade.

Tomemos como exemplo o primeiro aspecto referido pelo autor, o da globalização do risco no sentido da intensidade. Na época medieval, o surgimento do inferno e da condenação eterna como destino do descrente após a sua morte era algo “real”. Hoje em dia, os perigos já não são vistos da mesma forma, uma vez que são muito mais catastróficos, comparativamente com os dos nossos antepassados. Assim e indo de encontro ao defendido por

Giddens (1998), a intensidade dos riscos actuais constitui o elemento básico neste lado obscuro e ameaçador das circunstâncias com as quais nos defrontamos na contemporaneidade. De entre os vários perigos aterradores, podemos destacar alguns possíveis e iminentes: guerra nuclear, corrida armamentista entre superpotências, catástrofe ecológica, explosão populacional incontrolável, proliferação de doenças graves e sem antídoto descoberto até à data (ex.: Sida), colapso da troca económica global, radiação resultante de graves acidentes em centrais nucleares ou de lixos radioactivos, poluição química dos oceanos suficiente para destruir o fitoplâncton que renova a maior parte do oxigénio da atmosfera, “efeito de estufa”, destruição de grandes áreas de floresta tropical, esgotamento de milhões de acres de solo arável. Todos estes acontecimentos são, sem dúvida alguma, potenciais catástrofes globais, algo verdadeiramente assustador e aterrador.

No caso específico da possibilidade de ocorrência de uma guerra nuclear, que Giddens (1998, p. 88-89) defende como “o mais potencialmente imediato de todos os riscos globais da actualidade”, os seus resultados seriam devastadores. O mesmo autor refere que, caso tal acontecimento ocorresse, o número de mortes seria catastrófico, podendo um conflito total entre as superpotências exterminar por completo a humanidade. Assim, a ameaça do confronto nuclear e a realidade do conflito militar pairam no ar, constituindo-se como um dos aspectos do lado obscuro da era moderna: o século XX foi assim, um século caracterizado pela guerra (Giddens, 1998).

Neste contexto, e sem desacreditar a importância que o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua expansão pelo mundo tiveram na criação de uma existência segura e compensadora para o ser humano, não podemos fechar os olhos ao facto de a modernidade possuir também um lado sombrio, tornando-se muito evidente na contemporaneidade (Giddens, 1998). O mesmo autor defende, ainda, que apesar da segurança que os mecanismos globalizantes podem assegurar ao homem, novos riscos surgem, deixando recursos e serviços de estar sob o controlo local. Assim e devido ao facto de não poderem ser localmente refocalizados, por forma a combater contingências inesperadas, o risco de todo o mecanismo falhar e

afectar todos aqueles que dele usufruem é iminente. Por conseguinte, os elevados riscos globais, com que o ser humano hoje em dia se depara, constituem-se como aspectos cruciais na constatação de uma “modernidade descontrolada”.

No entanto e apesar do ser humano ter uma ideia do que serão esses acontecimentos e quais as suas implicações, este não possui um conhecimento verdadeiro acerca destas possíveis catástrofes, envolvendo os riscos dados como desconhecidos, podendo ser caracterizados tal como defende Giddens (1998, p. 94), como “irreais”. Com efeito, o mundo só presenciou ainda pequenos exemplos do que podem representar estas “verdadeiras ameaças”, como é o caso, por exemplo, das bombas atómicas em Hiroxima e Nagasaki.

Para além de tudo isto, um outro problema paira no ar, muitas vezes sem rosto, que se reporta ao terrorismo. Um dos casos mais dramáticos e ainda muito presente na nossa memória, diz respeito ao atentado de 11 de Setembro de 2001 nos EUA, no qual dois aviões embateram contra as Torres Gémeas, matando milhares de pessoas. Este fenómeno constitui-se como uma verdadeira ameaça para a humanidade, alastrando-se por todo o planeta e actuando em todo o mundo, não estando ninguém imune à sua acção devastadora e a todos os riscos que ele acarreta.

Perante tudo o que caracteriza a contemporaneidade, fará todo o sentido falar-se actualmente na temática do risco e nas implicações que este pode acarretar para a humanidade.

No entanto e segundo Seigneur (2006), as análises efectuadas em estudos no âmbito do risco nem sempre são realizadas de uma forma muito rigorosa, o que poderá comprometer a fiabilidade dos resultados obtidos.

É por este motivo que Smith et al. (2006) referem que o interesse sociológico relativamente à forma como as pessoas percebem e experimentam o risco carece de um maior número de estudos. Com efeito, aquando da tentativa de definição do conceito de risco, apesar de tal poder parecer tarefa de simples resolução, não o é, havendo para o mesmo termo diversas definições.

Segundo Pereira (2004), embora a maioria das pessoas tenha uma compreensão intuitiva de risco, este é um conceito pouco preciso. Tal ambiguidade é enfatizada por Slovic e Weber (2002), sugerindo estes os seguintes usos: o risco como perigo, o risco como probabilidade, o risco como consequência e o risco como potencial adversidade ou ameaça.

Segundo Seigneur (2006), por trás da determinação do termo “risco” estão presentes vários valores institucionais. Desta forma, a noção e o entendimento do conceito de risco depende do envolvimento em que este se encontra, podendo afectar e conduzir a possíveis diferenças na definição deste mesmo conceito. A mesma autora refere ainda que, investigadores, muitas vezes, ao abordarem a temática do risco chegam a situações paradoxais, tudo devido a uma falha na sua definição.

Um outro aspecto a ter em consideração na definição do conceito de risco diz respeito ao facto de vários investigadores abordarem este tema, uns com dados obtidos no terreno, enquanto outros se prendem mais com percepções sociais, o que pode afectar a informação final obtida por uns e por outros. Segundo Seigneur (2006), a diferença entre a realidade vivida no terreno e as percepções sociais são particularmente proeminentes, uma vez que a maior parte destas pessoas nunca esteve fisicamente no terreno. Através do referido, poderá ser aceite a ideia de que todas estas suposições e “imaginações” poderão conduzir a falsas histórias, imagens e mitos que serão introduzidos e enraizados na sociedade e que nada têm a ver com a real situação.

Nesta perspectiva, tentaremos então, tendo noção das dificuldades com que nos depararemos, compreender um pouco mais acerca do termo “risco”.

Segundo Giddens (2001), a noção de risco, está intimamente ligada às ideias de probabilidade e de incerteza. Para o mesmo autor, não se pode afirmar que um indivíduo enfrenta um risco quando o resultado da acção está completamente garantido. Assim e segundo Seigneur (2006), a incerteza descreve situações onde o resultado é parcial ou completamente imprevisível, havendo possibilidade de os resultados envolverem potencial risco. A mesma

autora continua, referindo ainda que a incerteza é um elemento importante na sociologia do risco, prevenindo pessoas, instituições ou sociedades de agirem.

O termo risco é também muitas vezes relacionado ou confundido com um outro conceito, o perigo. Mas, como nos alerta Giddens, risco não é o mesmo que perigo. O risco refere-se a perigos calculados em função de possibilidades futuras, isto é, estes mesmos riscos são previstos consoante a probabilidade da ocorrência ou não de um determinado acontecimento futuro. O perigo, conforme salienta o autor, está relacionado com acontecimentos de ocorrência iminente e não calculados ou reflectidos previamente pelo homem, sendo óbvia alguma inconsciência aquando da sua realização. Tal noção pode ser clarificada através da afirmação do mesmo autor ao referir que, actualmente, vivemos num mundo assustador e perigoso. Seigneur (2001) vai um pouco de encontro à visão de Giddens, defendendo a ideia de que, por vezes, se confunde comportamentos perigosos, suicidas, criminosos, marginais, etc., com a aceitação do risco. Mas, tal deve ser evitado, para que o nosso ponto de vista não fique, logo à partida, limitado nem dê origem a mal-entendidos.

Muitas destas associações terríficas, ameaçadoras e negativas que são feitas ao conceito de risco, ficam um pouco debilitadas na medida em que, em algumas actividades desportivas, o risco inerente a elas parece ser algo aceite “de bom grado” pelos seus praticantes. De facto, existem várias áreas de acção humana onde a tomada de riscos, bem como os seus resultados, são vistos como algo positivo, principalmente no que diz respeito à prática de determinadas actividades físicas e desportivas (Pereira, 2007), podendo aqui ser incluída a prática do surf na sua vertente extrema, o surf em ondas grandes. Na realidade, conforme afirma Giddens (2001, p. 33), “a aceitação do risco é também um dos requisitos da excitação e da aventura”. Mais do que isso, é algo que é aceite como parte integrante da actividade. Exemplo disso é o testemunho de um dos sujeitos do estudo de Seigneur (2006). No seu trabalho no âmbito do risco no montanhismo, Seigneur (2006) questionava nas suas entrevistas acerca do modo como os montanhistas se sentem relativamente ao risco nas montanhas. Jérôme Ruby, um dos seus

entrevistados, afirmou “It is something you accept”. Nesta perspectiva, podemos falar de duas faces do conceito de risco, os seus lados positivo e negativo. Como forma de esclarecer melhor estes dois lados, atentemos em Fernandes (2002, p. 195), referindo-se ao conceito de risco: “Se produz estados de ansiedade, provoca igualmente a excitação que acompanha a aventura, estando-lhe assim associada uma dinâmica estimuladora”. Desta forma, a noção de risco pode ser vista não só como algo de negativo, mas também como um factor positivo e de enriquecimento e satisfação para o sujeito. Segundo Giddens (2001, p. 42), “não existem dúvidas quanto à necessidade de não encararmos o risco como um factor inteiramente negativo”.

Com isto e perante este “vasto mundo” acerca do conceito de risco, será deveras importante encontrar uma definição do conceito de risco que se coadune com o trabalho em questão. A proposta de Ferreira (2003) parece-nos ser ajustável. De acordo com o autor, o risco diz respeito a comportamentos dos quais possam resultar consequências dolorosas para os seus actores, sejam consequências físicas, como no caso dos acidentes, sejam consequências de índole social, como no caso de comportamentos ilícitos. Esta noção de risco faz-nos colocar de imediato a questão: se existe a possibilidade de sofrer consequências que podem ser negativas, então porquê arriscar? Porquê correr riscos de forma voluntária?

São vários os trabalhos que procuram explicar e compreender a tomada de risco voluntária em determinadas actividades físicas e desportivas, como por exemplo, o de Lyng (1990), Stranger (1999) e Pereira (2005a). São várias as propostas de explicação e compreensão encontradas. Pereira (2007), por exemplo, considera que uma delas está relacionada com o asfixiamento da liberdade individual, em nome da segurança máxima, que se vive nas sociedades contemporâneas mais avançadas. Para além de toda esta tentativa de “controlo absoluto”, a sociedade de hoje caracteriza-se por uma burocracia e uma selva institucional que se tornam, desta forma, verdadeiramente sufocantes para os indivíduos (Hespanha, 2002). Baseando-se em Max Weber, Giddens coloca de uma forma algo pessimista a nossa época, como sendo uma época num mundo paradoxal, no qual o progresso material é obtido

somente através de uma expansão da burocracia, capaz de esmagar a criatividade e a autonomia individuais.

Desta forma, verifica-se então uma necessidade não só do ser humano em controlar a sua própria vida, mas também de transgressão face às várias restrições que lhe são impostas no seu dia-a-dia, podendo tal objectivo ser atingido através da aventura. Assim e segundo Pereira (2007), a aventura pode constituir-se como algo verdadeiramente extraordinário. De facto, já Simmel (1997) afirmava que uma das grandes funções da aventura é a fuga ao quotidiano, permitindo a vivência de experiências fora do ordinário do dia-a-dia.

Um dos caminhos possíveis para o indivíduo alcançar o campo da aventura, pode passar pela realização de actividades de lazer. Estas actividades representam, segundo Elias e Dunning (1992), uma esfera de vida que oferece um maior número de oportunidades ao homem de experimentar uma agradável estimulação emocional, uma divertida excitação, como que se de uma renovação emocional proporcionada por este acto se tratasse. Seguindo os mesmos autores, para além desta estimulação a nível emocional, também este tipo de actividades proporciona um grau relativamente elevado de escolha individual, o que é recusado pela nossa sociedade. Neste sentido, podemos aceitar a ideia de que no lazer, as fantasias e emoções por ele proporcionadas são permitidas em proporção muito maior do que na vida quotidiana habitual, na vida de não lazer. Assim, uma das funções do lazer será, tal como referem Elias e Dunning (1992), a de destruição da rotina. Segundo os mesmos autores, esta só será quebrada quando os níveis de segurança forem postos em causa, tendo o indivíduo que se expor a um determinado estado de insegurança, isto é, a um maior ou menor risco, por forma a veicular esta incrustação das rotinas, principal função das actividades de lazer. Desta forma, todas as regulamentações e imposições colocadas ao indivíduo no seu quotidiano, passíveis de impedirem o desenvolvimento incontrolado e abertamente expresso das emoções e da excitação, poderão ser combatidas através das actividades de lazer.

No entanto, apesar da libertação das rotinas e da possibilidade do indivíduo sentir emoções verdadeiramente aprazíveis, as actividades de lazer

geram também no sujeito um conjunto de sentimentos de tensão entre pólos opostos, aparentemente antagónicos, como por exemplo, medo e exaltação ou medo e prazer, actuando como partes inseparáveis de um processo de satisfação de lazer (Elias e Dunning, 1992).

As actividades de lazer envolvem, então, como que um «brincar com as normas», um «brincar com o fogo», podendo, por vezes, ir longe de mais na busca pela excitação do indivíduo (Elias e Dunning, 1992). Estes autores referem ainda que no lazer, este enfraquecimento das barreiras, funcionando como um agente contrário ao incrustar de rotinas, implica a presença de um certo risco, por forma a aumentar o nível de emotividade. No entanto, segundo os mesmos, este risco, indo até ao limite, revela-se como que essencial para inúmeras actividades de lazer, de entre as quais o surf de ondas grandes. É neste contexto das actividades de lazer levadas ao extremo, que podemos integrar as actividades desportivas que, hoje em dia, podem ser consideradas como verdadeiras práticas de risco, envolvendo muitas delas, grandes probabilidades de ocorrência de lesões graves, não só a nível da integridade física do indivíduo, mas também a nível psicológico.

Estas actividades físicas de risco constituem-se actualmente como um fenómeno de grande popularidade em todo o mundo, um fenómeno global, sendo disso exemplo, o mergulho, surf, rafting, montanhismo, entre outros (Pereira, 2007). No que se refere ao surf e, mais especificamente na sua vertente extrema, o surf de ondas grandes, devido às suas características e implicações, poderá ser associada à ideia de “*edgework*” proposta por Lyng (1990). As actividades passíveis de se integrarem dentro deste conceito envolvem uma clara ameaça ao bem-estar físico, mental ou à sensação de existência ordenada, no qual a ocorrência de danos ou a ameaça de morte é iminente. Apesar dos aspectos referidos, a aceitação do risco neste tipo de desportos “extremos” é voluntária, encerrando, assim, a possibilidade de escolha, não sendo este risco submetido, mas sim escolhido (Peretti-Watel, 2003). Desta forma, segundo Pereira (2007), o risco é valorizado, independentemente das consequências que este possa acarretar. Consta-se, então, que, nestas práticas desportivas “extremas”, o indivíduo parece aceitar a

possibilidade de ocorrência dos riscos que lhes estão inerentes, não sendo este, de todo, um factor inibidor ou impeditivo para a realização destas actividades, constituindo-se pelo contrário, como algo necessário.

Tais comportamentos levados a cabo pelo ser humano parecem dever-se, na perspectiva de Le Breton (2000b), a uma falha na nossa sociedade na função antropológica de orientação da existência, restando, assim, a interrogação sobre o significado último: a morte. De acordo com o mesmo autor, quando a ordem social se furta ao seu papel, é necessário experimentar o risco no corpo, uma capacidade íntima de confronto com a morte sem fraquejar. Le Breton (2000b) defende ainda que solicitando simbolicamente a morte, confere-se legitimidade à existência, à vida. Desta forma, parece então que o ser humano leva a cabo a prática destas actividades como forma de se sentir vivo. Como refere Le Breton (2000b), o contacto com a morte simbólica parece agir como um fogo antropológico de significação.

Neste tipo de actividades, o indivíduo está sujeito a um determinado conjunto de perigos que advêm de um mundo não preparado, no qual o praticante e, neste caso específico, o surfista, se encontra exposto a todos os fenómenos ou acidentes que possam ocorrer (Bouet, 1968). Neste contexto, a prática destas actividades envolve decisões, constituindo-se cada uma destas como uma aprendizagem vital para o sujeito, caso contrário, este poderá ter que enfrentar riscos desnecessários (Pereira, 2004). Assim, e referindo-me especificamente ao surf de ondas grandes, várias situações poderão colocar em risco a integridade física do praticante, isto é, a sua entidade corpórea poderá facilmente estar em causa. A título de exemplo, no surf de ondas grandes, caso o surfista escorregue ou perca o controlo da prancha ao iniciar o *drop*, poderá ter que se defrontar em seguida com uma queda descontrolada de dezenas de metros, não sabendo, por exemplo, como irá contactar novamente a água, ou se após a queda, a onda o manterá ou não em baixo de água o tempo suficiente, impedindo-o de alcançar a superfície para respirar.

Vários são aqueles que, na prática de surf de ondas grandes, já sofreram lesões, umas mais graves que outras mas, nem por isso, perderam a vontade e o “fogo interior” de se aventurarem novamente nestas ondas

gigantes. Um exemplo do referido anteriormente e que poderia ter tido consequências trágicas foi o que sucedeu, no ano 2000 em Teahupoo, ao surfista profissional Neco Padaratz, quando foi literalmente sugado pela onda e arremessado contra os corais que o mantiveram preso, tendo sido resgatado nos últimos instantes. Após este acontecimento, seria de esperar que tal tivesse abalado o praticante de forma a afastá-lo para sempre do mundo do surf, uma vez que esteve a escassos centímetros da morte. No entanto, tal não se verificou, estando Neco Padaratz de volta ao surf, não tendo tal acontecimento afectado o seu retorno à modalidade.

É provável que este surfista tenha voltado ao mar com marcas no corpo e na memória mas, conforme salienta Le Breton (2000b), a memória do acontecimento, trágico ou não, está recolhida profundamente na carne e nos músculos, ficando guardada uma marca tangível sobre a pele, o melhor cartão de identidade para o homem que procura sempre os limites. Parece existir, portanto, tal como referem Young, McTeer e White (1994), uma aceitação paradoxal dos riscos, como se fossem constitutivos e, por isso, não se configuram como uma inibição para regressar. No caso específico do surf de ondas grandes, talvez continuem devido às fortes sensações que o *drop* nas grandes ondas proporciona, havendo um despoletar de grandes emoções, excitação e prazer misturado com terror, muito difícil ou mesmo impossível de sentir em ondas pequenas.

Assim e voltando um pouco atrás, na ausência de limites de sentido que a sociedade já não fornece, o indivíduo procura em si os limites a atingir (Le Breton, 2000b), limites estes que podem mesmo ser os de se pensar que se seria capaz de colocar a própria integridade física em risco. Segundo Pereira (2004, p. 315): “encontrar um limite físico parece ser algo que justifica um sacrifício do corpo”, aprendendo também o indivíduo, através desta busca dos limites, a conhecer-se melhor.

Assim, a busca do indivíduo em descobrir quais os seus limites pessoais e interiores é incessante, havendo por parte deste uma aceitação dos riscos com que se terá que deparar e que poderão, eventualmente, terminar para sempre com esta sua cruzada. Tal comportamento poderá relacionar-se com a

ideia defendida por Fernandes (2002, p. 193), para quem “o que importa será fugir à engrenagem, saber se o inevitável pode ter uma saída”.

2.4.2. Situações concretas de risco – Acidentes e morte no surf

É consenso geral que o surf constitui uma modalidade saudável e fascinante, atraindo cada vez mais indivíduos à sua prática. Cadilhe (2005, p.51), por exemplo, um surfista experiente, diz do surf: “trata-se da alegria mais contagiosa, do sistema de valores mais simples e coerente que conheço”. Assim, o simples facto de deslizar servindo-se de uma prancha é algo capaz de suscitar, pelo menos, dois tipos de sentimentos no indivíduo: por um lado, despoleta uma sensação de enorme alegria quando toda a acção se desenrola dentro da normalidade, sem incidentes graves, tornando essa experiência memorável e inesquecível para quem a pratica. Gonçalo Cadilhe (2005, p.53) traduz claramente numa afirmação esta sensação de enorme satisfação, alegria e êxtase: “se existe Deus, encontra-se de certeza dentro do movimento de uma onda”. Por outro lado, e ao contrário de uma aprazível sensação, *surf* poderá resultar também em algo devastador e com efeitos drásticos no sujeito, tanto a nível físico como psicológico, constituindo-se como uma experiência marcante pelo seu lado negativo, quando o inesperado ocorre. Exemplo disso será a situação vivenciada pelo surfista profissional português Ruben Gonzalez, durante uma *surfada* no Cabo Raso, demonstrando este “lado negro” do surf, como mais à frente será referido.

Como facilmente pode ser constatado, um momento ou experiência no surf pode ser algo positivo, mas também um acontecimento negativo, deixando marcas significativas no indivíduo.

Para além dos riscos naturais inerentes à prática do surf, os factores externos como ondas e equipamento interagem num ambiente complexo que está em constante movimento.

No surf, e segundo Steinman (2003), o surgimento de possíveis cortes e lacerações, dores na coluna vertebral, lesões ao nível dos joelhos, dentes,

tornozelos, olhos, pescoço, ombros e ouvidos, infecções, hipotermia (resultante das baixas temperaturas da água), cancro da pele (devido a uma excessiva exposição ao sol e também à poluição, cada vez mais presente nos nossos dias), acidentes com tubarões e outros animais marinhos, afogamento, traumatismo craniano, entorses, contusões e fractura dos membros superiores e inferiores constituem-se como as lesões e acidentes mais comuns no surf.

Para além do referido anteriormente, o tempo que o surfista passa dentro de água, normalmente entre uma a três horas, sem nenhuma reposição nutricional e líquida, pode levar a que os níveis de açúcar (glicose) do indivíduo diminuam significativamente (hipoglicemia).

Neste contexto, o surf pode ser considerado como uma actividade física de certa forma extenuante, que se encontra envolvida num contexto perigoso no que diz respeito à susceptibilidade na incidência de lesões.

Um outro aspecto coloca no nosso país a prática desta modalidade lado a lado com o perigo iminente. Ele diz respeito à integração, por parte da Federação Portuguesa de Surf, de disciplinas relacionadas com primeiros socorros, normas, regras e procedimentos de salvamento nos Cursos de Treinadores de Surf e *Bodyboard*²².

Como forma de melhor se verificar o risco envolvido nesta modalidade, serão referenciados em seguida casos reais de acidentes ou mesmo mortes, aquando da prática do surf, de modo a transmitir uma noção mais clara do risco inerente a este desporto. Os exemplos seguidamente apresentados encontram-se organizados de acordo com o tipo de acidente. Primeiramente serão expostos os acidentes referentes às condições climatéricas (tamanho das ondas e acontecimentos por elas provocados), seguindo-se a apresentação de vários ataques de animais marinhos (nomeadamente tubarões e leões marinhos). Em terceiro lugar, indicaremos os acidentes provocados pela presença de redes de pesca e, por fim, os que se referem às condições ambientais (principalmente no que se refere à acção do homem sobre o meio ambiente, isto é, poluição ambiental). É de salientar que são apenas alguns exemplos e não uma enumeração exaustiva do número e tipo de acidentes.

²² Prancha de material esponjoso com cerca de 39 a 42 polegadas, podendo haver maior ou menor, a partir da qual o surfista desce a onda deitado ou de joelhos.

Servem apenas para ilustrar a existência de situações a que nos temos vindo a reportar.

No âmbito das condições climatéricas e, mais especificamente no que diz respeito às tragédias e acontecimentos aterradores provocados pelo tamanho excessivo das ondas desafiadas pelo homem, uma das mortes mais famosas e lembradas no mundo do surf, diz respeito a Mark Foo, ousado surfista de ondas grandes que viveu e morreu segundo a filosofia que defendia, "If you want the ultimate thrill, you've got to be willing to pay the ultimate price". Foo faleceu a 23 de Dezembro de 1994 em Mavericks, local onde quebram umas das maiores e perigosas ondas a nível mundial.²³

Malik Joyeux, surfista taitiano de 25 anos de idade, faleceu em Pipeline a 2 de Dezembro de 2005, após ter caído numa onda. Malik foi atingido pelo *lip* da onda quando se encontrava no *tubo*²⁴, levando à quebra da sua prancha a meio. Relatos locais indicam que, apesar da onda *surfada* por este possuir um tamanho normal para o local em questão, esta possuía muita força, o que levou ao rompimento do *leash*²⁵ da prancha de Malik, tendo ficado este debaixo de água durante um longo período de tempo. Após 15 minutos do ocorrido, o surfista foi encontrado em Pupukea, à direita do *pico* de Pipeline, tendo sido retirado do mar em cima de uma *longboard*. Surfistas e paramédicos efectuaram várias tentativas para reanimar o surfista, sem sucesso, tendo sido transportado já sem vida para o hospital. Após tal acontecimento trágico, num clima de profunda tristeza, cerca de 60 surfistas retiraram-se do mar, formando uma roda na areia para fazer uma oração em memória de Malik Joyeux.²⁶

Em 2005, não tendo sido possível determinar o dia e mês em que teve lugar este acontecimento, o *bodyboarder*²⁷ José Forte Filho de 20 anos de idade escapou à morte em Pipeline, após ter caído numa *poderosa*²⁸ onda, num dia em que estas rondavam os 20 pés, cerca de 6 metros. Bodo Van Der

²³ Informação disponível em: [http://outside.away.com/magazine/0595/5f_foo.html]

²⁴ Corredor cilíndrico e oco formado pela crista de certas ondas ao reventar, colocando-se e movimentando-se o surfista em alta velocidade dentro da onda.

²⁵ Cabo elástico que prende a prancha ao tornozelo ou joelho do surfista.

²⁶ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=162&fonte=GER%2FPR]

²⁷ Praticante de *bodyboard*.

²⁸ Onda forte, de crista espessa e côncava, geralmente reventando em águas pouco fundas.

Leeden, Capitão da Divisão de Segurança Marítima do North Shore refere que os salva-vidas da praia observaram todo o acontecimento, não conseguindo visualizar o corpo do atleta nos 20 segundos seguintes. Após tudo isto, três salva-vidas havaianos lançaram-se ao mar, remando cerca de 200 metros com fortes *correntes*²⁹ e ondas, até alcançarem a vítima. José estava ainda preso à sua prancha de *bodyboard* pelo seu *leash*, conseguindo um amigo colocá-lo à superfície e virá-lo até à chegada de auxílio. Poucos minutos depois e com a ajuda de um *jet-ski*, os nadadores-salvadores conseguiram trazer José Filho de volta à praia para tentarem a ressuscitação cardiopulmonar. Segundo Van Der Leeden, o *bodyboarder* embora ainda tivesse pulso não respirava quando chegou à praia. No entanto, a equipa de nadadores-salvadores conseguiu reanimar o atleta brasileiro e, quando entrou na ambulância com destino ao hospital, já se encontrava consciente e a falar. Filho sofreu uma forte contusão na cabeça e vários cortes nas pernas.³⁰

Richard Schmidt, à semelhança do sucedido a Mark Foo, experienciou a violência das ondas de Mavericks no dia 4 de Janeiro de 2006, tendo o factor sorte estado a seu favor, não dando um desfecho trágico a este acontecimento. Schmidt foi apanhado por uma enorme massa de água, embatendo violentamente contra a própria prancha, fracturando a cabeça e sendo arrastado para o *inside*³¹. Richard, coberto de sangue, foi resgatado por um companheiro, que rapidamente contactou a assistência médica, levando assim a um desfecho feliz neste dia.³²

A 17 de Fevereiro de 2006, uma equipa de *Tow-In* foi salva aquando de uma *surfada* extrema em Mullaghmore, na Irlanda. Neste dia, dois surfistas tiveram que ser resgatados. Depois de terem ficado em apuros, um dos surfistas conseguiu chegar a terra e pedir ajuda, para que o seu companheiro que se encontrava no local da *rebentação*³³ fosse salvo. O Bundoran Lifeboat

²⁹ Movimentação da água do mar. Quando se verifica uma forte *corrente*, o surfista deve estar atento e detectar para onde é que esta o arrasta, com o intuito de evitar sérios perigos (ex.: ser arrastado para o paredão e embater contra este).

³⁰ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=258&fonte=GER%2FPR%2Fhomepic1%2Fbbpic6]

³¹ Zona de *rebentação* mais próxima de terra.

³² Revista SurfPortugal #157, p. 78

³³ Área onde quebram as ondas, normalmente associada a uma zona branca perto da praia.

foi colocado na água com o intuito de se fazer o salvamento, mas as grandes massas de água tornaram o salvamento por via marítima impossível. A patrulha local teve que pedir o auxílio de um helicóptero de salvamento e só assim foi conseguido o resgate do surfista com sucesso.³⁴

A 26 de Outubro de 2006, um surfista rompe o seu *leash*, perdendo a prancha em seguida em Croyde Beach, Inglaterra. Para efectuar o resgate do atleta e devido às más condições do mar que se faziam sentir, a intervenção por helicóptero foi o único meio viável para retirar o praticante da água, com vida.³⁵

Na competição B! Pró, em São Torpes que teve lugar entre 10 a 12 de Novembro de 2006, o atleta português Ruben Gonzalez ao tentar realizar uma manobra, desequilibrou-se, sofrendo uma queda, tendo sido atingido com o *tai*³⁶ da prancha na cabeça, abandonando a prova com a cara em sangue. Este foi levado imediatamente para o hospital, tendo sido suturado com 15 pontos. Após este acontecimento, o atleta felizmente recuperou totalmente, não tendo passado tudo isto de um enorme susto.³⁷

Em Novembro de 2006, não tendo sido possível determinar o dia em concreto, esse mesmo surfista foi praticar surf no Cabo Raso, local em que se observavam ondas enormes. Apesar do acontecimento não ter sido trágico, Ruben Gonzalez relata o sucedido, referindo que após ter remado para a onda, “debaixo de mim abriu-se um buraco gigantesco e escuro que me cilindrou fazendo-me voar inesperadamente. Fiquei suspenso no ar por uns segundos e, a seguir, fui atropelado por um rolo compressor aquático que me deixou arrasado. E ainda levei, por acréscimo, com todas as outras que vieram atrás”. Para acrescentar ao sucedido, Ruben Gonzalez, durante a sua retirada do mar, caiu num buraco que se encontrava cheio de *espuma*. Segundo o mesmo, “esta *espuma* era diferente, pois não me deixava respirar de todo. Sentia-me perdido, uma vez que não conseguia encontrar qualquer saída e à medida que o tempo passava as minhas forças iam-se esgotando. Com os braços e mãos,

³⁴ Revista SurfPortugal # 158, p. 78

³⁵ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=108&fonte=ger%2Ffempic3%2Fkidpic4]

³⁶ Extremidade inferior da prancha.

³⁷ Revista SurfPortugal # 167, p. 86

tentava abrir buracos na *espuma* que me permitissem ingerir um pouco de ar (sic), ao mesmo tempo que ia tentando encontrar forma de sair dali. Mas sair como, se nem sequer sabia onde estava? Tentava subir as rochas, mas sem noção de para onde ir, não percebia como fazer”. O mesmo atleta refere ainda que “Nunca na vida me tinha deparado com semelhante situação e, num momento mais pessimista e desesperado, cheguei a pensar: prontos, é isto. Vou ficar aqui” (sic). Após este acontecimento, o atleta conseguiu sair de toda aquela situação com vida, afirmando que “estamos sempre a aprender, e este episódio não me sairá tão cedo da memória”.³⁸

No dia 1 de Janeiro de 2007, Frederico “Kikas” Moraes sofreu um acidente em Pipeline. Este, foi atingido, como o próprio refere, por um “set³⁹ gigante”, tendo sido puxado para trás e ido com a onda. Frederico afirma: “de repente, senti uma pancada na cabeça e mais nada. Depois levei com outra e aí bati com as costas. Ainda levei com uma terceira antes de, finalmente, lá vir ao de cima. Quando pus a mão na cabeça vi que estava a deitar sangue”. Após ter sido assistido no hospital, este surfista foi sujeito a um exame de Raio-X à cabeça, pescoço e costas derivado da pancada. Para além disso, Frederico refere: “levei 16 pontos e dois grafos na cabeça e mais 15 pontos nas costas, fora os cortes que tinha pelo corpo todo” (sic).⁴⁰

No dia 14 de Janeiro de 2007, o surfista Joaquim Velilla, faleceu em Pipeline, num dia em que o mar possuía ondas na ordem dos 4 metros, tendo sido o alerta às autoridades, dado pela sua noiva.⁴¹

Na mesma data referente à morte de Velilla, Michelle Housego morre afogada em Santa Barbara, Califórnia. O sucedido deveu-se ao facto de o *leash* da surfista ter ficado preso no *reef*⁴². Devido à força do mar e às fortes *correntes* que se faziam sentir, Michelle não conseguiu libertar-se do mesmo, tentando ainda gritar por ajuda, mas sem sucesso, uma vez que quando chegou a assistência já tinha morrido, não tendo conseguido aguentar os vários

³⁸ Revista SurfPortugal # 168, p. 34

³⁹ Grupo de ondas que se deslocam sucessivamente umas a seguir às outras, após intervalos de mar calmo.

⁴⁰ Revista SurfPortugal # 169, p. 38

⁴¹ Revista SurfPortugal # 169, p. 84

⁴² Fundo de rocha ou coral.

sets que iam chegando. A própria ajuda demorou a chegar ao local, devido às fortes *correntes* presentes nesse local.⁴³

A 17 de Fevereiro de 2007, altura esta em que as ondas atingiram dimensões gigantescas, dois surfistas tentaram desafiá-las, tendo sido resgatados em Mullaghmore, na Irlanda, após terem sido arrastados pelas enormes ondas que tentavam *surf*, em *Tow-In*. Um dos praticantes esteve em grandes apuros, no entanto o seu parceiro de surf a reboque conseguiu chegar a terra e avisar as autoridades a tempo. Mesmo assim e após o seu colega ter pedido auxílio, não foi possível resgatar por barco o surfista que permanecia na água, sendo mesmo necessário a intervenção de um helicóptero de salvamento para o efeito. Para se ter uma noção mais clara da violência das ondas, o *jet-ski* de salvamento foi perdido no mar, não tendo sido recuperado.⁴⁴

A 22 de Setembro de 2007, a praia de Paramos, mais conhecida como Capela a Sul de Espinho, foi palco de uma tragédia que envolveu um jovem com cerca de 30 anos de idade. Neste dia, o mar encontrava-se com cerca de um metro de altura com *sets* maiores e com bastantes *correntes*, tendo o indivíduo entrado no mar sem *fato*⁴⁵ isotérmico, utilizando a zona do esporão de Paramos para entrar para a água. Após a sua entrada, começou a ser arrastado pela *corrente* em direcção ao alto mar (característica deste tipos de esporões e que auxilia de um modo geral os surfistas experientes a passarem as rebentações) e, ao aperceber-se do sucedido, decidiu contrariar a *corrente* que o levava para fora da *zona de rebentação* e remar em direcção à praia. Nesta tentativa infortunada, o surfista não conseguiu regressar e acabou por ser atingido por uma onda que lhe quebrou a prancha. Na sequência de todo o acontecimento, o jovem entrou em pânico e decidiu retirar o *leash*, tendo desaparecido junto ao esporão, provavelmente derivado do estado de cansaço em que se encontrava. Os seus companheiros de prática ainda o tentaram incitar no regresso a terra, mas já em vão pois este acabou por desaparecer no

⁴³ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=111&fonte=GER%2FPR%2Ffempic3%2Fhome]

⁴⁴ Revista SurfPortugal # 158, p. 78

⁴⁵ Equipamento utilizado para manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

meio da forte *corrente e rebentação* que se fazia sentir naquela zona da praia de Paramos.⁴⁶

Teahupoo, no Tahiti, em data que não foi possível determinar, ia provocando mais uma vítima mortal, num dia em que as ondas rondavam os 5 a 6 metros. Aquando do reboque de um dos surfistas para uma destas ondas gigantescas, o taitiano Raimana Van Bastoloer, o seu companheiro que se encontrava no *jet-ski* foi apanhado pela onda, sendo obrigado a saltar da mota de água. Após este acontecimento, a mota foi projectada pela onda e, segundo Andy Irons, Raimana que se encontrava já a *surf* a onda, não foi atingido por uma distância de cerca de 15 centímetros. Desta forma, mais uma vez a ameaça e o risco estiveram presentes, colocando em risco eminente a vida de um surfista.⁴⁷

Em data não determinada, o surfista profissional japonês Yonosuke Sakuma desapareceu enquanto *surfava*, sendo mais tarde descoberto na praia de Yosokuka, em Kanagawa. Sakuma havia sido dado como desaparecido pelos seus amigos numa segunda-feira, tendo sido encontrado o seu corpo na quarta-feira seguinte a cerca de 10 quilómetros a Sul do local onde havia desaparecido.⁴⁸

Neco Padaratz, surfista profissional brasileiro, durante uma competição no Taiti quase morreu afogado, tendo levado a que este ficasse traumatizado a nível psicológico, tendo sido este problema de tal forma grave que Neco ficou afastado durante 2 anos das competições. Para ultrapassar o trauma, o atleta necessitou de toda a ajuda possível, tendo até alucinações e perdido o sono. Teco Padaratz, seu irmão, refere mesmo: “Quer um exemplo de alguém que viu a morte de perto e voltou para contar a história? Meu irmão Neco em Teahupoo. Sua experiência mostrou que não há nada de bonito em se "morrer

⁴⁶ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=133&fonte=ger%2Fhomepic1]

⁴⁷ Informação disponível em: [http://waves.terra.com.br/billabongproteahupoo2007/layout4.asp?id=16252&sessao=comp_wct_tea07]

⁴⁸ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=1&fonte=GER%2FPR%2Fhomepic1]

fazendo o que gosta". Muito pelo contrário, ele saiu de lá completamente abalado e lutou bravamente para superar o trauma".⁴⁹

Para além das condições climatéricas adversas que, muitas vezes, conduzem à morte de alguns surfistas, também os ataques de animais marinhos, nomeadamente tubarões, se revelam significativos no número de mortes aquando da prática do surf.

A 31 de Outubro de 2003, Bethany Hamilton foi atacada por um tubarão tigre com cerca de 5 metros de comprimento, enquanto *surfava* na costa norte de Kauai. O animal marinho atacou a surfista, arrancando-lhe o braço esquerdo. Um seu companheiro de prática serviu-se de um *leash*, aplicando-o como um torniquete no braço por forma a estancar a hemorragia, o que salvou a vida da jovem. Em seguida foi levada para o hospital, permanecendo lá durante 3 meses.⁵⁰

A 25 de Junho de 2006, o surfista Humberto Pessoa Batista de 27 anos de idade, faleceu em Olinda, após ter sido atacado por um tubarão na praia de Punta del Chifre. O jovem foi socorrido por um amigo e levado pelos bombeiros até ao hospital em Recife. Segundo os bombeiros, o tubarão mordeu a perna do surfista e a morte teria sido causada por uma hemorragia.⁵¹

Royce Fraley, surfista californiano, sofreu já dois ataques de tubarões. Num desses episódios dramáticos, foi atacado por um tubarão branco que o levou até cerca de 8 metros de profundidade. No dia 10 de Dezembro de 2006, Fraley juntou-se a um grupo de outros surfistas, num *pico* próximo de Dillon Beach, na Califórnia do Norte. Após ter apanhado duas ondas com cerca de 3 metros, sofreu a acção de um *set* muito forte, o que o levou a necessitar de se deitar na sua prancha e repousar, tentando assim estabilizar a frequência cardíaca. Quando este surfista se encontrava a repousar, relata que: “de repente, sinto um turbilhão na água, praticamente debaixo da minha prancha. Imediatamente a seguir, o tubarão emergiu com as mandíbulas abertas e

⁴⁹ Informação disponível em: [http://fluir.ig.com.br/colunistas/243_teco.shtml]

⁵⁰ Informação disponível em: [<http://madalenamartinezviagem.wordpress.com/bethany-hamilton-inspiradora/>]

⁵¹ Informação disponível em: [<http://www.nupec.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=207>]

tentou morder a prancha... só me lembro de gritar e avisar o resto dos surfistas que estava a ser atacado”.⁵²

No dia 18 de Dezembro de 2006, o surfista Peter Galvin de 25 anos de idade, foi atacado por um tubarão na praia de Winki Pop, perto de “Bells Beach”, na Austrália. Este encontrava-se a *surf*, acompanhado por um amigo, Andrew Majerni, a cerca de 100 metros da costa. Enquanto Peter estava sentado na prancha, à espera de uma onda, um tubarão atacou-o, arrancando-lhe parte da sua perna esquerda, chegando a danificar um dos ossos do seu membro inferior. Contudo, o surfista conseguiu ainda agarrar-se à prancha, evitando ser puxado para baixo de água pelo tubarão, o que provavelmente lhe salvou a vida. Quando o seu companheiro Andrew se apercebeu do sucedido, partiu em seu socorro, levando-o para a costa. Já em terra, Majerni e uns turistas ingleses, estancaram o ferimento até à chegada da ambulância, onde foi de seguida tratado por paramédicos. Peter Galvin foi submetido a tratamento no Royal Melbourne Hospital, tendo a operação corrido bem, o que lhe salvou a perna.⁵³

A 13 de Abril de 2007, Ella Murphy, jovem surfista australiana de 13 anos de idade, partiu o maxilar e ainda três dentes após sofrer um ataque de um leão marinho em Lancelin, nos arredores de Perth.⁵⁴

A 28 de Agosto de 2007, o surfista americano Todd Endris, de 24 anos, foi atacado por um tubarão branco de aproximadamente quatro metros de comprimento quando *surfava* em Marina Beach, na Califórnia, EUA. De acordo com um nadador salvador presente no local, Todd sofreu cortes no tronco e na coxa direita. O surfista foi levado ao Valley Medical Center, em San Jose, e o seu estado de saúde é grave, permanecendo internado. Depois do ataque, as autoridades locais proibiram a prática do surf em Marina Beach. Avisos sobre o ataque de tubarão foram também afixados nas praias do estado de Monterey, na Califórnia.⁵⁵

⁵² Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=1&fonte=ger%2Fhomepic1]

⁵³ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=168&fonte=ger]

⁵⁴ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=129&fonte=ger%2Fhomepic1%2Fkidpic4]

⁵⁵ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=245&fonte=ger%2Fhome]

Apesar do aparecimento destes animais marinhos em variadíssimas praias, nomeadamente nos locais onde quebram as melhores e mais procuradas ondas, muitos surfistas não deixam de as frequentar, mesmo estando cientes dos riscos que correm.

Devido ao grande número de ataques de tubarão sofridos por surfistas em todo o mundo, várias são as empresas que procuram criar mecanismos de segurança e prevenção por forma a reduzir a incidência destes ataques. Para o efeito, dois designers australianos da empresa Fang Shooey, Danny Togo e Craig Wills, criaram um autocolante com a forma de um tubarão branco que, colado na parte inferior da prancha, poderá impedir possíveis ataques. Segundo Craig: “quando um tubarão se aproxima, facilmente identifica o autocolante com outro tubarão”, tendo em conta as cores utilizadas no autocolante.⁵⁶

Um outro aparelho, desenvolvido pela empresa Sea Change, denominado Shark Shield, também tem como função tentar evitar os ataques dos tubarões a surfistas. Sem afectar outras espécies, este aparelho consiste num engenho electrónico que, no caso dos surfistas, pode ser incorporado no *leash*, reduzindo drasticamente, segundo os seus produtores, o risco de um ataque. Este aparelho possui uma pequena antena com dois eléctrodos, emitindo um campo elíptico que rodeia o seu utilizador, numa espécie de teia electrónica, protegendo o seu utilizador. E protege porque esse campo é captado pelos sensores receptivos do tubarão – cientificamente conhecidos por *Ampulle of Lorenzini*. Com o sistema nervoso afectado, o tubarão reage com espasmos, afastando-se do surfista, ficando este a salvo.⁵⁷

As redes de pesca constituem-se também como um grande perigo para os surfistas, podendo estes ficar presos nelas. Segundo o Presidente da Federação Gaúcha de Surf, Orlando Carvalho, “as redes de pesca matam mais surfistas no Rio Grande do Sul do que todos os tubarões juntos no mundo inteiro”.⁵⁸

⁵⁶ Revista SurfPortugal # 157, p. 78

⁵⁷ Revista SurfPortugal # 158, p. 29

⁵⁸ Informação disponível em: [http://fluir.ig.com.br/destaque_mes/06_01_10_rededepesca.shtml]

Artur Neto, numa das suas colunas, refere: “Em 1975 foi registrada a primeira morte de surfista em razão das redes de pesca, e até hoje já são mais de 40...”⁵⁹

Para além de todo o perigo que envolve a prática do surf, relativamente às condições ambientais, também a acção do homem sobre o meio ambiente prejudica e coloca em risco a vida de todos aqueles que praticam actividades de mar, e no caso particular, o surf.

A Sul do nosso país, a delegação de saúde da zona descreveu as águas da praia de Carcavelos como “altamente contaminadas”. A praia de Carcavelos recebe descargas directas de esgotos desde os últimos meses de 2000, confirmou o responsável pelo gabinete de comunicação da Sanest, a empresa que gere o sistema de saneamento básico da Costa do Estoril.⁶⁰

No dia 8 de Fevereiro de 2007, ocorreu um derrame da Petrogal, a cerca de 300 metros a Norte da praia do Aterro na cidade do Porto.⁶¹

Apesar da ocorrência dos últimos desastres referenciados, os locais não deixaram de continuar a ser frequentados por surfistas, tendo a prática desta modalidade regressado novamente a estas praias, não tendo sido as descargas um motivo suficientemente forte para afastar os praticantes destes *spots*⁶².

Após o exposto, constata-se que vários são os perigos e riscos que envolvem a prática do surf. Em muitos dos casos, os surfistas parecem estar cientes da possibilidade de ocorrência de algo inesperado ou mesmo fatal, aceitando essas condicionantes como algo inerente, necessário e como parte integrante de um todo que é o caminho para quem almeja novas e extraordinárias sensações e emoções.

⁵⁹ Informação disponível em: [http://www.mps.esp.br/site/content/colunas/detalhe.php?artigo_id=11]

⁶⁰ Informação disponível em: [http://www.insidebb.com/forum/viewtopic.php?p=27720&sid=d60bf019bcb11475308bb69feebcf777]

⁶¹ Informação disponível em: [http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=151&font=ger]

⁶² Onda ou praia específica.

Campo Metodológico

3. Campo Metodológico

Para a elaboração do nosso Campo Metodológico, foram delineados vários aspectos que, de acordo com os objectivos propostos para o presente estudo, nos permitiram analisar, interpretar, compreender e justificar o nosso problema.

Como primeira etapa, procedeu-se a uma descrição densa do surf, com o intuito de representar o local onde esta prática se desenrola, na tentativa de melhor nos elucidar quanto ao modo como o surfista vive esta actividade desportiva.

Em seguida, caracterizamos o grupo de estudo, dando a conhecer os surfistas intervenientes neste trabalho, fundamentais para a realização do ponto seguinte, relativo ao nosso *corpus* de estudo. Assim, deste último fazem parte um conjunto de transcrições referentes às entrevistas realizadas a um grupo de surfistas, essenciais para uma adequação entre o objecto de estudo e a metodologia a utilizar, bem como o testemunho prestado por um outro praticante de surf.

No que concerne às entrevistas, serão mencionados dois factores, referentes à construção e realização das mesmas. Relativamente à construção, esta foi efectuada com base numa vertente teórica, através da revisão da literatura, e numa vertente prática, relativa à minha experiência enquanto praticante de surf. No que concerne à realização das entrevistas, serão indicados os vários aspectos que se prendem com as condições de realização, local, data e duração de cada entrevista.

Posteriormente a todo este processo de construção, realização e consequente transcrição das entrevistas, descrevemos o ponto relativo à Análise de Conteúdo, técnica esta que, através de um processo de categorização, actua com o objectivo de tratar, analisar e dar sentido a toda a informação obtida a partir das entrevistas efectuadas.

3.1. Surf e sua envolvimento – Descrição densa do surf

Durante a prática do surf e intrinsecamente a esta, reside uma panóplia de pensamentos, sentimentos, sensações e emoções despoletadas pelo surfista, bem como um conjunto de comportamentos e normas de conduta adoptadas por este. Perante este mundo complexo, assume-se como necessária a descrição do local onde esta actividade desportiva se realiza, por forma a melhor compreendermos o modo como o indivíduo sente, vive e experiencia a sua relação com a Natureza, neste caso específico com as ondas do mar, durante a prática do surf. Assim, verifica-se, de todo, o sentido de estudar o lugar onde se pratica a actividade desportiva em causa, uma vez que, e tal como refere Augé (1996), a organização espacial e a constituição dos lugares se assumem, dentro do mesmo grupo, como uma das modalidades das práticas individuais e colectivas, ou seja, os indivíduos assumem o seu lugar num grupo, conforme o espaço está organizado (ex.: numa sala de aula, todos os alunos sabem qual o seu lugar a ocupar, dentro do espaço confinado). Na perspectiva de Schatzki (1991), o lugar representa um *medium* da actividade, isto é, e no caso específico do surf, o próprio meio assume-se como mediador entre o surfista e o local, sendo o mar aquele que dá forma ao surf, uma vez que sem ondas, a prática do surf não mais faria sentido. Continuando o mesmo autor, o lugar apresenta-se assim como pré-condição omnipresente para o desenvolvimento e configuração de actividades.

É neste contexto que pensamos ser fundamental uma “descrição densa” do surf, conceito este utilizado por Geertz (1996) e que diz respeito, não só a uma descrição minuciosa, mas também a uma leitura, à interpretação de um determinado acontecimento, procurando as suas motivações, os seus objectivos, isto é, os seus significados. Com efeito, na perspectiva de Santos Silva (1994), a forma mais adequada de compreender a complexidade cultural como representação do mundo, bem como a grande variedade de contextos e formas em que se realiza, é a partir da elaboração da descrição densa.

Segundo Denzin e Lincoln (2000), esta metodologia coloca as representações culturais e seus significados como pontos de partida,

permitindo a construção de uma hierarquia estratificada das estruturas significativas, a partir das quais, e segundo Geertz (1996), se produzem, percebem e interpretam, e que se cruzam, acrescenta Pereira (2004), os factos que ocorrem num dado espaço social. Assim, a “descrição densa” assume um papel crucial quando o objectivo de estudo diz respeito à interpretação de processos sociais e culturais determinados, dos conteúdos, relações e instituições sociais, uma vez que se revela fundamental neste contexto, tal como afirma Santos Silva (1994, p.82), uma “descrição deles, num sentido forte”.

Assim sendo, procuraremos que a metodologia em causa se desenrole, mantendo uma estreita relação entre dois quadros de sentido: o sentido através do qual os actores sociais constroem um mundo significativo e o sentido segundo o qual se organiza a linguagem científica (Santos Silva, 1994). Nesta medida, tentar-se-á então manter uma estreita relação entre as indicações e informação transmitidas pelos surfistas e, paralelamente a isso, a manutenção de uma base teórica sólida.

No âmbito da relação estabelecida entre Homem e Natureza na prática de actividades físicas, surgem dois termos de importância relevante, sendo estes: o espaço e o lugar. No que se refere ao primeiro conceito referido, o espaço, constitui-se como a base da percepção de um mundo exterior (Casey, 1998), enquanto que o lugar se apresenta como um produto humano (Pred, 1984). De acordo com Pereira (2004), o lugar envolve a apropriação e transformação do espaço e da natureza, sendo inseparável da reprodução e transformação da sociedade relativamente ao tempo e espaço. Assim, e na perspectiva de McCarthy (2002), o termo lugar ilumina a integração do ambiente por parte do ser humano.

No entanto, reflectindo acerca deste conceito de lugar, constata-se que tal não se constitui como tarefa fácil no que diz respeito à sua caracterização, devendo o indivíduo experimentá-lo em termos qualitativos, de forma a sentir qual o seu verdadeiro significado. De encontro à ideia apresentada, está a visão de Casey (1998), ao referir que conceitos como textura, cor e

profundidade só são passíveis de serem conhecidos pelo corpo que entra e ocupa um dado lugar.

Contudo, não podemos esquecer que existe uma grande diversidade no modo como cada um vive e experiência no lugar, sendo este aspecto algo muito particular e individual, tornando, desta forma, a compreensão do espaço ou sua representação, ou o sentido do lugar, numa tarefa extremamente complexa, e, para além disso, um lugar tão complexo, como é o mar.

A descrição do local seleccionado é efectuada segundo um carácter descritivo e, paralelamente, sensorial, estando ambas estas tarefas interligadas, na tentativa de transmitir as possíveis sensações, emoções, pensamentos e sentimentos vividos nos diferentes momentos, antes, durante e após a prática do surf. No entanto, será de salientar que as várias reacções e sentimentos indicados são fruto somente da minha experiência enquanto surfista, podendo, na mesma situação, ser vivenciadas e experienciadas diferentes emoções por parte de outros praticantes, uma vez que, tal como referido anteriormente, a forma como cada um vive no lugar, é com certeza muito diversa.

Perante o exposto e tendo como referência a minha experiência enquanto surfista, testemunhos e opiniões de outros praticantes, tentarei realizar uma descrição densa do surf, procurando desvendar o desconhecido, transmitindo uma noção o mais verdadeira possível do surf e sua envolvência. A descrição desta prática incidirá, fundamentalmente, sobre as várias fases da prática do surf, ou seja, o momento prévio, presente e posterior à *surfada*.

O “Despertar”

Um novo dia se inicia e, tal como este, começa a rotina do surfista: olhar pela janela e ver se está bom ou mau tempo... mas mesmo com frio ou chuva, se soubermos que o mar está bom, nada nos impede de ir *surf*. Esta ideia é frisada por Pedro Borges, surfista que nos forneceu o seu testemunho, relativo a um dia em que a força da Natureza falou mais alto, impedindo-o de desfrutar

das ondas como é habitual, numa praia localizada em Vila Nova de Gaia (Paredão de Salgueiros):

“Nesse dia as previsões não apontavam para uma ondulação muito grande, e, como tal, apesar do frio que se fazia sentir, colocámos todas as nossas esperanças nesta praia, conhecida pelas suas ondas extensas e bastante acessíveis ao nosso nível de surf”.

De forma a obtermos uma melhor noção das condições ou estado do mar, antes da deslocação à praia, é frequente a utilização de duas ferramentas importantes, via internet: *webcam* (permite a visualização do estado do mar, através de uma câmara instalada na praia ou num ponto próximo do *pico*) e o *surf report* [informação detalhada relativa ao vento (directão e velocidade), ondulação, tamanho das ondas e temperatura (ambiente e da água) em algumas praias]. Como forma de obtermos informação através de uma *webcam* relativamente a algumas das praias existentes na costa portuguesa, é possível aceder-se, por exemplo, ao endereço [<http://www.surftotal.com>]. Em relação ao *surf report*, este pode ser consultado, por exemplo, a partir dos seguintes endereços: [<http://www.beachcam.pt>], [<http://www.surftotal.com>] e [<http://www.windguru.cz>].

Posteriormente a esta análise, ingere-se algo rápido para evitar a fraqueza dentro de água, colocamos todo o equipamento no carro, verificando sempre no final se não falta nada (caixa que deverá conter o *fato*, *licra*⁶³, *parafina*⁶⁴, *raspador*⁶⁵ e, em caso de estar muito frio, introduz-se também *botins*⁶⁶, *gorro*⁶⁷ e *luvas*⁶⁸ e, por fim, a prancha). Com tudo a postos, a próxima

⁶³ T-shirt de fibra sintética de grande elasticidade, de mangas curtas ou compridas, utilizada tanto por fora do *fato* (por exemplo, para impedir que o *fato*, na zona do peito, fique com *parafina* colada) como por dentro deste (por forma a conservar mais o calor corporal).

⁶⁴ Mistura à base de *parafina* e vaselina, com o objectivo de criar aderência na superfície da prancha, impedindo o surfista de escorregar.

⁶⁵ Equipamento utilizado para dar mais aderência ao *wax*.

⁶⁶ Equipamento colocado nos pés do praticante, com o objectivo de ajudar a manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

⁶⁷ Equipamento colocado na cabeça do praticante, com o objectivo de ajudar a manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

⁶⁸ Equipamento colocado nas mãos do praticante, com o objectivo de ajudar a manter a temperatura corporal do surfista em águas frias.

paragem será na praia, esperando não apanhar muito trânsito nem nenhum entrave pelo caminho, na ânsia de chegar à praia o mais rapidamente possível.

Chegada à praia

Ainda não vimos o mar sequer, mas observamos de passagem o número de carros e também o número de pessoas que se encontram a observar o mar. Este aspecto poderá despoletar dois tipos de sentimentos: algum desapontamento (por estar tanta gente a pensar entrar na água, sendo portanto mais difícil de apanhar ondas e *surf*ar mais à vontade) e, por outro lado, alegria (se está muita gente naquele local a observar o mar, poderá este certamente estar a “dar” boas ondas).

Estaciono o carro e aproximo-me rapidamente do ponto em frente ao *pico*, para observar as condições do mar, iniciando-se aqui a fase de análise às condições existentes.

Logo que observo o mar, a minha atenção será redobrada comparativamente com o normal, caso este esteja melhor ou pior que o habitual e com o que estou habituado a *surf*ar, isto é, quanto à dificuldade em *surf*ar as ondas, o seu tamanho, a sua força (se é muito ou pouco *cavada*⁶⁹), a dificuldade em atravessar a *rebentação*, se há muita ou pouca *corrente* e se o mar está muito *agitado/mexido*⁷⁰. Na perspectiva de Macedo (2004, p.19),

“Quando o mar aumenta de tamanho o surfista necessariamente assume a sua humilde existência perante a Natureza. A procura de harmonia com uma entidade infinitamente potente é a solução”.

Em conversa com os amigos, várias questões e afirmações são lançadas: onde estará melhor? Será que ali também “dão boas” ondas e com menos gente? Ali está a *fechar*⁷¹ muito. Onde se forma melhor a onda? Saber

⁶⁹ Onda vertical e potente.

⁷⁰ Mar com ondas geralmente grandes e descontroladas, com ventos fortes.

⁷¹ Ondas com formação pouco perfeita com potencial para apenas uma ou duas manobras.

qual o vento, se há ou não *corrente* e para que lado, avaliação do tamanho das ondas, direção das mesmas (se são *direitas*⁷² ou *esquerdas*⁷³), se há ou não algum *canal*⁷⁴ por onde possa passar para o *outside*⁷⁵ mais facilmente, sem sofrer tanto a acção da *rebentação*. Em suma, uma avaliação das condições e do estado do mar para a prática da modalidade, com a maior segurança possível.

A partir do momento em que é determinado o local para *surf* e o sítio por onde entrar na água, rapidamente me equipo, verifico se as *quilhas* e o *leash* estão na prancha, e operacionais, coloco a prancha debaixo do braço e desloco-me para esse local.

Nesta fase há um aspecto peculiar: a grande parte dos surfistas utiliza uma mesma rotina para mudar a roupa que tem vestida, para o *fato* de surf, por exemplo: coloca uma toalha à volta da cintura e a partir daí começa a tirar a roupa; só depois da indumentária da cintura para baixo ter sido toda despida, o surfista veste o *fato* de baixo para cima. Quando tem já o corpo dentro do *fato* até à cintura, tira a toalha e retira o resto da roupa que falta. Após tudo isto, há quem não vista e há quem vista uma *licra* primeiramente antes de cobrir o resto do corpo com o *fato*, por forma a conservar mais o calor corporal, permitindo-lhe assim não sentir tanto frio quando se encontra na água, *surfando* durante um maior período de tempo. Pelo contrário, há também quem use a *licra* por fora: uns por razões estéticas, outros para impedir que o *fato*, na zona do peito, fique com *parafina* colada, uma vez que esta zona do *fato* está em contacto, quase permanente, com a prancha, sendo difícil ou mesmo impossível, posteriormente, removê-la.

Nos locais onde a temperatura da água do mar é mais baixa, como é o caso da zona Norte de Portugal ao longo de quase todo o ano, nomeadamente na época do Inverno, verifica-se que a grande maioria, ou mesmo a totalidade dos surfistas, utiliza um *fato* isotérmico (neoprene). No entanto, quando a

⁷² Ondas que rebentam para o lado direito do surfista, tomando como referência estar dentro de água virado de frente para a praia.

⁷³ Ondas que rebentam para o lado esquerdo do surfista, tomando como referência estar dentro de água virado de frente para a praia.

⁷⁴ *Zona da rebentação*, mais funda, onde as ondas não rebentam, facilitando a passagem para o *outside*.

⁷⁵ *Zona de rebentação* mais longe da costa.

temperatura da água diminui ainda mais que o normal, tornando-se muito mais rigorosa, alguns surfistas utilizam *gorro*, *luvas* e *botins*, por forma a resistir durante mais tempo ao frio, permitindo-lhes com isto *surf* durante um período de tempo mais longo. Nestas alturas, quando a temperatura do mar é mais exigente, os surfistas tendem a utilizar *fatos* com uma espessura superior, sendo mais comumente utilizados *fatos* 4/3 (4 milímetros de espessura na zona do tronco e 3 milímetros nos membros superiores e inferiores). Nas épocas do ano em que a temperatura da água aumenta um pouco mais que o habitual (ex.: Verão e Primavera), é frequente observarem-se surfistas a utilizarem *fatos* com espessuras mais baixas: 3/2 (3 milímetros de espessura no tronco e 2 milímetros nos membros superiores e inferiores) e também *fatos* curtos (sem mangas e abertos até à zona dos joelhos, normalmente com espessuras 3/2 e 2/2, sendo a primeira medida de ambos os *fatos* referente ao número de milímetros de espessura na zona do peito, e o segundo algarismo relativo à espessura, em milímetros, na zona dos membros superiores e inferiores).

Pelo contrário, nos locais onde a temperatura da água não exige a utilização de um *fato*, o surfista serve-se apenas de uns calções (havendo alguns que, para além dos calções, utilizam também uma t-shirt ou *licra*, evitando colocar o corpo directamente em contacto com a *parafina* existente na parte superior da prancha).

Um ponto que todos os surfistas têm em comum e que é imprescindível para a prática do surf, diz respeito à utilização e aplicação de *parafina* na parte superior da prancha, para evitar escorregar na prancha. Antes de entrar para a água, todos se certificam se a camada de *parafina* existente na parte superior da sua prancha é suficiente; caso não seja, o surfista raspa um bloco de *parafina* por toda a parte superior da prancha, ou pelas zonas mais carenciadas, para aumentar a aderência, de forma a não escorregar tão facilmente. Posteriormente à aplicação da *parafina*, alguns surfistas utilizam um utensílio, denominado *raspador*, que possui várias saliências em forma de pente, fazendo com que não fiquem bocados exagerados de *parafina*, aglomerados em algumas partes da prancha, criando também linhas

perpendiculares na base da prancha, aumentando ainda mais a aderência do surfista à prancha, no momento do deslize na *parede da onda*.

Ao chegar ao areal, aproximo-me da zona de areia molhada, coloco a prancha ao meu lado e orientada para o mar e começo a aquecer. É possível observar-se diferentes rotinas: uns realizam alongamentos, outros apenas se sentam e observam o mar, outros tentam apenas relaxar e afastar qualquer medo ou ansiedade sentida no momento. Em relação a este último aspecto, tanto a ansiedade como o medo são postos de lado, concentrando-se e tendo apenas o surfista em mente, a enorme vontade de entrar no mar. No entanto, por vezes torna-se árdua a tarefa de afastar todos estes anseios e medos, devido ao imprevisto ou o que poderá acontecer no mar. Desta forma, o mar, principalmente no que se refere ao seu estado, é susceptível de desencadear no sujeito um conjunto de sensações que influenciarão sem dúvida a sua prestação e o seu à vontade dentro de água. Atentando num exemplo prático, quanto maior for o tamanho das ondas e a dificuldade em *surf* em determinadas condições (ex.: muita *corrente*, *mar agitado*, frio), maior será a sensação de receio, angústia e, pelo contrário, enorme vontade em desafiar essas ondas, uma vez que a sensação por estas proporcionada é inesquecível. Pedro Borges traduz a ideia enunciada, quando afirma que:

“A verdade é que ao longe parece sempre mais bonito que ao perto, especialmente quando está um frio de rachar, um céu a prometer tempestade e ondas que, já de perto, parecem que te vão engolir. Mesmo assim a vontade era grande”.

No entanto, perante esta combinação entre receio e, paralelamente, a enorme vontade de enfrentar as ondas, todo o surfista deve ter sempre presente e estar consciente de uma regra fundamental na sua relação com o mar, enfatizada esta por Macedo (2004, p.30), quando refere que,

“A potência do mar é incalculável. O respeito (nunca medo) é um requisito primordial para qualquer pessoa que queira ser surfista”.

O surfista Pedro Borges, referindo-se à sua retirada do mar, num dia em que este apresentava condições bastante adversas, despoletando neste praticante medo e pouco à vontade dentro de água, afirma ainda que:

“Penso que aliando o frio, o desconhecimento da praia e o tamanho das ondas aquela decisão foi a mais razoável a ter naquele momento, que, na minha opinião, quando nos sentimos mal no mar não devemos arriscar, seja qual for o motivo”.

Um outro exemplo que poderá dar uma noção mais clara quanto às emoções sentidas quando nos deparamos com ondas grandes e perfeitas, é idêntica à sensação de possuir um carro de alta cilindrada e acelerar até à sua velocidade máxima, o que fará aumentar os níveis de adrenalina e o medo de não ser bem sucedido. No entanto, algo interior nos leva a aceitar este risco, ao mesmo tempo que despoleta no indivíduo uma enorme vontade em se colocar perante essa situação crítica e desafiá-la, na procura pela obtenção de uma sensação inexplicável, que de outra forma não seria possível senti-la.

Posteriormente ao aquecimento, prendo o *leash* ao tornozelo ou ao joelho, conforme este seja adaptado para ser aplicado numa ou noutra parte da perna e dirijo-me, com a prancha debaixo do braço, até ao mar. Um aspecto relevante na colocação do *leash*, diz respeito ao facto de este ser colocado sempre na perna que se coloca numa posição recuada, aquando do deslize na onda, por forma a dificultar o menos possível a acção e movimentação do surfista durante a *surfada*.

Na aproximação do surfista em direcção ao mar, caso este tenha colocado o *leash* na perna, fora de água, o praticante segura a prancha e agarra também neste utensílio, de modo a impedir que, durante a caminhada, este ande solto, podendo provocar a queda do surfista, o que, para além de provocar um grande embaraço, caso esteja mais gente na praia, poderá conduzir a uma lesão do praticante.

Dentro de água

Após entrar na água, não me coloco imediatamente em cima da prancha, procuro antes progredir no terreno em direcção ao *pico*, caminhando a máxima distância possível, mantendo, com os membros inferiores, o contacto com o fundo do mar. Este comportamento deve-se ao facto de, enquanto mantiver este contacto com o fundo, ser mais fácil de progredir no terreno em vez de estar constantemente a realizar o *duckdive*⁷⁶, o que fará com que me canse muito mais rapidamente e, possivelmente, que demore mais tempo a passar a *rebentação*. Assim, vou progredindo no terreno, passando a prancha por cima das várias *espumas* que vão rebentando, até começar a perder o contacto com o fundo ou, quando as *espumas* começarem a ser demasiado fortes, atirando-me para trás, fazendo-me recuar. Tudo isto não passa, portanto, de uma medida de economizar energia por parte do surfista, durante a passagem da *rebentação* para alcançar o *pico*, reservando o praticante toda esta energia para a sua prestação no deslize da onda e nas manobras a realizar.

Depois de me colocar em cima da prancha, em decúbito ventral, remo até ao *pico* (no *outside* ou *inside*), estilo *crawl*, entrando os membros superiores alternadamente na água, de modo a colocar-me na zona onde quebram as melhores ondas. Quando estou a remar de frente para uma onda que está na eminência de rebentar, tenho um certo receio de a alcançar porque não quero sofrer todo o seu impacto e energia. Aí, remo ou para a direita ou para a esquerda, consoante o lado para onde ela está a quebrar, a fim de tentar passar suavemente por ela. Isto pode ter dois lados, um muito agradável ou outro mais assustador: agradável se conseguir passar por esta, furando a *parede da onda* ainda por quebrar ou simplesmente subir essa mesma *parede*; por outro lado, pode também ser algo de assustador, se não tiver tempo de remar e alcançar a onda suficientemente rápido a fim de a passar de forma prazenteira. Caso tal aconteça, serei atingido pela *espuma* da onda e quanto mais força esta tiver, mais difícil será passar por ela, podendo esta até quebrar

⁷⁶ Técnica de passagem da *rebentação*, conhecida por mergulho de pato, permitindo que o surfista se mantenha na mesma posição, sendo pouco ou nada arrastado pelas ondas.

em cima de mim no momento em que tento passar. Decorrente deste acontecimento, poderão surgir várias situações perigosas, como por exemplo, ser empurrado para o fundo devido à força da onda, retirando-me esta do contacto físico com a minha prancha, ou provocando-me alguma lesão, se o *lip* quebrar com violência em cima de mim. Assim, o surfista deve estar consciente, tal como refere Conway (1993, p.8), que

“As belas linhas de *espuma* correndo em direcção à praia escondem de facto perigos extremamente sérios”.

Pensamos que o testemunho de Pedro Borges também nos pode ajudar a ilustrar os perigos das ondas:

“Ao entrar deparo-me com uma água gelada que entrava por todos os buracos de o meu *fato* velho, uma vez que o *fato* que usava na altura tinha ido para arranjar, uma *corrente* que puxava com relativa força directamente para o paredão e um longo caminho para conseguir chegar à *zona de rebentação* (...) Como a *corrente* era muito forte e aliado ao meu sentimento de medo e desconhecimento daquela praia fui incapaz de me colocar na *zona de rebentação*”.

Após passar a *rebentação*, consigo finalmente chegar ao *pico*. Aqui, encontram-se normalmente vários surfistas, todos na mesma zona, formando um grupo com um objectivo em comum: *surf*. Dentro deste grupo de praticantes, é ainda possível verificar a existência de pequenos grupos mais coesos, constituídos por um grupo de amigos com um maior grau de intimidade, estabelecendo entre eles uma interacção e conversa mais restrita. No entanto, o surf é também um desporto onde é possível conhecer-se muitas e diferentes pessoas. Quando se encontra um número reduzido de indivíduos num determinado *pico*, normalmente a probabilidade de estabelecimento de diálogo entre sujeitos, que não se conheciam até então, é maior.

De entre os vários surfistas presentes no *pico*, é possível observar-se frequentemente indivíduos de todas as idades, desde crianças, a adultos e idosos, e não só, como comumente se pode pensar, indivíduos pertencentes a escalões etários mais baixos. Tal afirmação poderá ser explicada pela ideia de Macedo (2004, p.39), ao referir que

“A ligação à Natureza, e conseqüente origem da felicidade do surf, pode ser sentida ao longo de todo o ciclo de vida humano. Surfistas em todo o mundo com mais de 65 anos, pesados, baixos ou altos podem ser vistos dentro de água, em contacto directo com o infinito do mar e das ondas”.

Todos os surfistas, jovens ou idosos, sendo estes conhecidos ou não, aguardam a sua vez (sentados ou deitados na prancha) para poder apanhar uma onda. Até à entrada do *set*, é possível verificar-se a adopção de diferentes comportamentos por parte dos surfistas que se encontram na água: diálogo entre companheiros/amigos; em silêncio, aguardando a entrada do *set*; observação dos vários pontos no mar em busca de um *pico* com melhores ondas, menos *crowd*⁷⁷, ou seja, uma gestão feita pelo próprio surfista em que este analisa onde estão reunidas as melhores condições, no local onde se encontra, proporcionando-lhe uma melhor sessão de surf.

Aquando da entrada do *set*, observa-se uma movimentação dos surfistas para o local mais favorável para apanhar a onda. Respeitante a este ponto, será também importante referir o aspecto da *prioridade*, regra de comportamento a adoptar pelo surfista quando se encontra no mar e se prepara para apanhar a onda. O surfista que se encontra mais junto à *espuma* da onda possui o direito de usufruir da onda, isto é, tem a *prioridade* perante um outro surfista que se encontra mais afastado da *espuma*. O cumprimento desta regra é deveras importante, não só por respeito pelos restantes companheiros de prática, mas também por questões de segurança. Ainda em relação ao tema da *prioridade*, à medida que os surfistas vão chegando ao *pico*, após *surfarem* uma onda ou porque entraram pela primeira vez na água,

⁷⁷ Literalmente, multidão. Refere-se a um excesso de surfistas numa determinada praia ou onda.

estes não se podem colocar livremente no espaço destinado à prática, havendo como que uma “regra de chegada”, funcionando o movimento dos surfistas na água como um carrossel. Assim, o surfista, após chegar ao *pico*, não se coloca imediatamente no lado mais próximo onde quebra a *espuma* para ganhar *prioridade*, na tentativa de entrar em primeiro lugar na próxima onda que vier, em relação aos restantes participantes que aguardavam pela sua vez. Com isto, à medida que o surfista mais próximo da *espuma* vai apanhando a onda, os surfistas vão-se deslocando no sentido desta, ganhando de forma correcta a *prioridade* em relação aos seus companheiros de prática. O surfista que apanhou a onda deverá, posteriormente, remar até ao *pico* e colocar-se mais afastado da zona onde quebra a *espuma*, em relação ao último surfista, aguardando pela chegada da sua vez para apanhar uma nova onda.

Em variadas situações, é possível verificar-se alguma tensão dentro de água, devido ao desrespeito da *prioridade* por parte de um surfista em relação a um outro companheiro de prática. Estas situações de tensão surgem quando um surfista chega ao *pico* e “passa à frente” de todos praticantes, não respeitando a “ordem de chegada”, ou quando inicia o *drop* numa onda sem *prioridade*, onde já se encontrava um outro colega com *prioridade*, sendo possível ouvir-se frequentemente, neste último caso, quando tal acontece, o termo *dropinar*⁷⁸, sinal de repreensão ou chamada de atenção do colega.

Esta *prioridade* na onda e o próprio *dropinar* podem gerar uma situação de entendimento mútuo, em que dois surfistas entram em consenso, podendo *surfear* a mesma onda (na maior parte das vezes, tal só acontece quando os dois elementos em questão são amigos, caso contrário, tal entendimento será mais difícil de ocorrer). De acordo com Macedo (2004, p. 56), referindo-se ao prazer sentido ao *surfear* uma onda,

“... é normalmente atingido na relação 1 surfista – 1 onda. Mas também pode ser sentido por dois surfistas na mesma onda...desde que haja mútuo consentimento!”.

⁷⁸ Arranque de um surfista numa onda que já pertence a um outro praticante, retirando-lhe o direito de usufruto.

A aceitação ou rejeição da partilha da mesma onda por dois surfistas dependerá principalmente do modo como estes compreendem e interpretam o surf. Assim sendo, em algumas situações onde uns vêem essa atitude como uma ofensa, outros interpretam-na como um momento de partilha e amizade entre dois indivíduos, desfrutando ambos da sensação única de deslizar na onda. Tal como afirma Pedro Lima no filme “Norte-Sul”,

“Esse é que é o espírito de quem anda na água. É o espírito de surf, é o espírito de solidariedade e não de *localismo*⁷⁹ e disputa... há lugar para todos”.

Um aspecto compreendido por uns e criticado por outros como prejudicial para o ambiente que se vive na água, diz respeito ao *localismo* existente em cada praia, numas mais acentuado que noutras. Tal como afirma Cadilhe (2005, p. 10), este fenómeno presente nos nossos dias consiste numa

“Prática territorial exercida pelos surfistas *locais* de determinada praia, que visa excluir surfistas visitantes através de ameaças, intimidações e, ocasionalmente, violência”.

Assim sendo e na maioria das praias, é aceite que um *local*⁸⁰ tenha mais direitos sobre a “sua” onda, comparativamente com um visitante ou um indivíduo não tão frequente nessa mesma praia/onda. Neste caso, o desrespeito, por exemplo, pelas regras da “ordem de chegada” e da entrada na onda, na visão e interpretação de alguns surfistas, é compreensível, caso esta atitude tenha sido levada a cabo por um *local*, não sendo a mesma situação bem aceite, caso tenha sido um outro surfista considerado “não *local*” ou visitante a realizá-la. Na perspectiva de Burrow’s (2005, p.63),

⁷⁹ Prática territorial exercida pelos surfistas *locais* de determinada praia, que visa excluir surfistas visitantes através de ameaças, intimidações e, ocasionalmente, violência.

⁸⁰ Estatuto que se adquire com a regularidade de presença numa determinada onda/praias ao longo dos anos, independentemente da destreza técnica do surfista. É geralmente aceite que um *local* tenha mais direitos sobre a “sua” onda que um visitante.

“Like calling wave size, the rules of the ocean are difficult to explain to a beginner. The rules are broad, and often vague. Surfing is becoming increasingly more popular. There will be times when it gets *crowded* and you will be involved in a conflict”.

Durante o *drop* na onda, é possível verificar-se que nem todos os surfistas adoptam a mesma posição e postura em cima da prancha. Neste âmbito, surgem dois tipos de surfistas: *regular*⁸¹, todos aqueles que colocam o pé esquerdo numa posição mais avançada na prancha em relação ao pé direito e, ao contrário destes, os *goofy*⁸², surfistas que se posicionam com o pé direito numa posição mais avançada em relação ao pé esquerdo.

Aquando do *drop*, também a relação entre surfista e onda é diferente, variando devido ao facto de o praticante ser *regular* ou *goofy*. Assim sendo, no caso específico do surfista *regular*, nas ondas que quebram para a *direita*, este é *frontside*⁸³ para a *direita*, uma vez que *surfa* de frente para a onda, quando esta quebra para o lado direito. Já quando este indivíduo *surfa* em ondas que quebram para o lado esquerdo, diz-se que este praticante *surfa* de *backside*⁸⁴ nas ondas *esquerdas*, uma vez que se desloca, neste tipo de ondas, de costas para a mesma. Quanto ao surfista *goofy*, verifica-se exactamente o contrário do observado nos surfistas *regular*: nas ondas *direitas*, os *goofy surfam* de *backside* e, nas ondas que quebram para o lado esquerdo, os mesmos *surfam* de *frontside*, em relação à posição adoptada entre surfista e onda.

Após a entrada na onda, independentemente de ser *regular* ou *goofy*, o surfista procurará deslizar harmoniosamente com a onda, aproveitando toda a sua energia, força e movimentação, para, com esta, viver um momento agradável e inesquecível, experienciando um conjunto de sensações e emoções prazenteiras. Como é enfatizado por Macedo (2004, p.20),

⁸¹ Surfista que se mantém sobre a prancha com o pé esquerdo à frente. Equivalente a dextro.

⁸² Surfista que se mantém sobre a prancha com o pé direito à frente. Equivalente a esquerdino.

⁸³ Executar movimentos de frente para a face da onda, ou *surf* de frente para a onda.

⁸⁴ Executar movimentos de costas viradas para a face da onda, ou *surf* de costas para a onda.

“O “simples” acto de *surf*ar uma onda implica atingir harmonia com a Natureza”.

Ainda Macedo (2004, p. 62), referindo-se a um conjunto de imagens que mostram a sequência de uma onda a rebentar, afirma que, nesse momento,

“... testemunha-se a magia de estar em sintonia com o fim do percurso da mesma: uma sensação verdadeiramente única. Captar e fluir com a energia de uma onda é o momento sagrado e decisivo do surf”.

Nesta relação íntima com a Natureza, durante o deslize na onda, o surfista busca sentir o tão procurado *feeling*⁸⁵, a derradeira sensação de prazer, fluindo o praticante com a onda, formando estes dois elementos como que um só, numa profunda ligação de harmonia. Como forma de ilustração deste sentimento, recorreremos às palavras de Macedo (2004, p. 54):

“O *feeling*: deslize do surfista na onda, uma *parede* fluida de verde-esmeralda tornada sólida pela velocidade. Segundos memoráveis e dos momentos mais puros do surf”.

O mesmo surfista, Macedo (2004, p.63), refere-se ao conceito de *feeling* como sendo

“A sensação de harmonia com a Natureza é útil ao longo de toda a vida do surfista”.

Durante a acção do surfista na onda, e de entre as várias manobras e acções que este possa adoptar, sem dúvida que a mais fantástica e fascinante de todas será a entrada dentro do *tubo* por parte do praticante, a sua manutenção dentro deste e, posteriormente, a sua saída, sentindo na parte

⁸⁵ Sensação oriunda de apanhar e fluir com a energia da onda.

posterior do corpo os milhões de gotículas expelidas pelo *tubo*. Este facto encontra-se bem explícito nas palavras de Conway (1993, p.8), ao afirmar que

“O sítio mais perigoso – e mais apreciado – para «montar» uma onda é exactamente ao longo do *tubo* formado pela onda antes de rebentar”.

Já para Macedo (2004, p.66), o *tubo* assume-se como

“... a manobra que distingue o surf de todos os outros desportos”.

O mesmo autor refere ainda que,

“... o *tubo* representa a harmonia mais íntima e absoluta com a Natureza, retrata a coragem e ousadia máxima do surfista e enaltece a dificuldade técnica do acto” (Macedo, 2004, p. 83).

Burrow's (2005, p. 48), surfista profissional australiano, relativamente à sensação vivida no *tubo*, considera que

“As a surfer, this is what you live for. I can't imagine anything *feeling* better. Once you taste it, you will hunt it for the rest of your life. Work? School? Responsibilities? They're nothing if there are barrels to be had”.

Quando estamos no mar podemos observar diferentes tipos de pranchas: *shortboards*⁸⁶, *bodyboards*, *longboards* e *kneeboards*⁸⁷ (relativamente ao último modelo, estas são as mais raras de encontrar na água, talvez por proporcionarem um momento menos espectacular para quem assiste, comparativamente com as restantes pranchas, ou simplesmente por serem menos divulgadas). No entanto, consoante as condições do mar, é

⁸⁶ Prancha de bico pontiagudo, com cerca de metade do tamanho de uma prancha de *longboard*, que proporciona um surf rápido e explosivo.

⁸⁷ Prancha de menores dimensões comparativamente a uma de surf, em forma de ovo, através da qual o praticante se desloca de joelhos na onda.

possível constatar um maior número de pranchas de um determinado tamanho específico: quando o mar possui maior ondulação, com ondas maiores, mais *cavadas* e *rebentação* mais difícil de passar, observa-se um maior número de *shortboards* e *bodyboards*; quando o mar possui uma ondulação mais baixa, com ondas mais pequenas verifica-se um maior número de *longboards*. Em algumas situações as ondas encontram-se mais *cheias*⁸⁸, ou seja, com uma maior massa de água, com menos *parede* vertical e potência comparativamente com as ondas *cavadas*, sendo mais fácil apanhá-las com uma prancha de maiores dimensões, daí se observar nestas condições o maior número de *longboards*. Num outro caso, quando as ondas estão a rebentar muito no *inside*, é possível encontrar-se um maior número de pranchas de *bodyboard* na água. Assim e de acordo com as condições do mar, é possível encontrar-se, na grande maioria das vezes, todo o tipo de pranchas, havendo no entanto, consoante o estado do mar, uma maior prevalência de um tipo em detrimento de outro ou outros. De acordo com o exposto, é possível observarem-se frequentemente automóveis de surfistas com mais que um tipo de pranchas no seu interior, isto devido ao facto de melhor se adaptarem aos vários tipos e condições marítimas. A este conjunto de pranchas, pertencentes a um mesmo praticante, dá-se o nome de *quiver*.

O número de indivíduos na água e o seu grau de experiência estão relacionados com a sua entrada no mar, consoante o tamanho das ondas e dificuldade em *surfá-las*. Quando as ondas estão grandes e *poderosas*, é possível verificar-se um *crowd* inferior comparativamente às alturas em que o mar se encontra com ondas mais pequenas e fáceis de *surf*. Em condições mais adversas, é possível constatar-se apenas um reduzido número de indivíduos a *surf*, aqueles que possuem um grau de experiência elevado (aqueles que conseguem controlar melhor as emoções, o medo, são detentores de uma boa capacidade técnica, o que lhes permite *surf* com maior segurança, mas sobre este assunto falaremos aquando da tarefa interpretativa). Com um mar mais agressivo e com um maior tamanho das ondas, é possível verificar-se que os surfistas utilizam pranchas com maiores

⁸⁸ Onda com pouca força.

dimensões, as *gun*⁸⁹, uma vez que estas lhes permitem maior estabilidade e controlo da mesma aquando do deslize na onda. Pelo contrário, quando as ondas estão pequenas e mais acessíveis a todo o tipo de praticantes, o *crowd* aumenta significativamente, verificando-se também um variado leque de pranchas (formatos, tamanhos e características diferentes).

O vento é um aspecto decisivo na formação de boas ondas (maiores e consistentes), estando o surfista em permanente contacto com este durante a prática do surf. O vento mais agradável é o *vento offshore*⁹⁰, não só pelo seu contributo para ondas de qualidade, mas também pelo facto de ser quente, o que tranquiliza o surfista e lhe proporciona uma sensação relaxante e agradável durante a *surfada*. Ao contrário deste vento, existem outros (ex.: norte, sul, *onshore*⁹¹) que não contribuem de forma tão positiva para a formação de boas ondas, à excepção de algumas praias que devido à sua localização geográfica, funcionam melhor com este ou aquele vento específico. O vento norte, por exemplo, fornece uma experiência menos agradável ao praticante, uma vez que é mais frio, influenciando negativamente a prestação do indivíduo na água. Nos países onde a água do mar é mais fria, não havendo a possibilidade de *surf* durante longos períodos de tempo sem um *fato de neoprene* (como é o caso de Portugal), a sensação do vento a bater no corpo é mais difícil de obter, uma vez que o surfista se encontra coberto com o *fato*. Já em locais onde a água possui temperaturas mais elevadas (ex.: Austrália), onde é possível *surf* sem *fato*, a experiência de sentir o vento a bater no corpo é algo muito agradável, dando um sentimento de liberdade e relaxamento.

Quando nos encontramos na água a passar a *rebentação*, por vezes é necessário realizar a técnica *duckdive* que, segundo Silva (2000), consiste numa técnica de passagem da *rebentação*, conhecida por mergulho de pato. O seu movimento, como o próprio nome indica, é semelhante ao de um mergulho

⁸⁹ Prancha especificamente concebida para uso em ondas grandes, comprida, pouco larga e em forma de lança.

⁹⁰ Vento que sopra de terra para o mar, perpendicularmente às ondas e tendendo a torná-las mais côncavas. Um *offshore* suave sobre uma ondulação de dimensões decentes produz geralmente condições soberbas para a prática do surf.

⁹¹ Vento que sopra do mar para terra. Tende a dificultar a saída para o mar, prejudicando geralmente as condições para a prática do surf.

efectuado por um pato. O surfista realiza este movimento para atravessar a *espuma* da onda sem sofrer o seu impacto e sem ser arrastado para terra pela sua força. No entanto, nem sempre a onda é perfurada quando já quebrou, ou seja, quando se encontra já com *espuma*, podendo o surfista furar a *parede da onda*.

A sensação experienciada no momento em que o surfista fura a *parede da onda* é deliciosa, como que se uma *corrente* de água em sentido contrário atravessasse o nosso corpo, começando na extremidade da nossa cabeça e terminando na ponta dos pés. Para além disso, a sensação de passar uma onda (neste caso, atravessando-a na sua *parede*) sem sofrer qualquer tipo de arrasto, constitui-se como algo muito aprazível, uma vez que a passagem da onda por nós é suave e delicada, como se acariciasse o seu corpo. Caso nos apanhasse e arrastasse com toda a sua força novamente em direcção à praia, obrigaria a voltar a remar tudo de novo, para nos colocarmos novamente no *pico*.

Para além de furar a onda, caso esta ainda não tenha rebentado, podemos atravessá-la passando por cima desta. Quando tal acontece, após a passagem por cima da onda, é possível sentir-se uma enorme quantidade de partículas de água a baterem no nosso corpo, conhecido este acontecimento no surf como *chuveirinho*⁹², sendo também possível contemplar-se, quando tal acontece, as cores do arco-íris na parte de trás da onda. Nesta passagem pela onda, observa-se todo o movimento da água e todas as cores do mar (quando o sol bate nas costas da onda e o surfista se encontra de frente para a onda, esta adquire uma cor verde).

Depois de *surf*/sair da água

Quando o mar está com ondas maiores que o habitual, a tensão que sinto dentro de água é maior. Mas, em contrapartida, quando chego a terra firme, depois de *surf*, sinto que o relaxe, a descontração e o bem-estar são

⁹² Enorme quantidade de partículas de água projectadas pela onda, a partir do momento em que esta começa a quebrar ou rebentar.

maiores, funcionando como uma relação directamente proporcional: quanto maior as ondas que consigo *surf* durante a sessão, maior o relaxe e satisfação em ter conseguido *surf* tais ondas, quando saio da água. A partir deste pensamento, muitas vezes tento imaginar o que sentirão os *Big-Riders* ao *surf* ondas gigantes, ondas de tamanho superior ao que já alguma vez presenciei, ao vivo. Se eu, ao *surf* ondas de dimensões muito mais reduzidas do que aquelas *surfadas* por estes praticantes, consigo sentir uma enorme sensação de prazer, êxtase, alegria e bem-estar interior, estes indivíduos deverão ter sensações de prazer tão grande, tão extremo, que nem sequer consigo imaginar, muito menos traduzir por palavras. Seguindo esta linha de pensamento, torna-se um pouco mais claro para mim compreender o porquê destes sujeitos se aventurem naquela que poderá ser a sua última onda...talvez a partir do momento em que se experimente, pela primeira vez, este tipo de sentimentos e sensações, será quase como uma droga, muito difícil ou mesmo impossível de voltar atrás, querendo sempre mais e mais obter tais emoções extraordinárias.

Após retirar todo o equipamento e guardá-lo devidamente, alguns surfistas que estão sozinhos deixam a praia (de carro, autocarro ou outro meio de transporte) com uma expressão de satisfação estampada no rosto e relaxamento. Outros surfistas que vieram acompanhados pelos seus amigos, combinam quando será a próxima *surfada* e partem, ou então, permanecem no local convivendo com os seus companheiros (tal como no mar, cada grupo de amigos forma um subgrupo fora de água, interagindo apenas com os seus amigos, não se verificando na maioria das vezes convívio fora de água, entre indivíduos que não se conhecem). É possível também verificar-se frequentemente que estes permanecem no local, na praia, interagindo uns com os outros, não se deslocando para nenhum outro sítio após saírem da água. Apesar da disposição e temas de conversa dos indivíduos ser variada e não algo característico de cada grupo (ex.: acerca das ondas que fizeram, o tamanho que tinham, as manobras que conseguiram realizar), um aspecto comum se verifica em todos eles: a descontração e o à vontade com que todos estes se encontram, enquanto confraternizam uns com os outros.

Um dos temas muitas vezes ouvido entre conversas de praticantes de surf, diz respeito à realização de uma *surf trip*⁹³. Esta viagem consiste em partir em busca da onda perfeita, a onda dos nossos sonhos, aquela com que muitas vezes sonhamos e não temos oportunidade de a desfrutar na zona onde moramos, sendo muitas vezes grupos de surfistas levados a embarcar nesta verdadeira aventura, na procura de sensações e emoções nunca antes sentidas por estes, na qual há também um grande enriquecimento pessoal de quem integra nestas viagens. Na perspectiva de Macedo (2004, p. 40),

“A *surf trip* é das grandes aventuras do surf. São nesses momentos que se tornam especialmente importantes as regras e aprendizagens base de observação das condições, e respeito pela Natureza”.

Já em casa, penso muitas vezes nas melhores ondas que já apanhei, nesse dia ou em outros anteriores a esse, e anseio por apanhar outro dia ou outra onda como aquela ou melhor...sempre em busca de “mais uma” ou “daquela” para recordar e que nunca irei esquecer! A partir do depoimento de Hamilton (2007, p.106), jovem surfista que ficou sem um braço, devido ao ataque de um tubarão enquanto *surfava*, é possível traduzir-se um pouco desta ideia de reviver o momento.

“Contudo, às vezes a natureza está do teu lado. A onda, as condições certas e a dança, tudo se combina numa experiência que te toca tão fundo que não consegues parar de falar sobre essa viagem (de tal maneira, que os teus amigos não surfistas se queixam “oh, não! Outra vez não!”). Mas tudo o que tu queres é reviver o momento, é ficar nesse momento para sempre”.

Cadilhe (2005, p.73) também traduz esta ideia, afirmando que,

“Uma onda é simultaneamente a emoção mais intensa e mais efémera que conheço. Um binómio perigoso, este de unir a intensidade à efemeridade.

⁹³ Viagem com o objectivo exclusivo de fazer surf.

Cria dependência, nunca satisfaz a alma. Volta-se sempre para mais do mesmo”.

3.2. Grupo de estudo

O presente estudo é composto por 3 indivíduos do sexo masculino, sendo todos eles praticantes experientes de surf. Todos têm fortes vivências e elevado nível de conhecimento no que concerne ao surf em ondas grandes.

Neste trabalho, foram realizadas, no total, 3 entrevistas semi-estruturadas, estando todas elas enquadradas no âmbito da vertente extrema desta modalidade. O reduzido número de surfistas entrevistados é devido à escassez de praticantes no nosso país com um perfil que se enquadre nesta vertente extrema do surf, permitindo-nos a realização de entrevistas que nos forneçam informação útil e pertinente no tema em estudo.

Ao longo da apresentação e discussão dos resultados, a cada um dos elementos intervenientes será atribuída uma sigla, apesar de todos os entrevistados não terem exigido o anonimato neste estudo, por forma a facilitar a leitura do documento. Assim sendo, a sigla S1 corresponderá ao surfista Luís Cruz, S2 remeterá para o praticante Ramiro Pinto e, por fim, a sigla S3 dirá respeito a Abílio Pinto. Os números 1, 2 e 3 foram atribuídos segundo a ordem de realização das entrevistas.

Seguidamente, será apresentado um conjunto de informações, acerca de cada um dos elementos entrevistados, a fim de facilitar a análise do estudo e que importa consultar:

Quadro 1 – Informação relativa aos surfistas entrevistados

| Nº entrevista | Entrevistado | Sigla identificativa | Idade | Profissão | Habilitações Literárias | Prática de surf (anos) |
|---------------|--------------|----------------------|-------|------------|--|------------------------|
| 1 | Luís Cruz | S1 | 32 | Empresário | Freq. Universitária (3º ano) –Engenharia | 15 |
| 2 | Ramiro Pinto | S2 | 42 | Empresário | 11º ano de escolaridade | 32 |
| 3 | Abílio Pinto | S3 | 40 | Empresário | 9º ano de escolaridade | 30 |

3.3. *Corpus* de estudo

Relativamente ao nosso *corpus* de estudo, isto é, todos os documentos susceptíveis de fornecer informações sobre o problema levantado e que serão objecto de análise, é constituído por um conjunto de transcrições referentes às entrevistas realizadas a 3 surfistas, bem como pelo contributo de um testemunho efectuado por um outro praticante de surf, tendo este último sido utilizado na descrição densa do surf.

3.4. As entrevistas

Aquando da realização de um estudo, verifica-se essencial a adequação existente entre o objecto de estudo e a metodologia a utilizar.

Desta forma, devido à complexidade e subjectividade das questões colocadas, emerge a necessidade de uma abordagem de tipo qualitativa, permitindo-nos proceder a uma análise e conseqüente interpretação dos dados de forma adequada, procurando realçar a ligação existente entre o homem e a presença do factor risco, durante a prática do surf, na sua vertente extrema de ondas grandes. Assim, a realização de entrevistas surge-nos como a metodologia mais indicada no tratamento deste tipo de assunto. Esta ideia é veiculada por Quivy e Campenhoudt (2003), ao referirem que tem toda a lógica

a aplicação das entrevistas quando os objectivos do estudo se regulam pela análise do sentido que os observados atribuem às suas práticas e situações com as quais se defrontam, isto é, as suas referências normativas, sistemas de valores, interpretações das situações, as leituras que fazem relativamente às experiências por eles vivenciadas, entre outros aspectos.

No universo das entrevistas, há vários tipos passíveis de serem aplicados. Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), existem três tipos de entrevistas: não directiva ou não estruturada, semidirectiva ou semi-estruturada e, por fim, directiva ou fechada. No âmbito deste trabalho e de entre as várias opções existentes, optámos pela aplicação da entrevista semidirectiva ou semi-estruturada, devido às inúmeras vantagens que este tipo de entrevista proporciona, sendo esta, tal como defendem os meus autores, a mais frequentemente utilizada no campo das ciências sociais. Considera-se entrevista semi-estruturada, uma vez que não se assume como inteiramente aberta nem encaminhada por um elevado número de questões precisas.

Nas entrevistas semi-estruturadas, o entrevistado é levado a responder de forma exaustiva, servindo-se das suas próprias palavras através do seu quadro de referência a uma dada questão ou tema. No entanto e caso o entrevistado não aborde espontaneamente um dos sub-temas em questão, o entrevistador terá a liberdade de colocar novas questões, a fim de se atingir o cerne da questão e de se obterem informações mais completas (Ghiglione e Matalon, 1997). Segundo Vala (1986), neste tipo de entrevistas, o entrevistador não se encontra limitado às perguntas realizadas anteriormente, tendo a liberdade de incluir outras, de acordo com as respostas dadas pelos entrevistados e consoante os objectivos da investigação.

Neste sentido, assumir-se-á como fundamental a elaboração de um guião orientador da entrevista. No entanto, e tal como afirmam Quivy e Campenhoudt (2003), o guião por si só revela-se insuficiente, devendo o entrevistador conhecer todos os temas acerca dos quais necessita obter reacções do entrevistado, ficando ao seu critério a forma e ordem como estes são introduzidos, sendo somente definida a orientação para o início da entrevista.

Assim sendo, o investigador colocará um conjunto de perguntas relativamente abertas ao entrevistado, esperando obter por parte deste um conjunto de informações úteis, devendo o entrevistador, durante todo o processo, deixar, dentro do possível, o entrevistado falar abertamente acerca do tema em questão, servindo-se para tal das palavras que quiser. Durante a entrevista, o entrevistador terá então como preocupação conduzir a mesma e orientar o entrevistado para os objectivos em estudo sempre que este, no decorrer do discurso, se afaste dos objectivos em questão.

Deste modo, a entrevista pressupõe uma relação de pergunta e resposta entre entrevistador e entrevistado, tendo o primeiro que estar atento e conduzir a entrevista e o entrevistado consoante os interesses e objectivos do seu estudo. O guião assume então duas funções primordiais: o enquadramento, impedindo que o narrador se afaste do campo de pesquisa, e precisão, pelo pedido de informação que o entrevistado não fornece naturalmente (Poirier, Clapier-Valladon, Raybaut, 1999).

A entrevista consiste então numa técnica de recolha de dados utilizados na investigação qualitativa, assumindo-se, tal como referem Denzin e Lincoln (2000), como uma das mais poderosas e comumente utilizadas para o entendimento do ser humano. Assim sendo, a entrevista diz respeito à realização de um interrogatório efectuado oralmente, que nos permite tomar conhecimento quanto à visão e opinião do entrevistado relativamente a um determinado tema. Na perspectiva de Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994), as entrevistas revelam-se de grande importância na recolha de dados válidos acerca dos indivíduos observados. Assim, uma das principais funções da entrevista consiste em determinar tudo aquilo que não pode ser observado ou percebido, com vista a alcançar o desconhecido, uma vez que, segundo Pais (2003), o objectivo da entrevista reside na obtenção do “não visto” ou, melhor dizendo, somente do “entrevisto”.

Não obstante o enorme contributo positivo que a realização de entrevistas pode proporcionar no âmbito deste trabalho, é necessário ter em conta as suas desvantagens aquando da sua utilização.

Neste sentido, para além das já referidas vantagens, apontam-se ainda como vantagens proporcionadas pelas entrevistas, a possibilidade de associação entre o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos e a flexibilidade de utilização que lhe é concedida, permitindo também a recolha de testemunhos e interpretações dos interlocutores, respeitando os seus quadros de referência, ou seja, a sua linguagem e categorias mentais (Poirier et al., 1999).

No que concerne às desvantagens inerentes à aplicação das entrevistas, não podemos descurar o facto dos dados recolhidos estarem confinados somente a enunciados verbais ou discursos. Com efeito, durante a realização das entrevistas, os indivíduos nem sempre respondem às questões de forma sincera e verdadeira, consoante o que sentem e pensam, podendo ser influenciados e podendo afirmar não aquilo que sentem, mas sim o que supostamente acreditam que o entrevistador gostaria de ouvir. No entanto, não podemos ignorar o facto de toda a existência estar condicionada pelo fenómeno da meia sinceridade, afirmando-se a ocultação da verdadeira realidade como um dos factores determinantes na apreensão do real (Poirier et al., 1999). Pensamos que o nosso objecto de estudo justifica correr este risco, estando certos que o tipo de dados obtidos pelas entrevistas serão uma mais valia para a compreensão do modo como o surfista experiencia a sua actividade e o risco propriamente dito.

3.4.1. Construção das entrevistas

A construção do guião foi efectuada com base em duas vertentes: uma mais teórica, formulada na revisão da literatura, e um lado mais prático, recorrendo a um conjunto de aspectos que considero importantes acrescentar a esta ferramenta, consoante a minha experiência enquanto surfista.

A elaboração do guião esteve composta por várias fases. Primeiramente, procurei reunir um grupo de questões pertinentes que me fornecessem o máximo de dados úteis e que fossem de encontro aos

objectivos pretendidos para este estudo. Durante esta fase inicial, procedi igualmente à justificação de todas as perguntas a colocar no guião, por forma a identificar se todas elas se constituíam e procuravam obter dados realmente importantes, que me possibilitassem responder de melhor forma aos vários problemas levantados. Após tal elaboração e justificação, toda a informação foi submetida a um especialista, uma professora universitária que lida habitualmente com este instrumento de investigação. Depois de várias indicações e correcções efectuadas, com vista a tornar as questões colocadas de forma mais directa, concisa e eficaz na busca da informação pretendida, o guião foi alvo de aprovação.

No entanto e apesar de toda a construção e correcções efectuadas, constatava-se de grande importância a aplicação desta ferramenta no terreno, tendo sido realizada uma entrevista piloto, possuindo esta os seguintes objectivos: perceber até que ponto o guião ia de encontro à recolha de dados que se procuravam obter, detecção de possíveis erros no guião e identificação de repetição da informação obtida através das perguntas efectuadas e se as questões eram perfeitamente compreendidas pelo interlocutor.

Assim, elaboração e conseqüente correcção das formulações do guião caminharam lado a lado neste processo, pois ao longo da sua construção, identificámos que as várias perguntas inicialmente idealizadas se mostraram, por vezes, inadequadas e insuficientes.

As questões que integram o guião das entrevistas e a sua respectiva justificação são as seguintes (o guião encontra-se no anexo A):

Pergunta 1 – O que representa para ti o surf? Qual o espaço que o surf ocupa na tua vida?

Justificação 1 – O modo como cada um interpreta, compreende e vê o surf varia de pessoa para pessoa. Nesta pergunta, pretende-se que o entrevistado refira a forma como vê esta actividade, qual a sua interpretação em relação a esta prática.

Pergunta 2 – Quando e como começaste a praticar surf?

Justificação 2 – Através desta questão será possível saber quando e como é que o entrevistado se iniciou nesta prática. Após a conclusão da entrevista, poderemos também comparar os seus objectivos no início da sua actividade e no momento presente (o que o levou a optar pela prática do surf e não outra actividade e o que o mantém nesta actividade, quais os seus objectivos iniciais e actuais).

Pergunta 3 – Até ao momento, que situações te marcaram mais no surf?

Justificação 3 – Sem influenciar a resposta do entrevistado para um ou outro tema, pretende-se que este refira qual ou quais as situações que mais o marcaram ao longo da sua prática no surf. Nesta questão, e sem questionar directamente o surfista, pensa-se que será possível tomar conhecimento relativamente a uma ou mais situações de perigo e risco pelas quais o surfista terá passado, podendo, no seguimento da conversa, colocar mais questões no âmbito do risco (sensações vividas durante as experiências relatadas, etc.).

Pergunta 4 – Quais os motivos que te levaram a uma passagem do surf de ondas pequenas para surf em ondas grandes? O que te levou a *surf* ondas grandes? Quais os teus objectivos?

Justificação 4 – Ficaremos a saber, com esta questão, quais os motivos que levaram o surfista a passar de ondas de pequenas dimensões para outras com maiores dimensões. É esperado que, através desta questão, o surfista indique quais os motivos para *surf* ondas grandes: se procura adrenalina, já não sente o *feeling* em ondas pequenas, etc. (ficamos a saber o que motiva cada um dos entrevistados a *surf* ondas grandes; será que os motivos desta prática extrema são comuns a todos eles?).

Pergunta 5 – Como consideras o surf de ondas grandes? O que representa para ti esta prática?

Justificação 5 – Saber que importância é que o entrevistado atribui ao surf de ondas gigantes, se contribuiu para dar a conhecer a modalidade, permitiu

atingir novos limites, se possibilitou a alguns sujeitos atingir uma satisfação que as ondas de pequenas dimensões já não lhes podiam proporcionar, se possibilitou atingir patamares mais elevados, que de outra forma seriam impossíveis de atingir (ao nível das sensações, excitação, risco, entre outros aspectos).

Pergunta 6 – Na tua opinião, que características deve reunir um surfista de ondas grandes?

Justificação 6 – Saber qual o conceito ou noção que o entrevistado tem, relativamente ao “surfista ideal” para *surf* ondas gigantes, tanto a nível físico, como psicológico; se há uma ou outra característica que este pense ser fulcral e necessária, num surfista de ondas grandes. Também nesta questão, poderemos saber se o entrevistado dá mais importância o aspecto psicológico, físico ou outro, aquando desta prática extrema.

Pergunta 7 – Que sentimentos, pensamentos, sensações ou emoções vêm ao de cima, quando estás no line-up, pronto para apanhar uma onda com grandes dimensões?

Justificação 7 – Do meu ponto de vista, esta questão permitir-nos-á obter uma informação mais real e fidedigna de alguém que esteve no terreno e vivenciou esta experiência extrema na prática, comparativamente com aquela que poderia ser obtida através de documentos escritos ou por alguém que nunca esteve perante esta situação. Apesar de ser difícil muitas vezes, expressar por palavras, o que estamos a sentir num determinado momento, ficaremos com uma noção mais clara dos sentimentos despoletados ao estarmos num local onde quebram ondas de 6,7 ou mais metros.

Pergunta 8 – Descreve a sensação vivida quando *dropaste* a tua maior onda. O que sentiste naquele momento?

Justificação 8 – Esta questão vem complementar a pergunta anterior, uma vez que a sua resposta possui uma validade maior na medida em que nos é dada por alguém que vivenciou na prática esta situação extrema. Através desta

pergunta, será possível obter uma noção do que é *dropar* uma *parede* de água 3 ou 4 vezes maior daquelas que, geralmente, dão à nossa costa.

Pergunta 9 – Já tiveste algum acidente ao praticar surf em ondas grandes?

Justificação 9 – Pretende-se, com esta questão, que o entrevistado relate acontecimentos e experiências menos felizes, situações de risco ou outros aspectos, durante os vários anos de prática. Consoante as respostas dadas pelo surfista, poderão ser colocadas outras questões, no sentido de tentar que o atleta fale acerca do risco vivido em cada uma dessas situações, por ele referidas.

Pergunta 10 – Qual o acidente mais grave que já presenciaste? Isso afectou em alguma medida o teu surf em ondas gigantes?

Justificação 10 – Muitos acidentes ocorrem no mundo do surf, uns mais graves que outros. Através desta questão poderemos ter conhecimento de mais acidentes que tenham ocorrido nesta prática, com a descrição até de alguns pormenores desses acontecimentos, algo difícil de obter em documentos escritos. Por outro lado, poderemos também saber em que medida em que esses acontecimentos, presenciados pelo nosso entrevistado, o afectaram ou não na sua prática (será que essas situações o fizeram reflectir mais acerca dos riscos inerentes à prática, será que o tornaram mais cauteloso, aumentaram o seu receio nesta prática?).

Pergunta 11 – Em algum momento, ponderaste não entrar na água? Justifica.

Justificação 11 – Com esta questão, pretende-se saber se o nosso entrevistado já alguma vez não entrou no mar devido às ondas de enormes dimensões, ou se pelo contrário, até ponderou em não entrar mas algo foi mais forte que isso e, apesar das condições adversas, este decidiu, mesmo assim, enfrentar o perigo. Se alguma vez o receio foi mais forte que a vontade. Através desta pergunta poderemos ter uma noção da mentalidade, aceitação do perigo e forma como o entrevistado encara esta situação extrema (se ao ver o mar com enormes dimensões, se opta por o enfrentar, ou recua, ficando a ver no

exterior, em segurança, a observar aqueles que têm coragem para enfrentar as enormes ondas).

Pergunta 12 – Alguma vez sentiste que terias a tua vida em risco? O que sentiste nesse momento?

Justificação 12 – Será possível determinar se, em primeiro lugar, o indivíduo alguma vez sentiu que a sua própria vida estaria em situação de risco e, em segundo lugar, quais os sentimentos, sensações despoletadas nesse momento. Através do depoimento do praticante, em caso afirmativo, teremos conhecimento da opinião de alguém que sentiu a vida e morte separadas por uma linha ténue, uma situação na qual, um passo em falso, poderá conduzir ao preço máximo a pagar nesta actividade extrema. Nesta questão, será então possível obter informações entre dois aspectos que caminham lado-a-lado nesta prática: vida e morte no surf de ondas grandes.

Pergunta 13 – Como lidas com as situações que eventualmente possam colocar a tua integridade física em causa?

Justificação 13 – Apesar da particularidade desta questão, esta fornecer-nos-á informação referente ao modo como o indivíduo reage, sente, como se comporta e quais as emoções vivenciadas em momentos críticos, durante esta prática extrema. A partir desta pergunta, será possível também realçar a forma como o surfista entrevistado aceita o risco numa dada situação, se os sentimentos o afectam positiva ou negativamente e como é que este responde aos impulsos, medos ou incertezas que a própria situação provoca neste.

Pergunta 14 – Três aspectos fundamentais para reduzir ao máximo o perigo no surf em ondas grandes?

Justificação 14 – Nesta questão ficaremos a saber que aspectos é que o entrevistado considera fundamentais para se praticar um surf de ondas grandes com a máxima segurança possível. Este já vivenciou, no terreno, os prós e contras, podendo melhor que ninguém referir quais os pontos

fundamentais e que não devem ser esquecidos quando se pretende *surf* ondas de grandes dimensões.

Pergunta 15 – Como é o ambiente e o clima dentro e fora de água, num dia em que as ondas estão enormes?

Justificação 15 – Com esta questão procuramos saber qual o ambiente sentido num dia de ondas gigantes, relatado por alguém que esteve no terreno. Julgo que assim podemos obter uma noção muito real e verdadeira do que realmente se passa nestes dias, em que o swell sobe bastante, o que seria difícil obter com tanta clareza através de documentos ou de alguém que nunca vivenciou tal acontecimento na prática.

Pergunta 16 – Qual é o teu local preferido para *surf* ondas grandes? Justifica.

Justificação 16 – O entrevistado indica qual o local que mais gosta para *surf* ondas grandes e em seguida, ser-lhe-á solicitado que justifique o porquê desse local e não outro. Aqui, podemos obter uma ligeira noção de como será o surf de ondas gigantes, uma vez que o entrevistado irá indicar algumas das características e aspectos particulares de uma praia que lhe despoletaram sentimentos ou sensações que noutros locais não foram possíveis de sentir.

Pergunta 17 – Há algum local com ondas grandes que ainda não tenhas *surfado* e que gostasses de lá ir? Justifica.

Justificação 17 – Que local é que o nosso entrevistado gostava de ir, por variadíssimas razões. Através desta questão, poderemos saber alguns dos objectivos que o surfista procura ainda atingir, na medida em que pretende *surf* noutros locais na tentativa de obter determinadas experiências ou sensações que até agora não lhe foram possíveis sentir.

Pergunta 18 – Até onde sentes que estás disposto a colocar a tua integridade física em risco?

Justificação 18 – Será possível determinar, por um lado, se o surfista tem uma clara noção dos riscos que enfrenta no mar e a forma como este gere os seus

sentimentos, por forma a aceitar *surf* em condições extremas. Por outro lado, qual o seu conceito/noção sobre o corpo e, a partir daqui, até onde é que este está disposto a ir...se tem a noção do seu limite e qual será esse limite.

3.4.2. Realização das entrevistas

Neste estudo foram realizadas 3 entrevistas, tendo sido a primeira efectuada a 26 de Junho, a segunda no dia 6 de Setembro e, por fim, a terceira entrevista, realizada a 20 de Setembro, todas no presente ano de 2007.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma individual, encontrando-se somente dois elementos, entrevistador e entrevistado, em local escolhido pelo entrevistado, consoante a sua disponibilidade pessoal e profissional. A livre escolha do local para a realização da entrevista teve como objectivos fazer as entrevistas em locais que envolvessem o mínimo de ruído exterior possível, por forma a facilitar a transcrição das entrevistas, para que o entrevistado não se distraísse com aspectos exteriores à entrevista, focando-se no tema em questão e nas várias questões colocadas e, naturalmente, para que cada um dos entrevistados se sentisse o mais confortável e à vontade possível.

No que respeita ao número limite de entrevistas efectuadas, tal não foi demarcado logo à partida, sendo característico deste tipo de estudos não definir prévia e definitivamente o grupo final de estudo. Assim sendo, após se proceder a uma procura incessante de surfistas que se incluíssem no tipo desejado, foi a falta destes que impôs um número limite quanto ao número de entrevistas realizadas, com vista a responder aos objectivos pretendidos para este estudo.

Relativamente à duração das entrevistas, o tempo foi semelhante entre todas as realizadas, tendo a primeira demorado 35 minutos, a segunda 43 minutos e, finalmente, a terceira e última entrevista teve a duração de 36 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio com consenso prévio dos surfistas entrevistados e, posteriormente, foi feita a sua transcrição integral. A gravação e subsequente transcrição, na perspectiva dos autores Ghiglione e

Matalon (1997), Poirier et al. (1999) e Quivy e Campenhoudt (2003), assume-se como um procedimento essencial, na medida em que possibilita a recolha integral dos discursos dos entrevistados, incluindo as suas pausas e hesitações, factor este impossível caso recorrêssemos somente ao auxílio da nossa memória.

Por fim, após a transcrição das entrevistas realizadas, todos os textos resultantes deste processo foram preparados, formatados e introduzidos num *software* de análise de dados qualitativos, denominado QSR NVivo 2.0, usado para a codificação dos documentos do estudo (Weitzman, 2000).

3.5. Análise de Conteúdo

O conjunto das transcrições das entrevistas foi sujeito a todo um processo de tratamento e análise, a fim de dar sentido aos dados recolhidos. Para este processo analítico recorreremos à técnica de Análise de Conteúdo que, de acordo com Vala (1986), se apresenta nos nossos dias como uma das técnicas mais comumente utilizadas no campo da investigação empírica, realizada por diversas ciências humanas e sociais. Esta técnica, para além de facilitar as pesquisas relativas à investigação empírica, permite também, de acordo com o mesmo autor, trabalhar sobre correspondência, entrevistas, mensagens, etc., isto é, fontes de informação preciosas que de outra forma não poderiam ser utilizadas de maneira consistente no campo da sociologia.

Tal como afirma Vala (1986), a Análise de Conteúdo assume-se como uma técnica de tratamento da informação que não se limita, unicamente, à descrição dos dados obtidos. Assim, através desta técnica é possível observar-se para além das próprias evidências, perceber e interpretar o conteúdo manifesto das comunicações (Vala, 1986; Bardin, 1977). Esta ideia é reiterada por Pais (1996), ao referir que um dos objectivos primordiais desta técnica reside em descobrir e desocultar uma dada realidade, através de um conjunto de processos complexos de reconstrução e de interpretação da informação recolhida. Tal se deve ao facto de, para o mesmo autor, a informação que

obtemos a partir da realização das entrevistas não nos ser dada na realidade, isto é, a realidade dos indivíduos e a forma como estes a constroem, é frequentemente ocultada ou encoberta. Ou seja, durante a realização da entrevista, o entrevistado tem tendência, por vezes, a alterar o que realmente se passa no terreno, as suas vivências e as suas emoções, aspecto este devido, por exemplo, à incapacidade do indivíduo em exprimir por palavras o que sente em dado momento ou encaminhar o seu discurso no sentido do que o entrevistador pretende ouvir e não, para o que realmente acontece na prática. Desta forma, e a partir da Análise de Conteúdo, ser-nos-á possível decifrar o código inerente às palavras proferidas pelo entrevistado ao longo do seu discurso, tentando assim compreender a verdadeira realidade, por detrás da névoa provocada pelas palavras.

Conforme refere Bardin (1977), esta técnica possui como objecto central a linguagem, mais concretamente o discurso (escrito ou falado), pois trabalha a palavra de acordo com as significações (o conteúdo), a sua forma e frequência, dando-lhes um sentido. Podemos, pois, dizer que a finalidade da análise de conteúdo será efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas (Vala, 1986). A informação sujeita a análise de conteúdo é o resultado de uma rede complexa de condições de produção, procurando o analista construir um modelo que permita inferir acerca de uma ou mais condições de produção. Nesta perspectiva, Vala (1986) refere ainda que esta operação diz respeito à desmontagem do discurso e da produção de um novo discurso, através de um processo de localização↔atribuição de traços de significação, resultantes de uma relação dinâmica estabelecida entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise. Ou seja, a partir da Análise de Conteúdo procuramos descodificar e tornar clara a informação “obscura” e pouco nítida, transmitida pelo entrevistado ao longo do seu discurso. Após a realização de um processo de análise à informação obtida nas entrevistas, um novo discurso terá origem, um discurso tradutor da verdadeira realidade vivida na prática, procedendo-se à sua transformação através da atribuição de sentidos e significações às palavras do entrevistado. Desta forma,

durante a realização das entrevistas efectuadas neste estudo, houve a preocupação de esmiuçar as ideias, opiniões, sensações, experiências e emoções dos surfistas intervenientes. Tal procedimento foi concretizado com o objectivo de mais fácil, eficaz e verdadeiramente se proceder, *a posteriori*, a uma atribuição de sentidos e significados ao discurso dos praticantes, numa tentativa de interpretação da informação obtida, dando origem a um novo discurso, mais claro e compreensível do mundo real vivenciado nesta vertente extrema do surf.

A Análise do Conteúdo assume-se, então, como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1977, p.42). Desta forma, a Análise de Conteúdo apresenta-se não como um método, mas sim como uma técnica, que pode ser aplicada sobre material do tipo da entrevista (Vala, 1986), o instrumento utilizado para a recolha de dados no presente estudo. Ao encontro da ideia apresentada por Vala (1986), está a visão de Denzin e Lincoln (2000), ao referirem que os dados obtidos a partir de documentos (mais especificamente, no âmbito deste estudo, através das entrevistas) são detentores de alguma complexidade, pois constituem-se como “factos sociais” e não somente como simples textos, uma vez que se tratam de representações. A Análise de Conteúdo apresenta-se, pois, como um meio susceptível de clarificar as palavras, de as tornar mais “visíveis”, na tentativa de descortinar o seu sentido.

De acordo com Bardin (1977), esta técnica possui dois tipos de funções: heurística e de administração da prova. Na primeira função existe uma tentativa exploratória, aumentando a tendência para a descoberta do material, partindo-se sem hipóteses. A função de administração da prova, na análise de conteúdo, é utilizada quando existem hipóteses ou afirmações provisórias que servem de orientação para serem verificadas posteriormente no sentido da sua confirmação ou não. Estas duas funções implicam, segundo Vala (1986), que a Análise de Conteúdo seja realizada *a posteriori* ou *a priori*, respectivamente.

No presente estudo é possível constatar-se um certo *apriorismo*, uma vez que a construção do guião para a entrevista foi realizada durante a elaboração do quadro teórico. Contudo, está também implícita uma função heurística, pois as respostas eram desconhecidas, antes da concretização das entrevistas, tendo nós, em certa medida, explorado e partido em busca de material. Assim, verifica-se de todo o interesse a combinação entre as duas formas analíticas, contribuindo para que o *corpus de estudo* não fique limitado, sendo possível aceitar que outras categorias se criem, com vista a enriquecer a pesquisa efectuada.

Surge então o processo de categorização que, segundo Bardin (1977), consiste numa operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente delineados. Assim, esta operação foi efectuada, no presente estudo, quer *a priori*, quer *a posteriori*, na medida em que parte das categorias foi criada *a priori* e outra *a posteriori*.

Tal como refere Vala (1986), a Análise de Conteúdo possui um vasto domínio de aplicação. Para a concretização deste processo analítico, e de acordo com o mesmo autor, devemos ter em consideração o cumprimento de um conjunto de operações mínimas, composto por 5 etapas: delimitação dos objectivos e definição de um quadro de referência teórico orientador da pesquisa; constituição de um *corpus*; definição de categorias; definição de unidades de análise e, por fim, a quantificação e/ou interpretação da informação obtida. Estas etapas serão tomadas em consideração no nosso processo de análise, com o objectivo de sistematizar e encadear os vários aspectos abordados de forma lógica, coerente e integrada.

Assim, com o apoio de toda a informação obtida a partir das entrevistas e consequente tratamento dos dados, sem esquecer o quadro teórico elaborado neste trabalho, temos como objectivos compreender a importância do risco para o surfista, aquando da prática de surf em ondas de enormes dimensões. Para além disso, procurar-se-á igualmente desvendar o porquê da enorme vontade demonstrada por este tipo de praticantes em *surf* tais ondas, uma vez que, não só imensos riscos estão na eminência de ocorrer, como

também, muitas das vezes, após o surfista ter sofrido lesões graves, algo o faz voltar, colocando-se novamente na mesma situação que, outrora, lhe poderia ter custado a vida, como foi o caso, por exemplo, do surfista Neco Padaratz.

3.5.1. Categorização – Construção das categorias de Análise de Conteúdo

Após a recolha de informação a partir das várias entrevistas realizadas aos surfistas intervenientes, procedeu-se a uma transcrição, na íntegra, de cada uma delas. Seguidamente, procedeu-se à realização de uma leitura flutuante das mesmas, com o intuito de aprofundar os nossos conhecimentos relativamente a estas e definir quais os procedimentos a aplicar no restante processo de análise. A leitura flutuante, na nossa perspectiva, assume um papel fundamental no âmbito do processo de análise, uma vez que permite, tal como defendido por Bardin (1977), estabelecer contacto com os documentos a analisar e conhecer o texto, deixando-nos assim invadir por impressões, orientações e significações.

Após a leitura flutuante do nosso *corpus de estudo* e contribuindo para uma organização e compreensão do seu conteúdo, surgem-nos dois momentos cruciais para a tomada de decisões: definição das categorias de análise de conteúdo (Categorização) e, posteriormente, a selecção das unidades de análise, das quais fazem parte as unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração (Bardin, 1977).

A categorização, de acordo com Bardin (1977), assume-se assim como um processo de tipo estruturalista que possui duas etapas: o inventário, no qual se isolam os elementos, e a classificação, consistindo em repartir os elementos, com o intuito de organizar as mensagens.

Conforme referido anteriormente, de acordo com Bardin (1977), a categorização consiste numa operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente delineados.

Para este autor, a operação de categorização possui como principal objectivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.

Na perspectiva de Vala (1986), a categorização consiste numa tarefa que realizamos no nosso dia-a-dia, com o objectivo de reduzir a complexidade do meio ambiente, estabilizá-lo, identificá-lo, ordená-lo ou atribuir-lhe sentido, visando simplificar, na tentativa de potenciar a apreensão e, se possível, a explicação. A codificação da informação tem como objectivo descortinar e decodificar essa mesma informação, tornando-a mais clara e susceptível de ser analisada, assumindo-se as categorias, de acordo com Vala (1986), como elementos chave do código do analista.

De acordo com o mesmo autor, uma categoria possui habitualmente um termo-chave, indicando o significado central do conceito que se pretende apreender, e de outros indicadores que descrevem o campo semântico desse mesmo conceito. Assim, o que interessa ao analista são os conceitos, assumindo-se a passagem dos indicadores aos conceitos como uma operação de atribuição de sentido, cuja validade importa controlar (Vala, 1986). Na visão de Bardin (1977), as categorias dizem respeito a classes ou rubricas, nas quais se reúne um grupo de elementos em função de um título genérico, sendo este agrupamento realizado de acordo com os caracteres comuns desses mesmos elementos.

Assim e tal como defende Bardin (1977), a codificação consiste numa transformação dos dados em bruto do texto, por recorte, agregação e enumeração, permitindo obter uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista relativamente às características do texto.

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide a codificação do seu material, deve-se construir um sistema de categorias (Bardin, 1977). Este sistema poderá ser construído *a priori*, *a posteriori* ou ainda através da combinação entre estes dois processos (Vala, 1986). Ou seja, se através da interacção entre o quadro teórico, problemas a estudar e hipóteses formuladas, o analista definir um sistema de categorias, tendo como objectivo detectar a presença ou ausência dessas mesmas categorias no *corpus* de estudo, então

poder-se-á afirmar que este conjunto categorial foi definido *a priori*. Pelo contrário, caso o investigador, após a elaboração do quadro teórico e das hipóteses, parta para o campo exploratório com o intuito de definir as categorias, afirmar-se-á que este sistema de categorias foi construído *a posteriori*. Neste último caso, e de acordo com Vala (1986), as referências teóricas do analista orientam a primeira exploração do material, podendo contribuir para uma reformulação ou alargamento das problemáticas e hipóteses a estudar.

Para além dos processos referenciados, poderá surgir um terceiro, no qual o presente estudo se enquadra, sendo a construção do sistema de categorias elaborado, tanto *a priori*, tendo sido a construção das categorias efectuada durante a elaboração do quadro teórico, como *a posteriori*, através da realização de uma leitura flutuante do *corpus de estudo*, permitindo-nos assim adquirir um maior conhecimento e informação no tema em questão.

Para a construção do nosso sistema de categorias, e para que este fosse eficaz, respondendo de forma correcta e clara às problemáticas colocadas, foi necessário ter em atenção um conjunto de critérios de qualidade sugeridos por Bardin (1977), nomeadamente:

- homogeneidade, onde a classificação deve seguir somente um princípio de organização, encontrando-se o critério de exclusão mútua dependente deste princípio;
- pertinência, indicando que a cada categoria deve ser adaptada ao material de análise obtido;
- objectividade ou fidelidade, isto é, as diversas variáveis a tratar devem ser claramente definidas;
- produtividade, pretendendo obter resultados férteis através das várias categorias definidas.

Além dos vários princípios apresentados anteriormente, Vala (1986) acrescenta o critério da exaustividade, defendendo a possibilidade da inclusão de todas as unidades de análise numa só categoria.

Após a construção do sistema de categorias, surge-nos uma outra preocupação, a definição das unidades de análise que, segundo Bardin (1977), podem ser de 3 tipos: unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração. Relativamente à unidade de registo, de acordo com Bardin (1977, p.104), esta assume-se como uma “unidade de significação a codificar e que corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”. Já para Vala (1986, p.114), a unidade de registo consiste no “segmento determinado de conteúdo que se caracteriza colocando-o numa dada categoria”. De acordo com o mesmo autor, neste tipo de unidades podemos incluir, a título de exemplo, uma palavra, tema, objectivo ou referente, personagem, intervenção de um locutor numa discussão, acontecimento ou documento.

Quanto à unidade de contexto, Bardin (1977, p.107) refere que esta “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registo) são óptimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registo”. Assim, enquanto que a unidade de registo pode estar relacionada, por exemplo, com uma palavra ou tema, a unidade de contexto, segundo Bardin (1977), pode dizer respeito à frase para a palavra e ao parágrafo para o tema. Segundo Vala (1986, p.114), a unidade de contexto consiste no “segmento mais largo de conteúdo que o analista examina quando caracteriza uma unidade de registo”. Deste modo, e tal como defendido por este autor, a dimensão da unidade de contexto está dependente da unidade de registo seleccionada.

No que concerne à unidade de enumeração, Vala (1986, p.115) afirma que esta consiste na “unidade em função da qual se procede à quantificação”. Este tipo de unidades, de acordo com o mesmo autor, dizem respeito, por exemplo, à frequência de com que um determinado tema, acontecimento ou palavra surge no texto e à intensidade da atitude relativamente a um dado objecto de estudo.

Para o presente trabalho, são utilizadas as unidades de contexto, na medida em que para a codificação das transcrições das entrevistas foi

necessário ter em conta o contexto das respostas. Quer isto dizer, que o uso da palavra, por si só, não adquire sentido, apenas no conjunto da resposta. Além disso, também não é nosso objectivo proceder a qualquer quantificação, já que os nossos propósitos estão direccionados para uma análise temática.

Tendo em conta a revisão da literatura, a minha experiência pessoal enquanto praticante de surf e a leitura flutuante do *corpus* de estudo efectuadas, delineámos as seguintes categorias:

Categoria A – Objectivos/Razões da prática

Sub-Categorias:

A1: Sensações

A2: Superação

Categoria B – Perigo/Controlo

Categoria C – Risco: importância e representação na prática

3.5.1.1. Categoria A – Objectivos/Razões da prática

No universo das práticas desportivas consideradas de risco e, mais especificamente, no que concerne ao surf em ondas grandes, uma panóplia de razões poderá justificar os porquês e os objectivos dos praticantes para o seu embarque neste tipo de actividades. Deste modo, para a categoria Objectivos/Razões da prática consideramos um conjunto de dimensões que seguidamente apresentamos como sub-categorias.

Sub-Categorias:

3.5.1.1.1. A1: Sensações

Aquando da prática do surf em ondas grandes, o praticante depara-se com *paredes* de água de grandes dimensões, susceptíveis de desencadearem

no indivíduo um vasto leque de emoções. Associado a esta ideia, verifica-se por parte do indivíduo uma busca por este tipo de ondas, na tentativa de obtenção de um conjunto de emoções que, segundo Stranger (1999), assume um papel fundamental na orientação dos surfistas na aceitação do risco.

Consoante o exposto, surge a sub-categoria em questão, criada *a priori*, com o intuito de determinar qual ou quais as sensações desejadas pelos *Big-Riders*, aquando da prática do seu surf em ondas grandes. Assim, esperamos obter, após análise dos resultados, uma ou várias sensações descritas pelos surfistas entrevistados, como por exemplo:

- prazer, alegria, satisfação e realização pessoais;
- fruição com a onda, numa relação íntima de harmonia e complementaridade estabelecida entre o homem e a Natureza (sem oposição);
- fuga ao quotidiano (de acordo com o capítulo Risco, o praticante poderá sentir necessidade de recorrer à prática do surf, com o intuito de vivenciar, no corpo, sensações não facultadas por uma sociedade limitadora e prisioneira da livre obtenção de emoções);
- reviver e fazer renascer momentos agradáveis e prazenteiros;
- êxtase, adrenalina, excitação.

3.5.1.1.2. A2: Superação

Tal como referido no capítulo Superação, foi aceite no âmbito deste estudo a noção de superação apresentada por Bento (1995). Na visão deste autor, este termo transmite a noção do homem livre que se ultrapassa a si próprio num esforço supremo, espiritualizando as suas forças físicas, numa harmonia interior absoluta, elevando-se às esferas do belo, do bem, do ideal e do perfeito. De acordo com a perspectiva apresentada, verifica-se uma vontade do homem em superar-se a si próprio, quebrando as suas barreiras interiores. Segundo Pereira (2007), esta tentativa constante de superação, apresenta-se

como uma necessidade intrínseca do ser humano, expressa no surf, pela procura em *dropar* ondas cada vez maiores.

Desta forma, interligando a noção de superação com o desporto e, mais especificamente, com o surf de ondas grandes, nasce a sub-categoria em causa, criada *a priori*. Assim, esta surge com o objectivo de compreender se de facto a tentativa de quebrar barreiras interiores, almejando ultrapassar os próprios limites, numa busca constante pelo desconhecido, se assume como um factor preponderante, tradutor da enorme vontade demonstrada pelos *Big-Riders* em *surf* ondas grandes.

3.5.1.2. Categoria B – Perigo/Controlo

De acordo com a visão de Giddens (2001), o conceito de perigo está relacionado a acontecimentos de ocorrência iminente e não calculados ou reflectidos previamente pelo homem, estando-lhes inerente alguma inconsciência aquando da sua realização. De acordo com a ideia apresentada, o perigo assume-se como um aspecto bem patente em todas as atitudes levadas a cabo pelos surfistas na prática de surf em ondas grandes.

Assim, aquando desta prática extrema, vários são os perigos que lhe estão inerentes, como por exemplo:

- acidentes referentes às condições climatéricas (tamanho das ondas e acontecimentos por elas provocados);
- ataques de animais marinhos (nomeadamente tubarões e leões marinhos);
- acidentes causados pela presença de redes de pesca;
- acidentes relativos às condições ambientais (principalmente no que se refere à acção do homem sobre o meio ambiente, isto é, poluição ambiental).

Com isto, e no caso específico do surf em ondas grandes, constata-se que esta actividade incorpora diversos tipos de perigos, cabendo ao praticante decidir se está ou não disposto a correr o risco de enfrentar esses mesmos perigos. No entanto, e apesar de todos os perigos inerentes a esta actividade, está presente a hipótese de, por ventura, se poder verificar uma tentativa por parte do praticante em controlar a situação, aumentando o seu ego, auto-confiança e auto-controlo.

Relacionada com a ideia de desafio e conseqüente controlo de uma situação detentora de inúmeros perigos, surge a noção de “*edgework*” proposta por Lyng (1990). De acordo com este autor, várias actividades desportivas se encontram integradas neste conceito, de entre as quais o surf em ondas grandes, possuindo todas elas uma característica em comum: uma clara ameaça observável ao bem-estar físico, mental ou à existência.

No conceito de “*edgework*”, para além de se verificar uma aceitação em enfrentar um determinado conjunto de perigos, parece igualmente haver uma tentativa de controlo destas mesmas “situações perigosas” por parte dos seus praticantes. Neste sentido e com a realização de uma leitura flutuante do nosso *corpus de estudo*, surge, *a posteriori*, aliada mais à noção de controlo do perigo, a sub-categoria Perigo/Controlo, com o intuito de determinar se este desafio do perigo e conseqüente tentativa de controlo da situação, se assume como aspecto atractivo para a prática desta actividade extrema.

3.5.1.3. Categoria C – Risco: importância e representação na prática

De acordo com o exposto no capítulo sobre Risco, foi o conceito desenvolvido por Ferreira (2003) que nos pareceu mais adequado para o âmbito deste trabalho. Para este autor, o risco diz respeito a comportamentos dos quais possam resultar conseqüências dolorosas para os seus actores, sejam conseqüências físicas, como no caso dos acidentes, sejam conseqüências de índole social, como no caso de comportamentos ilícitos.

É neste contexto que surge a categoria Risco para o surfista, criada *a priori*, através da informação obtida a partir da Revisão da Literatura, com o intuito de melhor nos elucidar relativamente à importância que o surfista atribui ao risco e à forma como lida com ele, aquando do surf em ondas grandes. Assim, será esperado que o praticante refira a forma como se relaciona com o perigo, como por exemplo: a forma como o praticante o interpreta; o efeito que este factor tem na sua prestação (ex.: se o condiciona ou, pelo contrário, o estimula e alimenta nesta prática extrema; se o inibe ou o incentiva a mais e maiores desafios); como lida e reage perante situações de perigo iminente.

***Apresentação e Discussão dos
Resultados***

4. Apresentação e Discussão dos Resultados

No presente capítulo, optamos por uma apresentação e discussão simultâneas dos resultados adquiridos, nomeadamente devido ao tipo de informação obtida para análise. Neste sentido, a importância desta opção prende-se com o facto de considerarmos ser a forma mais adequada para a compreensão dos objectivos propostos para o nosso estudo.

Assim, em cada uma das categorias e sub-categorias criadas, será efectuada uma apresentação contextualizada, bem como a respectiva discussão referente ao assunto em questão. Ou seja, depois da inventariação e codificação do nosso *corpus* de estudo, procedemos a uma distribuição de determinadas unidades de contexto, presentes em cada uma das entrevistas, pelas diversas categorias e sub-categorias estabelecidas neste trabalho. Tal agregação da informação, obtida a partir da transcrição das entrevistas, foi efectuada de acordo com uma relação e adequação entre a informação que se pretendia detectar em cada uma das categorias ou sub-categorias criadas e o contexto e termos utilizados pelos entrevistados nas várias unidades de contexto.

No que respeita à aplicação do guião, as mesmas questões foram colocadas a todos os surfistas de igual modo, havendo no entanto ligeiras diferenças de entrevista para entrevista. No entanto, a importância de tais diferenças reside somente no facto de se tentar clarificar e explorar determinadas informações, quando não explicitadas de forma perceptível pelo entrevistado.

Com todo este procedimento, tentaremos desvendar o significado da informação por detrás do discurso dos surfistas entrevistados, susceptível de responder de forma correcta, clara e objectiva aos objectivos por nós delineados.

Os excertos das transcrições das entrevistas, ou seja, as unidades de contexto, serão devidamente assinalados ao longo do texto. Neste sentido, as unidades de contexto assinaladas com S1 dizem respeito ao surfista Luís Cruz, as assinaladas com S2 ao surfista Ramiro Pinto e as unidades de contexto

assinaladas com S3 ao surfista Abílio Pinto (a sua correspondência pode ser consultada no quadro apresentado aquando da descrição do grupo de estudo e o sistema categorial completo pode ser consultado no anexo B).

4.1. Análise das Categorias

4.1.1. Categoria A – Objectivos/Razões da prática

Sub-Categorias:

4.1.1.1. A1: Sensações

Na vertente extrema do surf, o praticante parte em busca de ondas de enormes dimensões, susceptíveis de despoletarem no sujeito um conjunto de sensações e emoções, as quais poderão estar na origem da motivação dos *Big-Riders* em *surf* este tipo de ondas.

A partir da análise dos discursos dos surfistas entrevistados, podemos constatar que, inerente à prática do surf de ondas grandes, está uma procura em obter novas e variadas experiências no campo das sensações. Nesta busca de “sensações novas” (S2), o praticante é levado então à prática de um surf mais extremo e exigente, não sendo possível obter as mesmas sensações em ondas mais pequenas, uma vez que “falta-lhe qualquer coisa que é o mar grande que dá” (S2). Esta perspectiva vai de encontro às respostas dadas por um grupo de surfistas num estudo efectuado por Stranger (1999), referindo que as emoções que inicialmente sentiam quando *surfavam* ondas pequenas começaram a ser cada vez mais difíceis de adquirir, à medida que as suas capacidades iam melhorando. Neste estudo, alguns dos surfistas mais experientes afirmaram que, apesar de sentirem satisfação em *surf* ondas pequenas, o sentimento obtido não era tão intenso. Assim, verifica-se uma estreita relação entre a progressão das capacidades do praticante e um

aumento consequente em *surf* ondas maiores. Ou seja, à medida que o indivíduo se vai sentindo mais apto e capaz, tanto física como psicologicamente, maior parece ser a vontade demonstrada em desafiar ondas cada vez maiores. Desta forma, verifica-se uma estreita relação entre estes aspectos, estabelecendo-se uma ligação de dependência entre ambos: ao aumento e melhoria das capacidades está, quase obrigatoriamente, implícito o aumento do tamanho das ondas a *surf*, quando o surfista tem a possibilidade de o fazer. No caso português isso nem sempre é fácil, devido às características do mar. Mas se, porventura, o surfista tem capacidade económica para viajar, procura locais onde sabe que encontrará este tipo de ondas. Aliás é de realçar mais uma vez que o grupo de estudo para o nosso trabalho é reduzido, devido, precisamente, às condições do nosso mar.

Para além da razão enunciada para a procura das sensações em mar grande, encontramos outra relacionada com o facto de que, em mar grande, as sensações experienciadas não são algo tão momentâneo, comparativamente ao sentido em mar pequeno. De acordo com um dos surfistas entrevistados, “a sensação de *surf* uma onda pequena é uma sensação passageira” (S2), isto é, “no mar pequeno *surfas*, apanhas a onda, *dropas* a onda, chegas lá baixo, vens para cima...nem sentiste o *drop* da onda” (S2). Para o mesmo praticante, *surf* mar grande consistirá então na “sensação de teres aquela massa de água enorme que tu vais a *dropar* e vais a pensar assim: “Fogo, isto é excepcional, já não me lembrava de ter esta sensação!” (S2). Esta ideia de procura de sensações mais duradouras pelos praticantes, é igualmente partilhada por outro dos surfistas. Este refere, aquando do *drop* na maior onda que *surfou*, que “senti que estava a descer e havia um tapete que estava a subir e eu demorei o dobro do tempo a chegar lá baixo. Foi interessante, ou seja, o momento de *power* e adrenalina demorou mais tempo, foi melhor” (S3). É de salientar nesta discussão, primeiramente, que os *Big-Riders* procuram, através do surf em ondas grandes, sentir ao máximo as emoções despoletadas pelo momento, tentando torná-las o mais efectivas e duradouras possível. De acordo com Stranger (1999), esta busca de emoções assume um papel fundamental relativamente à orientação dos surfistas na aceitação do risco.

Esta vontade de obter sensações eternas, conduz-nos então a reflectir acerca do tipo de sensações que os *Big-Riders* pretendem manter. De acordo com o referido pelos praticantes, sensações como adrenalina, prazer, emoção, *power*, realização pessoal, satisfação e alegria assumem-se como objectivos a alcançar nesta vertente extrema do surf. Esta ideia vai de encontro ao defendido por Elias e Dunning (1992), quando referem que este tipo de actividades permite ao homem experienciar uma elevada estimulação e excitação emocionais. A noção apresentada encontra-se traduzida nas palavras de um dos entrevistados, quando afirma que “a partir do momento em que tu fazes o *take-off* e comesças a *dropar* a onda, aí começam a vir as sensações: adrenalina, *power*, emoção, prazer, é quase tudo num só” (S3). Na mesma linha de pensamento, encontra-se a ideia de um outro surfista, referindo-se ao facto de que, após ultrapassar todas as adversidades até chegar ao *pico* (ex.: *correntes*, *espumas*, *rebentação*), “é compensado com aquela adrenalina de apanhar aqueles *drops*” (S2). Perante o exposto, e baseando-nos na ideia apresentada por Pereira (2005b) em relação aos montanhistas, o *Big-Rider* procura, através do surf de ondas grandes, obter sensações fortes, prazer e desenvolvimento pessoal, sendo todas estas emoções vividas num ambiente natural, neste caso particular, no mar. Neste sentido, o surf de ondas grandes “representa muito mais que um desporto, uma experiência de vida e uma realização grande interior” (S3), ao mesmo tempo que “as ondas perfeitas grandes dão muito mais emoção, adrenalina” (S3). Este objectivo está em consonância com os resultados obtidos por Schwendinger e Schwendinger (1985). No seu estudo, os autores referem que os surfistas “vivem para a emoção”, sendo que 81% dos entrevistados terão respondido que as emoções se assumem como um impulso para a prática do surf.

Uma vez sentido o sabor da emoção, a partir do discurso dos entrevistados, parece ser razão mais que aceitável um novo frente-a-frente do praticante com ondas de grandes dimensões, por forma a reviver e recrear momentos inesquecíveis, ansiando a eternização do momento. Assim, é objectivo deste tipo de surfistas reviver, recordando na pele, sensações

fantásticas outrora vivenciadas. Esta ideia vai de encontro à perspectiva defendida por Stranger (1999), quando refere que há um desejo por parte do surfista em replicar emoções intensas, sendo estas obtidas pela busca de ondas cada vez maiores e mais desafiadoras. Encontramos esta noção traduzida nas palavras de um dos surfistas entrevistados, ao afirmar que “estava com a pica toda do dia anterior, o dia anterior tinha sido fabuloso, tinha apanhado altas ondas, tinha sido espectacular, e eu queria porque queria apanhar outra igual (...) no dia a seguir queria a toda a força que fosse igual (...) queria criar as mesmas sensações” (sic) (S1). Assim, o reviver de um momento prazenteiro, possuidor de sensações inesquecíveis para este praticante, apresentou-se como único e principal objectivo neste momento. No entanto, apesar da enorme vontade demonstrada, “no dia a seguir já não havia condições” (S1), tendo este surfista experienciado, neste dia, o maior susto da sua vida. Segundo este, “tinha sido espectacular e eu queria porque queria apanhar outra igual, só que correu mesmo mal, não dava” (S1).

Todas as sensações anteriormente enunciadas são procuradas por indivíduos inseridos numa sociedade que, de acordo com Le Breton (2000b), confere uma importância acrescida aos aspectos relacionados com o risco, ao mesmo tempo que valoriza cada vez mais a segurança no dia-a-dia do homem. Esta tentativa de máxima segurança e controlo social pode ser muitas vezes sufocante e impeditiva da livre expressão e vivências corporais, assumindo-se o surf de ondas grandes como uma via possível para uma fuga do quotidiano por parte de quem a pratica. A ideia de asfixiamento da liberdade individual nas sociedades contemporâneas também é discutida por Pereira (2007) no seu trabalho sobre alpinistas, para os quais partir em expedições é uma forma de libertação do seu quotidiano. Também encontramos nos discursos dos “nossos” surfistas essa sensação de asfixiamento. As palavras de um dos surfistas são bem ilustrativas disso mesmo quando afirma que “se estiveres num dia todo irritado, cheio de *stress* e queres descarregar um bocado apetece-te *surf* umas ondas maiores, para sentires um bocado mais de *power* e saíres da água mais descarregado” (S1). Como salienta Hespanha (2002), a sociedade contemporânea sufoca o homem perante toda a burocracia

e selva institucional que lhe são inerentes, procurando o homem, e neste caso específico os *Big-Riders*, surfar ondas grandes como forma de combater o que Elias e Dunning (1992) denominam de um incrustar das rotinas. Estes últimos autores afirmam ainda que, no dia-a-dia, o homem tem que lidar com variadíssimas normas e condutas sociais, que por vezes se assumem verdadeiramente sufocantes.

Assim, perante as adversidades/dificuldades colocadas por uma sociedade que se quer cada vez mais segura e livre de perigo, o surf de ondas grandes pode-se assumir como um escape, uma via de salvação através da qual o praticante foge da prisão e pressão do quotidiano, permitindo-lhe experienciar um momento ou “sensação de muita liberdade” (S2).

Reflectindo um pouco acerca do referido até aqui, é possível verificar que nesta prática extrema, o praticante poderá procurar atingir diversas sensações. No entanto, através da análise do discurso dos entrevistados, constata-se que esta relação de obtenção de sensações entre o homem e a Natureza busca uma completa harmonia e complementaridade entre ambos, evitando o confronto entre eles. Neste sentido, é evocada a noção contemporânea de Natureza que, segundo Garcia (1997), defende uma relação pacífica de coexistência entre o homem e a Natureza. Neste contexto, o homem procura então tirar o máximo proveito da força da Natureza, fluindo com ela, aproveitando tudo de bom que esta tem para oferecer, evitando que este enorme poder se vire contra si. Esta ideia é traduzida por um dos entrevistados, quando afirma que “se consegues furar a onda antes que ela feche é uma coisa, agora imagina-te fazeres um *patinho* num *bagalho* de 3 metros, um *espumão* de 3 metros a *fechar* em cima de ti, *pah* rebentavas-te todo! Tens que ter um *canal*, a partir de um certo tamanho tens que ter um *canal* para passar.” (sic) (S1). A ideia de harmonia está, assim, patente, afirmando este praticante a necessidade de um *canal* para passar a *rebentação*, de forma harmoniosa, um caminho por onde a forte *espuma* da onda não o atinja, não o faça recuar, progredindo este até ao *pico* num mar sereno, sem oposição às suas forças. Este testemunho vai de encontro à visão apresentada por Pereira (2004), quando refere que em determinadas

actividades desportivas da contemporaneidade, das quais o surf é parte integrante, se almeja um (re)encontro com a Natureza e com o “eu”, relacionado com a tentativa de obtenção de novas sensações, associada à noção de fruição sem esforço.

Em suma: podemos concluir, no âmbito desta sub-categoria, que é pretensão dos surfistas de ondas grandes, servirem-se desta prática extrema, como forma de obtenção de sensações novas (adrenalina, êxtase, prazer, alegria), por sua própria vontade, numa relação de íntima harmonia e complementaridade com a Natureza, sem oposição. Para além disso, o surf de ondas grandes tem igualmente um papel libertador, um meio através do qual o sujeito pode dar largas à sua expressividade, vivenciando no corpo um vasto leque de sensações, privadas por uma sociedade que procura a máxima segurança. Posteriormente a este experimentar e reconhecendo o praticante o sabor da sensação/emoção, uma enorme vontade em remontar e reviver momentos prazenteiros surge como uma possível razão para uma nova colocação do praticante perante as grandes ondas. Estas sensações, uma vez experimentadas, conduzem a um sentimento quase viciante dos *Big-Riders* em obter sensações já experienciadas, estabelecendo-se um ciclo vicioso de aquisição↔re-aquisição.

Os surfistas de ondas grandes procuram, assim, alcançar e sentir um vasto leque de sensações, ao mesmo tempo que as revivem, ao confrontarem-se, novamente, com ondas de grandes dimensões.

4.1.1.2. A2: Superação

Segundo a noção de superação proposta por Bento (1995), adoptada no âmbito do presente trabalho, este termo transmite a noção do homem livre que se ultrapassa a si próprio num esforço supremo, espiritualizando as suas forças físicas, numa harmonia interior absoluta, elevando-se às esferas do belo, do bem, do ideal e do perfeito.

Este conceito apresenta-se, actualmente, como um dos valores primordiais no âmbito do Desporto, incluindo o surf, expresso através da sua vertente extrema de ondas grandes. De acordo com um dos entrevistados, o principal objectivo do Desporto reside na “satisfação de ultrapassar os limites, quando fazes uma coisa no teu limite, sabes que estás a dar o máximo e que conseguiste” (S1). Nesta perspectiva, há uma vontade enorme em superar as próprias barreiras interiores, na tentativa de ultrapassar os limites, as barreiras que cada um impõe a si mesmo, elevando a sua fasquia pessoal ao máximo. Assim, “os teus limites vão mudando à medida que te vais aperfeiçoando num desporto, numa actividade, os teus limites vão subindo (...) Os teus limites vão-se modificando e depois vais vendo onde é que pões a barreira” (S1). Nesta perspectiva, e seguindo a linha de pensamento defendida por Garcia (1993), o surfista tem a oportunidade de se descobrir, superar e ultrapassar as suas próprias barreiras interiores por intermédio do surf, mais concretamente, através da sua vertente extrema de ondas grandes.

De acordo com a análise efectuada, é possível constatar-se que os surfistas procuram, através do surf de ondas grandes, superar as suas próprias barreiras interiores, tentando bater o seu recorde pessoal, competindo e almejando saírem vitoriosos, na sua luta incessante com o “eu”. Esta ideia está bem patente nas palavras dos entrevistados, afirmando um deles que “há uma procura de explorar os teus limites, lógico, como em tudo, como em qualquer desporto, em qualquer coisa, estás sempre a testar os teus limites” (S1). Esta ideia é reiterada por outro entrevistado, quando diz que “cada vez quis *surf*ar foi ondas maiores. Conforme ia aprendendo a *surf*ar melhor, ia querendo *surf*ar ondas maiores” (S2). No sentido das afirmações anteriores encontra-se o depoimento do terceiro entrevistado: “há pessoas que põem um limite, portanto o limite é aquele e não passam do limite porque não se sentem bem. Se não se sentem bem, não vão estar a criar ou a ter esse risco...e eu sinto-me bem, eu vou até ao meu limite” (S3). Esta noção é partilhada por Stranger (1999), defendendo que há uma busca constante por parte do praticante em *surf*ar ondas com cada vez maior tamanho e cada vez mais exigentes para o indivíduo.

Como se pode constatar, todos os surfistas entrevistados aceitam e procuram claramente não só atingir, mas, uma vez alcançadas, ultrapassar as suas próprias barreiras, elevando o seu limite interior, dando origem a novos desafios. De acordo com Mike, surfista entrevistado num estudo apresentado por Stranger (1999), esta ideia é idêntica à dependência de drogas, ou seja, há uma vontade do praticante em *surf* sempre mais e mais ondas, cada vez maiores. Este pensamento e noção de superação, é explicitada por um dos entrevistados, defendendo a ideia de que “tu comesças a levar o teu limite, a puxá-lo, a puxar, mais e mais e mais e mais, quando tal estás a fazer coisas quase irreais” (S3). Estamos assim, e em consonância com Pereira (2007), perante uma necessidade intrínseca do homem a de se superar continuamente, que, no caso do surf, consiste em *dropar* ondas cada vez maiores, levando a crer que “sempre que houver possibilidade de haver uma abertura para eu poder encarar ainda mais *power* (...) aí vou” (S3), com o intuito de “consegues fazer isso” (S2), sendo capaz de dizer: “Pelo menos *dropar* uma onda já *dropei!*” (S2). A partir desta noção, verifica-se a presença de um lado competitivo, uma luta, não entre duas entidades distintas, mas sim entre os resultados alcançados por um mesmo corpo, um mesmo indivíduo. Esta ideia vai de encontro ao defendido por Costa (1994), quando afirma que o principal objectivo do praticante deve residir na tentativa constante em bater a sua própria marca pessoal, em detrimento da conquista do recorde de um adversário exterior. Neste sentido, e tal como no surf, a luta será travada entre o praticante e o seu “eu”, onde para a tão esperada vitória não basta atingir, mas sim ultrapassar a fasquia, a sua melhor marca pessoal. Como refere um dos surfistas, existe “sempre aquele *feeling* de fazer uma onda maior e maior, só por...tipo (sic), a nível pessoal. Portanto, estás a tentar provar alguma coisa a ti próprio, estás a tentar provar que tu consegues fazer aquilo (...) eu quero, eu necessito!” (S3). De acordo com o exposto e segundo a visão de Le Breton (2000a), poder-se-á afirmar que esta busca constante em *surf* ondas cada vez maiores assume um papel crucial, na medida em que fornece um sentido lógico à vida de quem pratica este tipo de actividade extrema.

Paralelamente a esta vontade imensa demonstrada pelos *Big-Riders* em superar as suas marcas, *surfando* ondas cada vez maiores, surge a necessidade destes em recorrer à tecnologia disponível, de forma a quebrar barreiras que para sempre condicionariam o surf de ondas grandes. Deste pensamento nasce o *Tow-In*, uma modalidade que permite ao surfista colocar a fasquia pessoal em patamares até então impensáveis, elevando os seus limites a uma outra dimensão, impossíveis de atingir pela força da remada humana. Um dos nossos entrevistados, neste âmbito, afirma que o “*Tow-In* é uma coisa que me fascina. Eu gosto de ondas grandes e ali tens a particularidade de uma mota de água te rebocar para dentro, em segurança, portanto tu escolhes o momento que queres *dropar* e isso é bom, consegues ir para um limite, a tua escala dispara logo mais lá para cima” (S3). Assim, nesta busca incessante pela conquista e superação do limite, podemos afirmar que o *Tow-In* veio dar um novo sentido a esta modalidade, permitindo a todos aqueles que pretendem *surf* ondas cada vez maiores, colocarem a fasquia a um patamar outrora inimaginável.

Resumindo, ficou evidenciado que, para os entrevistados, a superação dos limites individuais e a quebra de barreiras interiores, através do surf de ondas grandes, se assume como uma das razões para a prática desta vertente extrema. Neste sentido, a busca e consequente tentativa em *dropar* ondas cada vez maiores parece ser infinita, tendo o *Tow-In* um papel fundamental neste contexto. Esta prática possibilita ao ser humano estabelecer e idealizar limites que outrora nunca imaginaria que fossem possíveis de atingir/ultrapassar, devido às limitações existentes. Assim, através do contributo de um *jet-ski*, vários entraves foram ultrapassados, principalmente ao nível da entrada do surfista na onda. Devido ao tamanho e exigência de determinadas ondas, o ser humano, por si só, não é capaz de remar suficientemente rápido para conseguir entrar nessas ondas, sendo o único caminho possível, recorrer ao reboque por mota de água.

4.1.2. Categoria B – Perigo/Controlo

O perigo apresenta-se como um factor inerente às actividades desportivas consideradas de risco, nas quais se integra o surf. Nesta medida, o perigo é algo presente neste tipo de modalidades desportivas cabendo ao surfista, no caso específico do surf de ondas grandes, determinar se está ou não disposto a correr o risco de enfrentar tais perigos. Segundo as palavras de um surfista, num estudo apresentado por Stranger (1999): “When you paddle out and see a [10 meter high wave] staring you in the face, it’s like “Oh my God”. No entanto, e de acordo com Giddens (1994), na sociedade contemporânea, a aceitação de determinados riscos assume um papel importante, contribuindo para um desenvolvimento social e ao nível da realização pessoal. Nesta perspectiva, é legítimo supormos que, no caso específico do surf de ondas grandes, uma ausência total de risco seria algo “desmotivador” para o *Big-Rider*. Esta ideia é partilhada por Pereira (2005b), referindo que em vários estudos efectuados, os entrevistados afirmam que não participariam em tais actividades extremas se a ausência de risco fosse total. Esta noção pode ser caracterizada através da resposta de um dos surfistas entrevistados, quando questionado acerca do significado, para ele, da prática do surf de ondas grandes. Suscitando uma ideia de necessidade da presença deste factor na modalidade em questão, o surfista refere que, quando se *surfam* ondas grandes, “o risco é muito maior” (S1). Assim, nesta prática extrema, a presença do risco parece assumir-se como um factor necessário para o indivíduo, conduzindo a uma maior envolvência e vontade por parte do praticante em realizar tal modalidade.

A partir da análise das entrevistas é possível constatar-se, tal como pela revisão da literatura, que a vertente extrema do surf acarreta um vasto leque de perigos para os seus intervenientes, não havendo “espaço para erros quando estás em mar grande” (S3), “de maneira a não morreres” (S1). A ideia de que, no surf de ondas grandes, o risco é acrescido, comparativamente ao surf em ondas pequenas, parece, pois, estar clara para os nossos entrevistados, uma vez que “numa onda grande se correr mal, se *dropares* mal, se escolheres mal

a onda aleijas-te a sério” (S1). Neste contexto, todos os nossos entrevistados já observaram e sofreram “vários, sustos valentes” (S1), experimentando, na pele, o preço a pagar pelo erro cometido, sendo este aspecto uma mais valia na obtenção de uma noção clara e verdadeira dos perigos que envolvem esta prática. Na perspectiva de Le Breton (2000b), esta memória do acontecimento, encontra-se presente na carne e nos músculos, ficando guardada uma marca tangível sobre a pele, a identificação daquele que almeja sempre o limite. De entre os vários acidentes ocorridos, um dos entrevistados afirma que “já parti o nariz” (S1), tendo levado um outro praticante “ao hospital, porque levou com as *quilhas* na cabeça, para levar pontos, já vi um tipo a levar com a prancha no nariz e a ficar com o osso à mostra” (S1). Neste contexto, um outro surfista declarou ter já observado “várias pessoas com caras esfaceladas a ter que ir para o hospital...colegas meus, dois pelo menos com sangue no chão, mesmo assim tipo filme! Não morreram, mas fizeram uns arranhões, golpes na cara a sério” (S2). Para além disso, este praticante relata ter caído numa onda, saindo a sua prancha “disparada, nem sei bem com que parte é que ela me acertou, acerta-me aqui na garganta, na traqueia. Resumindo, parecia que isto tinha entrado para dentro, não conseguia respirar” (S2). Igualmente, também o nosso último entrevistado sofreu “lesões na coluna, já tive lesões de braços, a nível de tendinites, já tive roturas musculares a nível de joelhos, a nível de articulação nos tornozelos, já tive “acidentes acidentes” de abrir a cabeça e levar 12 pontos, cortes” (S3). Este surfista relata ainda que “um amigo meu sul-africano que abriu a cabeça de um ponto ao outro, da parte da frente da testa até aqui atrás à nuca, desmaiou” (S3). Tal como referido na revisão da literatura, as redes de pesca são responsáveis por várias mortes durante a prática do surf, tendo sido este surfista alvo de um acidente provocado pela presença destas. De acordo com as suas palavras, “assim que vou a passar a secção vejo uma rede de pesca, daquelas que tem aquelas boiinhas todas, daquelas mesmo de superfície, tipo que não há hipótese, assim a atravessar a *parede* e eu a passar uma secção super difícil (sic) (...) E outra vez fiquei preso por um anzol daqueles aparelhos aqui no peito” (S3).

Para além dos acidentes referenciados nos discursos dos nossos entrevistados, já todos experimentaram algo muito mais extremo, onde, por momentos, uma linha ténue separou as suas vidas da morte. Segundo palavras de um dos surfistas, “tive a nítida noção que se eu bebesse mais um golo de água lerpava” (sic) (S1), tendo um dos outros entrevistados referido algo semelhante: “pensei que ia morrer ali, porque não conseguia respirar, não estava ninguém à minha beira, fiquei ali embrulhado, bebi água (...) já várias vezes dei por mim a dizer assim: Fogo, estou tramado!” (sic) (S2). Sem excepção, o último entrevistado esteve a escassos passos da morte, quando se deparou com uma rede de pesca durante a passagem da *rebentação*: “fiquei branco, mesmo assim...sabia que caía ali naquele momento e morria!” (S3). Neste contexto, encontra-se a visão de Le Breton (2000b), que alerta para a necessidade intrínseca do homem em questionar-se acerca do significado último, ou seja, a morte, por forma a conferir legitimidade à vida. De acordo com a perspectiva apresentada, talvez este “desafiar da morte” se assuma como um meio através do qual o *Big-Rider* confere um sentido e significado lógico à sua vida, algo necessário para a sua própria existência.

Perante o exposto, podemos dizer que os perigos e riscos são evidentes e reais quando se *surfa* e desafiam ondas grandes, apesar de ser considerado por muitos *Big-Riders* como “o melhor surf que se pode fazer (...) é mais perigoso mas isso também está incluído” (S2). Podemos, pois, dizer que, tal como no alpinismo (Pereira, 2005b), também no surf de ondas grandes o risco é patente, pela simples razão de que é efectivo e real. Desta forma, podemos inserir esta prática extremiana noção de “*edgework*” apresentada por Lyng (1990), assumindo-se o surf de ondas grandes como uma clara ameaça observável ao bem-estar físico, mental ou à existência dos *Big-Riders*.

No entanto, apesar de todos os perigos que esta prática extrema engloba, verifica-se, através dos depoimentos dos surfistas entrevistados, que há uma tentativa de controlo da situação por parte deles. No seguimento desta ideia, emerge novamente o termo “*edgework*” defendido por Lyng (1990), o qual remete para uma tentativa de controlo de situações perigosas por parte dos seus actores. Esta ideia encontra-se traduzida nas palavras de um dos

entrevistados, referindo que “sabes se a onda está a dar ali ou se está a dar mais meio metro à frente ou mais meio metro atrás, consegues controlar mais ou menos o *pico*” (S1). Outro surfista aborda igualmente esta questão no seu discurso, afirmando que “gosto, quando entro para mar grande, ter a ideia que estou a conseguir controlar a situação (...) é isso que nós estamos lá dentro e estamos a pensar, se uma pessoa achar que não controlava minimamente o que está a fazer, não podia estar lá. Então é mais ou menos isso, é uma pessoa achar que está a controlar o acontecimento” (S2). Com isto, revela-se uma vontade exponencial do praticante em controlar o que parece ser incontrolável, ter consciência do controlo do acontecimento, da situação, conduzindo assim a um aumento da sua auto-estima, auto-confiança e auto-controlo. Assim, neste desafio implícito, de acordo com a visão de Pereira (2005b), o risco apresenta-se como uma meta a ultrapassar, na tentativa de controlar todas as situações e imprevistos que possam surgir, em busca da obtenção do objectivo pretendido.

Os discursos dos entrevistados remetem-nos, então, para a ideia de que pretendem obter um controlo da situação, do momento, sentirem-se capazes de tal acto, com vista a atingir um estado de enaltecimento e grandiosidade interiores. No entanto, neste jogo estabelecido entre o homem e a Natureza, há também a hipótese de fracassar e, neste caso particular, o surfista é incapaz de controlar a situação derivada das enormes ondas, surgindo, de acordo com a ideia de “*edgework*” proposta por Lyng (1990), a ocorrência de danos ou a ameaça de morte como consequências iminentes.

Decorrente desta incapacidade ou ausência de controlo por parte do sujeito, ao contrário do enaltecimento do ser, poderá resultar um cenário assustador e terrífico para os seus intervenientes. Neste âmbito, é relatado numa das entrevistas que um dado momento “foi assustador por ser muito grande, estava incontrolável e eu achava que era impossível eu estar lá dentro a fazer surf e depois veio-se a provar isso. Acho que estava um bocado fora do meu controle” (S2).

Perante uma clara noção de incapacidade do indivíduo em controlar o momento (ex.: possui a nítida consciência que não está preparado física ou

psicologicamente para *dropar* ondas tão grandes), o que parece verificar-se é que os praticantes optam por evitar o desafio, não entrando na água. Segundo as palavras de um dos entrevistados, “se eu vejo que é uma coisa que eu não vou aguentar, saio, abandono” (S3), tendo outro surfista referido claramente que “não entrei uma vez nos Coxos” (S2) e, após questionado acerca do porquê da sua decisão, respondeu claramente “porque estava fora do meu controle” (S2). Esta ideia vai de encontro à interpretação dos “*edgeworkers*” defendida por Lyng (1990), referindo que estes se sentem desconfortáveis perante situações deste tipo, uma vez que não permitem que o seu bem-estar, o seu futuro, fique entregue ao destino.

Assim, verifica-se um certo avaliar das capacidades do próprio indivíduo para assumir, perante si próprio, se está apto ou não para controlar uma dada situação. Neste caso, quando há uma valorização excessiva das apetências e características do sujeito em relação a uma situação clara de incapacidade de controlo por parte deste, graves acidentes poderão surgir, afirmando mesmo um dos entrevistados que “muitos deles já pagaram com a vida” (S3).

Concluindo, denota-se uma grande vontade nos surfistas entrevistados em “domar” as enormes ondas, ganhar o poder e assumir o comando sobre uma situação que, à partida, possa parecer incontrolável, assumindo-se este aspecto como um dos focos de atracção para esta prática extrema. De acordo com Kiewa (2001), a razão pela qual os praticantes se sentem atraídos para este tipo de práticas diz respeito ao facto de tentarem controlar o “incontrolável”. Na mesma linha, e com a noção de “*edgework*” defendida por Lyng (1990), o indivíduo procura manter o controlo sobre uma dada situação que se encontra no limite do caos total.

Mas, neste jogo, a hipótese de falhar tem que estar presente, não podendo no entanto assumir-se como impeditiva do indivíduo desafiar as ondas, por forma a que, caso consiga atingir o seu objectivo, seja possível alcançar a sua exaltação, aumentando o ego, auto-controlo e auto-confiança. De acordo com esta lógica e seguindo a ideia apresentada por Lyng (1990), quanto maior for o desafio, isto é, quanto maior o tamanho e dificuldade das

ondas *surfadas*, e conseqüente capacidade do indivíduo em conseguir controlar o momento, maior será a valorização do surfista a nível pessoal.

Para além da noção apresentada, a presença de outro factor de grande importância no surf de ondas grandes tem a ver com o conceito de risco. Assim, é fundamental para o praticante que ele esteja bem presente, como forma de atrair o surfista, motivando e alimentando a sua vontade, para o surf de ondas grandes.

4.1.3. Categoria C – Risco: importância e representação na prática

De uma forma geral, entendemos o risco como algo relacionado com comportamentos levados a cabo pelo praticante, podendo destes resultar conseqüências dolorosas para o próprio a nível físico e também a nível psicológico (Ferreira, 2003).

Durante a prática extrema do surf, o conceito de risco é um factor importante a ter em conta por todos aqueles que pretendem desafiar este tipo de ondas, uma vez que, apesar do contributo positivo que, segundo Pereira (2007), lhe possa ser atribuído, este é susceptível de causar resultados catastróficos para o praticante. Segundo palavras de um dos entrevistados, “não podes pensar que vais passar a vida a *surf* ondas grandes e que nunca vais cair... isso esquece! Um dia vais cair, um dia vais levar um *tralho* daqueles em que vais apanhar um susto valente” (sic) (S1). Assim, os surfistas de ondas grandes parecem estar cientes de uma possível, e quase certa, ocorrência de situações de risco, tendo que estar preparados para elas. Do mesmo modo que um grupo de alpinistas, num estudo efectuado por Pereira (2005b), demonstra deter um conhecimento sólido acerca da iminência do surgimento de situações susceptíveis de colocarem a sua integridade física em risco, o mesmo sentem os surfistas entrevistados. Continuando, e baseando-nos na perspectiva da mesma autora, os praticantes compreendem este lado mais “escuro” como parte integrante e real deste tipo de modalidades extremas.

De um modo geral e pelo discurso dos entrevistados, verifica-se que todos assumem e reconhecem a sua inferioridade perante a força da Natureza, estando sempre cientes que “o mar é que manda” (S1), ou seja, “o mar é sempre o que dá, é o que diz a primeira palavra e a última (...) Não vejo as coisas de uma forma que sou eu a mandar, a Natureza é sempre quem fala mais alto” (S3). Perante esta condição, os surfistas adoptam uma postura de partilha entre dois sentimentos, “um misto de medo e respeito pelo que pode vir a acontecer (...) porque uma pessoa sabe que a qualquer momento pode morrer” (S2). De acordo com o referido, há portanto “um medo interior, o nosso organismo tem quase como sensores defensivos” (S3), funcionando como um inibidor à obtenção de consequências dolorosas para a integridade física do praticante. Porém, durante a prática, verifica-se uma tentativa dos entrevistados em “vencer esse medo para não vacilares no momento em que estás a fazer o *drop*” (S1), demonstrando aqui uma vontade enorme dos praticantes em *surfarem* estas ondas. Segundo um deles, “quando estás a passar uma onda para trás, está a entrar um *set*, tu remas a subir, sabes que atrás é maior e quando passas a primeira, vês que a segunda é muito maior e já vai partir antes de tu chegares a ela, portanto já vais levar com o impacto. Aí sim, aí já é sensação de medo, receio, o que é que eu vou fazer...por norma, eu não penso muito nesse aspecto de medo” (S3). Perante isto, é afirmado por um dos surfistas que “o medo é que faz com que uma pessoa vá mais vezes, porque medo é uma sensação que uma pessoa não consegue controlar e é boa em certas ocasiões” (S2). Neste sentido, está o defendido por Elias e Dunning (1992), ao afirmarem que o medo e o prazer constituem partes inseparáveis, indispensáveis a um processo de satisfação de lazer. De acordo com o exposto, o medo assume-se como um factor estimulador, na medida em que o indivíduo o tenta anular, na ânsia de poder usufruir dos grandes *drops* e deslizos na onda, na sua plenitude. Por conseguinte, “quando tu tens um à vontade e experiência deixas de ter esses medos todos, tu estás lá dentro a pensar, a tua cabeça pensa, mesmo em situações críticas, tu não deixas de pensar, tu estás sempre racional e essa é a tua arma em relação ao mar, essa arma de tu manteres-te *focus*, pensativo e racional” (S3).

Com isto, verifica-se então uma tentativa dos *Big-Riders* em manter a tranquilidade e calma, aliada à sua experiência, uma das suas armas fundamentais para “deixar de cometer tantos riscos e de arriscar desnecessariamente” (S3). Através da análise dos discursos dos entrevistados, constata-se que, em situação de perigo, e apesar de toda a agitação e aflição que o momento acarreta, os surfistas procuram manter-se tranquilos e racionais, referindo ser esta a via mais rápida e segura de solucionar o problema. Esta lógica é traduzida por um dos entrevistados, ao afirmar que “sangue-frio é essencial até porque se caís tens que ter a tranquilidade e a capacidade de te acalmares debaixo de água e não entras em *stress* porque não vais subir só porque vais dar aos braços (...) só vens cá cima quando ela te deixar e tens que ter calma e aguentar ali” (S1).

Apesar de, teoricamente, todos os entrevistados saberem o que fazer em situação de *stress*, à medida que a gravidade da situação aumenta e atinge um estado crítico, por exemplo, com a demora do regresso do praticante à superfície para respirar, este auto-controlo parece ser afectado. Perante situações deste tipo, os surfistas tentam permanecer sempre com a ideia de que “nunca penso que estou mal” (S2), verificando-se uma certa dificuldade em manter este estado de espírito com um aumento da gravidade da situação, que coloca em risco a integridade física do praticante. Segundo o entrevistado mais experiente no surf de ondas grandes, até este praticante bloqueou numa situação de perigo extremo, tendo afirmado: “lembro-me até hoje, fiquei branco, fiquei com frio, depois de passar aquilo estava com frio...gelei!” (S3). Desta forma, e segundo ele, “tudo o que põe em causa a minha integridade física me deixa preocupado” (S3). Neste sentido, e apesar de toda a calma e tranquilidade que os praticantes procurem manter, eles tentam “ter aquela frieza para não começar logo a abrir a boca e a bater com os pés e com as mãos, *pah* (sic) mas via que nunca mais vinha cá cima e à que puxar o *strep*, parecia que estava a fazer montanhismo” (S1). Este descontrolo referido deveu-se ao facto de o surfista em questão não ter conseguido “aguentar até vir cá cima e já vinha a beber água, a puxar-me pelo *strep*, a agarrar-me à prancha, que aquilo... (suspiro)” (S1). Assim, perante estas situações

extremas, em que a vida e a morte estão separadas por uma linha muito fina, parece surgir uma noção idêntica à transmitida por um dos surfistas, ao afirmar que “nunca mais vens cá em cima e comesas... vou morrer (...) estás lá em baixo às cambalhotas e a pensar: será que vou conseguir subir? Será que saio daqui?” (S1). No âmbito do surf, e considerando a ideia de Le Breton (2000b), este contacto com uma morte simbólica poderá assumir-se como um fogo antropológico de significação, razão esta pela qual o surfista atribui um significado lógico à sua vida, sentindo-se vivo. Ou seja, o surfista coloca-se na linha que o separa da morte, desafiando-a, não passando no entanto totalmente para “o lado de lá”, assumindo-se este «brincar com as normas» ou «brincar com o fogo», segundo Elias e Dunning (1992), como uma forma capaz de o fazer sentir e gostar de estar vivo.

Apesar dos momentos de perigo eminente poderem afectar o autocontrolo do praticante, quando a situação chega a um ponto crítico, este tanto pode ter a sorte de sair com vida de tudo isto como, pelo contrário, sofrer graves lesões (físicas ou psicológicas) ou até mesmo morrer. Portanto, verifica-se que há situações em que por muita calma que o praticante procure manter, não consegue evitar determinadas consequências, umas mais graves que outras. Neste contexto, um dos entrevistados foi involuntariamente atingido, numa *surfada* sua, com a própria prancha na garganta, tendo a sorte estado do seu lado nesse momento, afirmando o praticante que “por acaso estava perto de terra e agarrei-me à prancha e vim com duas ou três ondas e fiquei para aí meia hora lá a tentar conter o pânico que me aconteceu naquela situação” (S2).

São, pois, várias as consequências que podem ocorrer a todos aqueles que procuram *dropar* ondas grandes, sendo estas susceptíveis de provocar graves lesões nos indivíduos, tanto pelas situações que observam como por aquelas que sentem no corpo. No entanto, para os surfistas entrevistados, este aspecto parece não afectar a sua vontade e prestação no surf de ondas grandes, uma vez que, após um acidente, observado ou vivido, regressam novamente à prática: “a partir daí comecei a arriscar menos nos *tubos*... pelo menos, durante uns tempos arrisquei bastante menos, agora se calhar já começo a arriscar outra vez” (S1). Neste sentido, um outro entrevistado refere:

“aconteceu-me algo, tive uma queda brutal (...) vejo que a partir dali qualquer coisa que me possa acontecer pode ser grave. Então desisto e saio, saio para recuperar, mas depois vou” (S3).

Depois de interrogados acerca das consequências e afectação para os próprios, resultantes da observação ou vivência de determinados acidentes, os entrevistados responderam de forma peremptória: “A mim? Ah, não!” (S2) ou “nem me pôs a pensar” (S3). Perante os discursos analisados, esta atitude dos surfistas parece dever-se a uma consciencialização clara dos perigos, levando-os a compreender e a lidar de forma natural com este tipo de situações, afirmando um dos entrevistados: “mas isso eu sabia antes de ver isso, já me aconteceram várias coisas” (S3). Esta percepção do risco está patente nas palavras de um deles, ao referir que “às vezes ponho-me a pensar nisso, tentar não ir sozinho para a água, para sítios sozinho ou pelos menos que tenha pessoas na praia, pescadores...pode acontecer qualquer coisa, bater com a prancha, etc., e é complicado” (S2).

Assim, para evitar todos estes perigos, os surfistas parecem redobrar os seus níveis de atenção quando estão no *pico*, pois “tens que estar atento, tens que estar concentrado... se perdes a concentração podes morrer” (S1). Nesta perspectiva, verifica-se portanto que os *Big-Riders* estão “sempre mais atentos” (S2), tentando ao mesmo tempo efectuar como que uma previsão de qual o comportamento do mar, para mais rápida e eficazmente responder ao imprevisto: “Vem outro *set* atrás, não vem?”, “Vou cair? Se eu cair depois se não entrar para debaixo de água, se for junto com a *espuma* vou muito para a frente, depois vem o *set* e leva-me para as rochas?” (S2).

Aliado a uma atenção redobrada dos praticantes, em que os surfistas “quase que nem te ouvem (...) estão em transe” (S3), outro aspecto se assume de grande importância, estando este relacionado com uma capacidade e poder de decisão, associada à coragem. De acordo com os entrevistados, o surfista “tem que pensar que vai para a água e que é para apanhar (...) é ter coragem para ir apanhar, saber que vai conseguir apanhar (...) é querer fazer essa onda, eu chamo-lhe o “*Go For It*”, é ir para aquilo” (S2). Neste sentido, mantendo o respeito, já referido, que todos os entrevistados manifestam

perante a força da Natureza, há que estar decidido a lançar-se neste desafio, não havendo espaço para hesitações, para que, com a coragem necessária, seja possível ao praticante “estar a dizer: Vou entrar!” (S2). Neste sentido, estes factores têm que estar em consonância pois, por exemplo, “se vais hesitar na altura de a *dropar*, aí é porque não estás preparado psicologicamente para *surf*ar mar grande, então para isso não vais” (S1), ou seja, “a pessoa tem que saber logo o que quer, se vai apanhar as ondas ou se vai para lá só para fazer número...se for para fazer número não vale a pena porque só vai para lá estorvar” (S2).

Assim, os praticantes assumem como fundamental nesta prática, e para a sua própria segurança, uma elevada concentração e “atenção entre o surfista↔onda” (S3), por forma a evitar ao máximo a colocação do praticante em situações de perigo eminente, permitindo-lhe “*surf*ar durante muitos anos, muitas ondas. Eu não quero *surf*ar uma onda e morrer” (S1).

É possível constatar-se, através da análise dos discursos dos entrevistados que, com o surgimento de novas responsabilidades, se verifica uma alteração no modo como o sujeito interpreta o risco nesta prática. Esta ideia vai de encontro ao defendido por Pereira (2005b), referindo que é possível estabelecer-se uma relação entre a aceitação do risco e a idade dos praticantes, neste caso específico, dos *Big-Riders*. Num estudo efectuado por esta autora, um grupo de montanhistas afirmou haver uma alteração nas suas atitudes, uma forma diferente de encarar os perigos ao longo da vida. De acordo com esta perspectiva, o surfista parece adoptar uma postura “menos arriscada”, estando mais disposto a desafiar e a arriscar mais em ondas grandes, apenas com maiores níveis de segurança (ex.: poucas *correntes*, ausência de pedras em que possa embater). Um dos entrevistados traduz esta ideia no seu discurso, referindo que “não sei se é a idade, se é ter família, na altura ainda namorava, não era casado, não tinha filhos. Agora uma pessoa pensa duas vezes, se calhar pode ser isso, não sei. Isso deve ser uma coisa que vem com a idade, o receio de cair, de magoar-se, de ficar sei lá doente, doente entre aspas, numa cadeira de rodas...Antes uma pessoa não pensa nisso, quando é novo entra quer é curtir não é? Então, o que vier à rede é

peixe, entra para a água e “*trau*”, começa a remar, nem pensa se tem muitas pedras se não tem...caiu, resolve-se o problema depois” (sic) (S2). Perante a afirmação anterior, e tendo em conta a ideia de Pereira (2005b), constata-se uma certa inconsciência por parte do praticante, quando se iniciou no surf de ondas grandes. Assim, e segundo Simmel (1997), verifica-se uma maior tendência em praticar este tipo de modalidades extremas na juventude, uma vez que este período é uma altura de descobertas. Le Breton (2000b) vai de encontro à ideia apresentada, afirmando que é na época juvenil que verificamos um maior número de comportamentos arriscados.

Assim, as atitudes dos praticantes em relação ao risco alteram-se conforme o ciclo de vida, não só pelo aumento da idade, mas também porque o indivíduo adquire outro tipo de responsabilidades, como por exemplo, ser pai e “chefe de família” (Pereira, 2005b). Nesta linha de pensamento, um desvalorizar de determinadas situações consideradas de risco, poderão reflectir uma passagem do jovem para o estado adulto (Le Breton, 2000b). Assim pensa Douglas (1999), ao afirmar que quando o indivíduo coloca a hipótese de enfrentar determinados riscos, quanto maiores estes são, mais provável será a sua tendência para consultar os seus familiares acerca da tomada ou não da sua decisão. Constata-se então que ela não é agora tomada somente pelo surfista, mas sim entre si e mais pessoas (ex.: mulher, pais, amigos).

No entanto e através dos discursos analisados, a questão da idade não se assume tanto como um motivo de alteração do modo como o praticante interpreta o risco, estando esta mudança mais relacionada com o aumento das responsabilidades. Assim, à medida que o indivíduo vai adquirindo mais responsabilidades, mais factores de “entrave” a um livre desafiar de ondas de “todo e qualquer tamanho” se solidificam, não estando o praticante tão disposto a aceitar riscos que, outrora, tomaria sem hesitar.

Em suma, no surf de ondas grandes verifica-se por parte do praticante uma consciencialização dos riscos inerentes a esta prática, uma enorme sensação de respeito pelo mar e pelas consequências que um possível “desrespeito” humano possa causar. Um factor surge com duplo papel nesta prática: o medo, quer como inibidor, na tentativa de resguardar a integridade

física do surfista, quer como potenciador, tentando o praticante a todo o custo ultrapassar e aniquilar este “travão”. Em todo este processo, verifica-se uma exaltação de factores como coragem, vontade e decisão, assumindo estes importância crucial na aventura. Desta forma, para que o indivíduo se aventure nas enormes ondas, todos estes aspectos têm que estar em consonância, não sendo permitido ao praticante cometer qualquer tipo de erro.

Para além dos factores enunciados, um outro parece assumir-se como verdadeiro entrave à aceitação de um maior número de riscos, o que se relaciona com as responsabilidades decorrentes das várias fases do ciclo de vida do indivíduo. Neste contexto, aspectos são susceptíveis, como a família, de condicionarem a aceitação de determinados riscos, que em tempos seriam aceites pelo praticante, de bom grado. Ou seja, decorrente de um maior número de responsabilidades, a pessoa parece estar menos disposta a aceitar determinados perigos, demonstrando uma maior consciencialização e percepção do risco inerente ao surf de ondas grandes.

Contudo, nesta prática extrema, nem todos os imprevistos podem ser calculados, tendo um surfista de ondas grandes que ser conhecedor e estar preparado para tudo o que possa acontecer.

Em caso de ocorrência de situações de perigo eminente, o praticante parece, inicialmente, tentar manter a calma e a serenidade para mais rapidamente resolver o seu problema. No entanto, quando essa situação começa a tomar proporções assustadoras, torna-se uma verdadeira ameaça para a vida do surfista, o seu auto-controlo é ligeiramente afectado, tentando a todo o custo, por exemplo, vir à superfície em busca de oxigénio.

Assim, a ideia geral reside no facto de o praticante, com o intuito de realizar uma prática segura, deve respeitar ao máximo as regras impostas pela Natureza, pois esta “é sempre aquela que dá...mas também tira”.

Conclusões

5. Conclusões

Ao longo do presente trabalho, diversos passos foram tomados com o intuito de responder de forma correcta, lógica e sustentada aos objectivos previamente delineados. Assim, e perante a vasta realidade de estudos existentes no âmbito do risco, mais concretamente no âmbito do desporto, apresentam-se como finalidades deste trabalho compreender qual ou quais os objectivos a alcançar pelos *Big-Riders*, aquando da prática do surf extremo, bem como compreender de que modo o risco é vivido por estes surfistas.

Neste sentido, numa fase inicial, foi efectuada uma pesquisa teórica, com o intuito de nos fornecer uma panóplia de conhecimentos úteis e necessários a uma fase posterior do presente trabalho.

Após termos já um vasto leque de informação, que nos permitiu avançar para um terreno mais prático, procedeu-se à elaboração do Campo Metodológico. Através deste ponto, pretendeu-se adquirir uma melhor noção acerca do surf e sua envolvência, à forma como este é vivido e experienciado, aos olhos do surfista. Para além disso, foram elaboradas e aplicadas entrevistas semi-estruturadas a um grupo de surfistas de ondas grandes, com o objectivo de adquirir um conjunto de dados que, somente através da literatura, seriam difíceis, ou mesmo impossíveis de obter.

Após transcrição e tratamento das entrevistas, foi possível traçar um conjunto de categorias, por um processo de Categorização, fundamental para uma correcta e consequente compreensão e análise dos dados obtidos.

Possuindo um conhecimento sustentado, tanto a nível teórico como prático, relativamente ao surf de ondas grandes, estavam então reunidas todas as condições para se proceder a uma Apresentação e Discussão dos Resultados. Aqui, foram analisadas, de forma individualizada, todas as categorias criadas anteriormente, permitindo-nos, através da informação obtida em cada uma delas, adquirir um conjunto de informação susceptível de responder aos objectivos por nós estabelecidos.

Perante o exposto, e realizada toda uma abordagem à temática do risco no âmbito do surf extremo, emerge de forma lógica, neste momento, a reflexão e resposta aos objectivos do presente estudo.

De acordo com os resultados obtidos, e em consonância com a informação adquirida a partir da revisão da literatura, podemos constatar que os *Big-Riders* procuram no surf de ondas grandes, uma forma de experienciar vários sentimentos em simultâneo. Nesta medida, a grande fonte de atracção para esta modalidade reside no facto de o praticante conseguir obter diversos benefícios em simultâneo, tudo num momento tão curto como intenso. Ou seja, há um vivenciar de sensações e experiências em simultâneo e com grande intensidade. Há uma tentativa constante por parte do surfista em voltar a sentir e, também, viver melhores momentos, sentidos ainda com maior intensidade. Há, pois, um constante processo de sentir↔re-sentir, estando o praticante numa caminhada incessante pela descoberta de novas e mais fortes sensações, tentando “unir” tantos momentos intensos e efémeros quanto possível, na ânsia de eternizar o momento. Durante todo este processo, e consoante os discursos analisados, o praticante pretende que a Natureza se apresente como colaborante em toda a busca de sensações e vivências positivas para o indivíduo.

Assim, durante todo este processo, os benefícios esperados pelo *Big-Rider* podem-se sintetizar nas seguintes sensações: sensação de máximo prazer, adrenalina, êxtase, alegria, satisfação e realização pessoal; sensação de superação, ou seja, sentir que é capaz de superar os seus limites, de conseguir atingir e ultrapassar a barreira interior que, outrora, tinha estipulado como objectivo; sensação de controlar o que parece ser incontrolável, conduzindo a uma valorização a nível pessoal; sensação de vencer o medo, ganhando coragem e vontade para enfrentar o desafio.

Nesta medida, as várias emoções experienciadas pelo praticante num momento breve e de forma intensa, aquando da prática do surf de ondas grandes, parecem convergir todas para um ponto comum: o bem-estar e a valorização a nível pessoal. Ou seja, o indivíduo sente-se autónomo, livre, sentindo ser ele a comandar o acontecimento, ao mesmo tempo que obtém

todas as sensações máximas de puro êxtase, adrenalina, alegria, que as grandes ondas proporcionam.

Face a isto, será importante realçar que as sensações experienciadas no surf em ondas grandes não poderiam ser igualmente obtidas pelo praticante em ondas pequenas. Isto deve-se ao facto de tais sensações serem mais intensamente despoletadas numa envolvência que acarreta um prazer extremo para o surfista, tal como o é esta prática...extrema!

No que concerne à forma como o *Big-Rider* vive e interpreta o risco, na prática, foi possível constatar-se a existência de um sentimento onde medo e respeito se relacionam. Nesta medida, verifica-se um enorme respeito por parte de todos os surfistas entrevistados relativamente à força da Natureza, sendo esta aquela que tem o direito à primeira e última palavra. Para além deste sentimento, há igualmente uma tentativa por parte do surfista em superar e evitar que o factor medo se apodere de si, procurando não correr riscos desnecessários nem hesitar em momentos críticos como, por exemplo, aquando do *drop* na onda. Assim, conclui-se que o surfista não se lança nas grandes ondas de forma totalmente inconsciente, sendo a sua atitude e comportamentos regulados por estes dois sentimentos referidos.

Para além destes aspectos, através da análise de toda a informação obtida foi possível constatar-se que o risco assume um papel fundamental no surf de ondas grandes. Nesta modalidade extrema, a presença deste conceito parece funcionar como fonte de motivação e atracção para os *Big-Riders*, tendo-se verificado também que, em caso de ausência total de risco, certos praticantes não se envolveriam neste tipo de actividades. Perante esta atitude, percebe-se uma valorização do risco por parte dos surfistas de ondas grandes, tendo demonstrado todos os entrevistados consciência da inerência deste conceito ao longo de todo o processo. Esta importância, atribuída pelos surfistas de ondas grandes ao risco, constata-se pelo facto de, após todos os entrevistados terem experienciado situações reais de perigo iminente, nenhum ter abandonado a modalidade, regressando de novo à prática. Nesta linha de pensamento, nota-se que a vontade em arriscar, perante os perigos que a modalidade envolve, não foi perdida, tendo os surfistas voltado para

experienciar novamente este mesmo risco. Assim, este conceito é uma fonte de atracção para aqueles que *surfam* ondas grandes, sendo compreendido pelos praticantes como algo inerente à modalidade, benéfico e positivo.

Durante a realização do presente estudo, várias foram as limitações com que nos deparamos, nomeadamente devido à falta de surfistas detentores de um perfil que se enquadrasse com o pretendido. Isto deve-se, nomeadamente, à escassez de ondas grandes em Portugal, levando à impossibilidade da grande maioria dos praticantes *surfarem* este tipo de ondas, à excepção daqueles que têm a hipótese de se deslocar para sítios onde as há. Nesta medida, o leque de surfistas de ondas grandes disponíveis para a realização deste trabalho encontrava-se logo à partida condicionado, limitando em certa medida o nosso estudo.

Para além da escassez de *Big-Riders* no nosso país, deparamo-nos com uma dificuldade acrescida em encontrar estudos neste âmbito, assumindo que é um campo que, até à data, foi muito pouco explorado pela investigação.

Assim, e de forma a contribuir para a compreensão do risco no desporto, vários trabalhos poderão ser realizados futuramente. A título de exemplo, estudar determinados desportos considerados de risco e praticados pelos jovens, uma vez que, segundo vários autores, esta fase do ciclo de vida é aquela onde são tomados maiores comportamentos de risco.

Referências Bibliográficas

6. Referências Bibliográficas

Almeida, C. (1999). Contributos para a compreensão dos “desportos radicais”, *Ludens* 16 (1): 53-63.

Augé, M. (1996). *Los «nos lugares». Espacios del anonimato. Una antropología de la sobremodernidad*. Barcelona: Editorial Gedisa.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bento, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto – Vivências e reflexões pedagógicas*. Porto: Campo das Letras.

Bento, J. (1999). Contexto e perspectivas. In J. Bento, R. Garcia & A. Graça (Eds.), *Contextos da Pedagogia do Desporto* (pp. 19-112). Lisboa: Livros Horizonte.

Bouet, M. (1968). *Signification du sport*. Paris: Éditions Universitaires.

Burrow's, T. (2005). *Taj Burrow's Book Of Hot Surfing – Learn everything from standing up to alley oops*. Australia: Rollingyouth Press.

Cadilhe (2005). *No Princípio Estava o Mar – Surf, viagens e outras inquietudes*. Lisboa: Prime Books.

Casey, E. (1998). *The fate of place – a philosophical history*. California: University of California Press.

Conway, J. (1993). *Guia Prático do Surf – Coleção Habitat*. Lisboa: Editorial Presença.

Costa, A. (1992). Desporto e análise social. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, II* (1992), 101-109.

Costa, A. (1993). *Cultura desportiva e cultura industrial*. Paper presented at the A ciência do desporto e a cultura do homem, Porto.

Costa, A. (1994). *Actividade desportiva e sua força simbólica para a 3ª idade*. Paper presented at the Physical activity and health in the elderly, Oeiras – Portugal.

Denzin, N.; Lincoln, Y. (2000). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 1-29). California: Sage Publications.

Douglas, M. (1999). The depoliticisation of risk. In M. Douglas (Ed.), *Implicit meanings. Selected essays in Anthropology* (pp. 218-230). London: Routledge (2nd ed.).

Elias, N., & Dunning, E. (1992). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.

Farias, S. (2000). *Surf – Conteúdos para a prática*. Ilha das Bruxas: Universidade Federal de Santa Catarina.

Fernandes, A. (2002). *Níveis de confiança e sociedade de risco*. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 12: 185-202.

Ferreira, P. (2003). Comportamentos de risco dos jovens, In M. Cabral, J. Pais (Eds), *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*. Oeiras, Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, Celta Editora, 41-166.

Garcia, R. (1993). *O desporto no universo mítico-religioso: os modelos existenciais revelados pela corrida maratona*. Unpublished Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Desporto – Universidade do Porto, Porto.

Garcia, R. (1996). Programa e relatório de Antropologia do Desporto. *Relatório e programa de disciplina. Provas de Associado*. Porto: Faculdade de Desporto – Universidade do Porto.

Garcia, R. (1997). Contributo para a legitimação de um discurso ecológico no desporto, *Revista Horizonte XIII* (75): 15-23.

Geertz, C. (1996). *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial.

Ghiglione, R.; Matalon, B. (1997). *O inquérito. Teoria e prática* (3ª ed.). Oeiras: Celta Editora.

Giddens, A. (1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora.

Giddens, A. (1998). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora (4ª ed.).

Giddens, A. (2001). *O Mundo na Era da Globalização* (3ª edição). Lisboa: Editorial Presença

Hamilton, B. (2007). *Soulsurfer – Coragem de viver*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.

Hespanha, P. (2002). *Individualização, fragmentação e risco social nas sociedades globalizadas*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63: 21-31.

Kampion, D., Brown, B. (2003). *A History of Surf Culture*. Los Angeles: Benedikt Taschen Verlag GmbH.

Kiewa, J. (2001). Control over self and space in rockclimbing. *Journal of Leisure Research*, 33 (4), 363-382.

Le Breton, D. (2000a). *Playing symbolically with death in extreme sports*. *Body and Society*, 6(1), 1-11.

Le Breton, D. (2000b). *Passions du risque*. Paris: Éditions Métailié (éd. mise à jour).

Lessard-Hébert, M.; Goyette, G.; Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa – fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Loret, A. (1995). *Génération Glisse. Dans l'eau, l'air, la neige, ..., la révolution du sport des "Années fun"*. Paris: Éditions Autremant.

Lyng, S. (1990). Edgework: a social psychological analysis of voluntary risk taking. *American Journal of Sociology*, 95 (4), 851-886.

Macedo, J. (2004). *Livro 7 – Como ser surfista*. Lisboa: Prime Books.

McCarthy, J. (2002). A theory of place in North American mountaineering, *Philosophy & Geography* 5 (2): 179-194.

Pais, J. (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pais, J. (2003). *Culturas juvenis* (2ª ed.). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Pereira, A. (2004). *Para uma visão fenomenológica do corpo contemporâneo: contributo a partir do alpinismo e das ginásticas de academia*. Porto: A. Pereira. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Pereira, A. (2005a). O alpinismo: uma experiência no (pelo) corpo. *RPCD, Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5(3), 311-321.

Pereira, A. (2005b). The Experience of Risk in High-Altitude Climbing. *World Leisure*, 47(2), 38-49.

Pereira, A. (2007). *Desporto e risco: o caso do alpinismo de alta montanha*. Primeiras Jornadas Internacionais de Sociologia do Desporto_ISMAI, 15 de Março – Maia, Portugal.

Peretti-Watel, P. (2003). *Sociologie du risque*. Paris: Armand Colin.

Poirier, J.; Clapier-Valladon, S.; Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida: Teoria e prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora.

Pred, A. (1984). Place as historically contingent process: structuration and time-geography of becoming places, *Annals of the Association of American Geographers* 74 (2): 279-297.

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Rubio, K. (2001). *O Atleta e o Mito do Herói – O imaginário esportivo contemporâneo* (2ª edição). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Santos Silva, A. (1994). *Tempos cruzados. Um estudo interpretativo da cultura popular*. Porto: Edições Afrontamento.

Schatzki, T. (1991). Spatial ontology and explanation. *Annals of the Association of American Geographers*, 81 (4), 650-670.

Schwendinger, H.; Schwendinger, J. (1985). *Adolescent Subcultures and Delinquency*. New York: Praeger.

Seigneur, V. (2006). The problems of the defining the Risk: the case of mountaineering, *FQR, Forum Qualitative Social Research* 7 (1): <http://www.qualitative-research.net/fqs-eng.htm>.

Sharland, E. (2006). Young people, risk taking and risk making: some thoughts for social work, *FQR, Forum Qualitative Social Research* 7 (1): <http://www.qualitative-research.net/fqs-eng.htm>

Silva, M. R. C. (2000). *Contributo para uma sistematização das habilidades básicas na iniciação ao surf*. Porto: M. Silva. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva, M., Rubio, K. (2003). Superação no esporte: limites individuais ou sociais?. *RPCD, Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3(3), 69-76.

Simmel, G. (1997). *Simmel on Culture*. Ed. by D. Frisby & M. Featherstone. London: Sage Publications.

Slovic, P., Weber, E. (2002). *Perception of risk by extreme events*, In Risk Management strategies in na Uncertain World. New York, Columbia-Wharton/Penn Roundtable: 1-21.

Smith, N., Cebulla, A., Cox, L., Davies, A. (2006). Risk perception and the presentation of self: reflections from fieldwork on risk, *FQR, Forum Qualitative Social Research* 7 (1): <http://www.qualitative-research.net/fqs-eng.htm>.

Steinman, J. (2003). *Surf & Saúde*. Florianópolis: Editora Dr. Joel Steinman.

Stranger, M. (1999). The aesthetics of risk. *Int. Rev. for Soc. of Sport*, 34(3), 265-276.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Silva e M. Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Weitzman, E. (2000). Software and qualitative research. In Denzin N & Lincoln Y (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 803-820). California: Sage Publications, Inc.

Young, K., Mcteer, W., White, P. (1994). *Body talk: male athletes reflect on sport, injury and pain*. *Sociology of Sport Journal* 11: 175-194

Pesquisa na Web:

- <http://www.alohatelecom.com.br/aloha.htm>
- <http://www.huna.org/html/portas.html>
- <http://www.jperegrino.com.br/Downloads/O%20Esp%C3%ADrito%20de%20Aloha.pdf>
- <http://www.towsurfer.com/about.asp>
- http://waves.terra.com.br/towinworldcup/layout4.asp?id=11870&sessão=twc_news
- http://outside.away.com/magazine/0595/5f_foo.html
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=162&fonte=GER%2FPR
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=258&fonte=GER%2FPR%2Fhomepic1%2Fbbpic6
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=108&fonte=ger%2Ffempic3%2Fkidpic4
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=111&fonte=GER%2FPR%2Ffempic3%2Fhome

- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=133&fonte=ger%2Fhomepic1
- http://waves.terra.com.br/billabongproteahupoo2007/layout4.asp?id=16252&sessao=comp_wct_tea07
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=1&fonte=GER%2FPR%2Fhomepic1
- http://fluir.ig.com.br/colunistas/243_teco.shtml
- <http://madalenamartinezviagem.wordpress.com/bethany-hamilton-inspiradora/>
- <http://www.nupec.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=207>
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=1&fonte=ger%2Fhomepic1
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=168&fonte=ger
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=129&fonte=ger%2Fhomepic1%2Fkidpic4
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=245&fonte=ger%2Fhome
- http://fluir.ig.com.br/destaque_mes/06_01_10_rededepesca.shtml
- http://www.mps.esp.br/site/content/colunas/detalhe.php?artigo_id=11
- <http://www.insidebb.com/forum/viewtopic.php?p=27720&sid=d60bf019bcb11475308bb69feebcf777>
- http://www.surftotal.com/new_news.asp?codigo=151&fonte=ger
- <http://www.surftotal.com>
- <http://www.beachcam.pt>
- <http://www.windguru.cz>

Anexos

7. Anexos

Anexo A – Guião das entrevistas realizadas



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Nº da Entrevista: _____. Duração da entrevista: ____ minutos e ____ segundos

| |
|---|
| Nome: _____. |
| Sexo: _____. Idade: _____. Profissão: _____. |
| Data: ____/____/____. Habilitações Literárias: _____. |

1- O que representa para ti o surf? Qual o espaço que o surf ocupa na tua vida?

2- Quando e como começaste a praticar surf?

3- Até ao momento, que situações te marcaram mais no surf?

4- Quais os motivos que te levaram a uma passagem do surf de ondas pequenas para surf em ondas grandes? O que te levou a *surf* ondas grandes? Quais os teus objectivos?

5- Como consideras o surf de ondas grandes? O que representa para ti esta prática?

6- Na tua opinião, que características deve reunir um surfista de ondas grandes?

7- Que sentimentos, pensamentos, sensações ou emoções vêm ao de cima, quando estás no *pico*, pronto para apanhar uma onda com grandes dimensões?

8- Descreve a sensação vivida quando *dropaste* a tua maior onda. O que sentiste naquele momento?

9- Já tiveste algum acidente ao praticar surf em ondas grandes?

10- Qual o acidente mais grave que já presenciaste? Isso afectou em alguma medida o teu surf em ondas gigantes?

11- Em algum momento, ponderaste não entrar na água? Justifica.

12- Alguma vez sentiste que terias a tua vida em risco? O que sentiste nesse momento?

13- Como lidas com as situações que eventualmente possam colocar a tua integridade física em causa?

14- Três aspectos fundamentais para reduzir ao máximo o perigo no surf em ondas grandes?

15- Como é o ambiente e o clima dentro e fora de água, num dia em que as ondas estão enormes?

16- Qual é o teu local preferido para *surf* ondas grandes? Justifica.

17- Há algum local com ondas grandes que ainda não tenhas *surfado* e que gostasses de lá ir? Justifica.

18- Até onde sentes que estás disposto a colocar a tua integridade física em risco?

Anexo B – Sistema Categorial

| Entrevistados | Categoria A – Objectivos/Razões da prática |
|---------------|---|
| | Subcategoria A1: Sensações |
| Luís Cruz | <ul style="list-style-type: none"> - “Há dias em que estás com vontade de arriscar e sentir a adrenalina, sentir emoções fortes...” - “... há outros dias que não, em que apetece <i>dropar</i> uma <i>parede</i> forte com <i>power</i> e sentir a velocidade, mandar umas rasgadas valentes.” - “... se estiveres num dia todo irritado, cheio de <i>stress</i> e queres descarregar um bocado apetece-te <i>surf</i>ar umas ondas maiores, para sentires um bocado mais de <i>power</i> e saíres da água mais descarregado.” - “... se consegues furar a onda antes que ela feche é uma coisa, agora imagina-te fazeres um <i>patinho</i> num <i>bagalho</i> de 3 metros, um <i>espumão</i> de 3 metros a <i>fechar</i> em cima de ti, pah rebentavas-te todo! Tens que ter um <i>canal</i>, a partir de um certo tamanho tens que ter um <i>canal</i> para passar” - “No dia a seguir queria a toda a força que fosse igual...” - “... estava com a pica toda do dia anterior, o dia anterior tinha sido fabuloso, tinha apanhado altas ondas, tinha sido espectacular, e eu queria porque queria apanhar outra igual, só que correu mesmo mal, não dava. Foi mesmo estupidez pura...” (sic) - “No dia a seguir já não havia condições, mas queria criar as mesmas sensações.” - “Eu gosto de ondas grandes, fáceis... perigo já elas têm que chegue.” - “... qualquer praticante de qualquer desporto vai ao sítio onde ele nasceu e onde é mais praticado, onde se estará no seu estado mais puro. Pah, sentires aquela carga, respira-se o surf...” |

| | |
|----------------------------|---|
| <p>Ramiro Pinto</p> | <ul style="list-style-type: none"> - “Ah, é a adrenalina!” - “Estamos sempre mais atentos e com a adrenalina mesmo à flor da pele...” - “... <i>surf</i>ar mar grande é essa adrenalina, uma pessoa está lá e está sempre...aqueles <i>drops</i> enormes, a alegria de uma pessoa se por de pé lá em cima e dizer: “Ah carago, agora é que vai ser!”. É completamente diferente, <i>surf</i>ar mar grande é a mesma coisa que...é ter sexo!” (sic) - [Mas então para essa entrada para o mar grande é à procura de quê?]: “Sensações novas!” - “Uma pessoa conforme vai tendo mais idade, a partir dos 20, 25, já começa a ficar, gosta de <i>surf</i>ar mar pequeno, mas falta-lhe qualquer coisa que é o mar grande que dá...” - [O que o leva a <i>surf</i>ar ondas grandes? Quais os objectivos?]: “Porque uma pessoa a <i>surf</i>ar onda pequena, a sensação de <i>surf</i>ar uma onda pequena é uma sensação passageira...” - “No mar pequeno <i>surf</i>as, apanhas a onda, <i>drop</i>as a onda, chegas lá baixo, vens para cima...nem sentiste o <i>drop</i> da onda. É a sensação de teres aquela massa de água enorme que tu vais a <i>drop</i>ar e vais a pensar assim: “Fogo, isto é excepcional, já não me lembrava de ter esta sensação!”” - “... como o mar é muito grande, é muito mais difícil tu <i>drop</i>ares, tu apanhases a onda, consegues passar para trás...essas sensações todas aliadas a depois tu estares lá atrás e apanhases a onda é um prazer intenso que no mar pequeno não tem, porque é muito rápido, fazes duas ou três batidas e acabou e pronto, ficaste contente!” - “... chego lá todo roto e depois é compensado com aquela adrenalina de apanhar aqueles <i>drops</i>. Aqui pronto, é pena, é raro conseguirmos fazer uns <i>tubos</i>, porque então se for mar grande para <i>tubar</i>, para fazer grandes <i>tubos</i>, então a diferença é uma coisa abismal.” - “... estar lá no meio do mar a ver aqueles <i>sets</i> a entrar, às vezes já |
|----------------------------|---|

| | |
|----------------------------|---|
| | <p>chega para nós ficarmos satisfeitos e fazermos uma onda e vir embora.”</p> <p>- “... considero que é o melhor surf que se pode fazer, tem sensações muito melhores do que <i>surf</i>ar mar pequeno...”</p> <p>- “... é pura, não vou dizer adrenalina, porque a adrenalina é mais quando uma pessoa está mesmo a <i>drop</i>ar a onda que fica mesmo anestesiado com o que está a acontecer.”</p> <p>- “... a sensação é uma sensação de muita liberdade...”</p> <p>- “... é incrível porque eu nunca mais parava o <i>drop</i>, aquilo tttttttttt [referindo-se à trepidação sentida durante o <i>drop</i>] por lá baixo e eu era assim “Fogo!”, até me doía as pernas...”</p> <p>- “Eu acho que essas 3 são as 3 fundamentais para ter uma boa <i>surf</i>ada e ter prazer, não andar ali aos trambolhões, a sofrer.”</p> |
| <p>Abílio Pinto</p> | <p>- “O surf representa muito mais que um desporto, uma experiência de vida e uma realização grande interior...”</p> <p>- “As ondas perfeitas grandes dão muito mais emoção, adrenalina, impacto a nível desportivo, automaticamente eu via aquilo como maior prazer ainda do que fazer surf em ondas mais pequenas.”</p> <p>- [Como é que considera o surf de ondas grandes?]: “Representa emoção...”</p> <p>- “... fazer surf em ondas grandes, com perfeição, preenche-me quase 100%... portanto, é tão grande o preenchimento quase como o tamanho delas, acaba quase por ser dois em um! Eu sinto-me tão bem por tê-las feito surf como elas são tão boas e belas, as ondas.”</p> <p>- “... a partir do momento em que tu fazes o <i>take-off</i> e comesças a <i>drop</i>ar a onda aí, começam a vir as sensações: adrenalina, <i>power</i>, emoção, prazer, é quase tudo num só.”</p> <p>- “Quando as ondas são muito grandes tu sentes, eu senti que eu estava a descer e senti que um tapete de água estava a subir, não era só eu que estava a descer, um tapete de água estava a subir e eu estava a demorar mais tempo que o normal a chegar à base da onda, é isso que acontece em ondas grandes.”</p> |

| | |
|---------------------|--|
| | - "... eu senti que estava a descer e havia um tapete que estava a subir e eu demorei o dobro do tempo a chegar lá baixo. Foi interessante, ou seja, o momento de <i>power</i> e adrenalina demorou mais tempo, foi melhor." |
| | Subcategoria A2: Superação |
| Luís Cruz | <p>- "... há uma procura de explorar os teus limites, lógico, como em tudo, como em qualquer desporto, em qualquer coisa, estás sempre a testar os teus limites."</p> <p>- "O que é que se procura em qualquer desporto? Satisfação de ultrapassar os limites, quando fazes uma coisa no teu limite, sabes que estás a dar o máximo e que conseguiste. E os teus limites vão mudando, tu à medida que te vais aperfeiçoando num desporto, numa actividade, os teus limites vão subindo."</p> <p>- "Os teus limites vão-se modificando e depois vais vendo onde é que pões a barreira aonde não se deve ultrapassar"</p> |
| Ramiro Pinto | <p>- "... eu cada vez quis <i>surf</i>ar foi ondas maiores. Conforme ia aprendendo a <i>surf</i>ar melhor, ia querendo <i>surf</i>ar ondas maiores..."</p> <p>- "... é também a sensação de conseguires fazer isso não é?"</p> <p>- "Pelo menos <i>drop</i>ar uma onda já <i>drop</i>ei!"</p> |
| Abílio Pinto | <p>- "... nós puxávamos os limites uns aos outros e íamos puxando o nosso limite."</p> <p>- "... esse <i>challenge</i> é que também me fez com que eu começasse a entender melhor o mar e a ter mais à vontade e a conseguir ultrapassar certas barreiras."</p> <p>- "... há pessoas que põem um limite, portanto o limite é aquele e não passam do limite porque não se sentem bem. Se não se sentem bem, não vão estar a criar ou a ter esse risco...e eu sinto-me bem, eu vou até ao meu limite, eu também tenho uma escala."</p> <p>- "... tu comesças a levar o teu limite, a puxá-lo, a puxar, mais e mais e mais e mais, quando tal estás a fazer coisas quase irreais..."</p> <p>- "... <i>Tow-In</i> é uma coisa que me fascina. Eu gosto de ondas grandes e ali tens a particularidade de uma mota de água te rebocar para</p> |

| | |
|----------------------|---|
| | <p>dentro, em segurança, portanto tu escolhes o momento que queres <i>dropar</i> e isso é bom, consegues ir para um limite, a tua escala dispara logo mais lá para cima...”</p> <p>- “... sempre que houver possibilidade de haver uma abertura para eu poder encarar ainda mais <i>power</i>, mas dentro daquilo que eu agora falei, aí vou.”</p> <p>- “... tu tens sempre aquele <i>feeling</i> de fazer uma onda maior e maior, só por...tipo, a nível pessoal. Portanto, estás a tentar provar alguma coisa a ti próprio, estás a tentar provar que tu consegues fazer aquilo, por prazer e por objectivo: “Eu quero, eu necessito!”, portanto estás a tentar provar algo a ti próprio.”</p> |
| | |
| Entrevistados | Categoria B – Perigo/Controlo |
| Luís Cruz | <p>- “Numa onda grande tu basicamente fazes o <i>drop</i>, tens que fazer um <i>drop</i> limpo, a ver para onde é que a onda está a ir e apontar para lá a prancha de maneira a não morreres não é? (risos)... levas com o <i>lip</i> na cabeça e dificilmente vais fazer um floater numa onda grande, dificilmente vais mandar um batidão porque... morres (risos).”</p> <p>- [O que é que esta prática em ti representa, este surf de ondas maiores se tem algum significado ou se pura e simplesmente consiste só em descê-la, surfá-la e terminou?]: “Não. O risco é muito maior.”</p> <p>- “Numa onda grande se correr mal, se <i>dropares</i> mal, se escolheres mal a onda aleijas-te a sério...”</p> <p>- [E tu já apanhaste algum?]: “Vários, sustos valentes.”</p> <p>- “... já parti o nariz...”</p> <p>- “Mas nesses dias [referindo-se aos dias em que as ondas estão maiores] tens que ter muito cuidado, é que se perdes as referências, se te deixas arrastar para o quebra estás desgraçado...”</p> <p>- “Já levei um tipo ao hospital, porque levou com as <i>quilhas</i> na cabeça, para levar pontos, já vi um tipo a levar com a prancha no nariz e a ficar com o osso à mostra...”</p> <p>- “... tive a nítida noção que se eu bebesse mais um golo de água</p> |

| | |
|----------------------------|---|
| | <p>lerpava” (sic)</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Eu gosto de ondas grandes, fáceis... perigo já elas têm que chegue.” - “... sabes se a onda está a dar ali ou se está a dar mais meio metro à frente ou mais meio metro atrás, consegue controlar mais ou menos o <i>pico</i>.” |
| <p>Ramiro Pinto</p> | <ul style="list-style-type: none"> - “... pensei que ia morrer ali, porque não conseguia respirar, não estava ninguém à minha beira, fiquei ali embrulhado, bebi água...” - “... já várias vezes dei por mim a dizer assim: “Fogo, estou tramado!”” - “... considero que é o melhor surf que se pode fazer, tem sensações muito melhores do que <i>surf</i> mar pequeno, é mais perigoso mas isso também está incluído...” - “Eu gosto, quando entro para mar grande, ter a ideia que estou a conseguir controlar a situação...” - “... mas também tem que achar que controla um bocado não é? E é isso que nós estamos lá dentro e estamos a pensar, se uma pessoa achar que não controlava minimamente o que está a fazer, não podia estar lá. Então é mais ou menos isso, é uma pessoa achar que está a controlar o acontecimento...” - “... foi assustador por ser muito grande, estava incontrolável e eu achava que era impossível eu estar lá dentro a fazer surf e depois veio-se a provar isso. Acho que estava um bocado fora do meu controle...” - “... já vi várias pessoas com caras esfaceladas a ter que ir para o hospital...colegas meus, dois pelo menos com sangue no chão, mesmo assim tipo filme! Não morreram, mas fizeram uns arranhões, golpes na cara a sério.” - “... não entrei uma vez nos Coxos” [Mas porquê?]: “Porque estava fora do meu controle...” - “... estava a fazer altas ondas, depois caí lá numa e quando vim acima a prancha não estava à minha beira e de repente sai-me |

| | |
|----------------------------|--|
| | <p>disparada, nem sei bem com que parte é que ela me acertou, acertame aqui na garganta, na traqueia. Resumindo, parecia que isto tinha entrado para dentro, não conseguia respirar...”</p> |
| <p>Abílio Pinto</p> | <p>- “... não há espaço para erros quando estás em mar grande.”</p> <p>- “... quando tu tens um à vontade e experiência deixas de ter esses medos todos, tu estás lá dentro a pensar, a tua cabeça pensa, mesmo em situações críticas, tu não deixas de pensar, tu estás sempre racional e essa é a tua arma em relação ao mar, essa arma de tu manteres-te <i>focus</i>, pensativo e racional, aliado à experiência são dois factores super <i>power</i> para tu dominares o sítio onde tu estás...”</p> <p>- “... já tive lesões na coluna, já tive lesões de braços, a nível de tendinites, já tive roturas musculares a nível de joelhos, a nível de articulação nos tornozelos, já tive “acidentes acidentes” de abrir a cabeça e levar 12 pontos, cortes, já tive vários, mas nenhum grave”</p> <p>- “Assim que vou a passar a secção vejo uma rede de pesca, daquelas que tem aquelas boiinhas todas, daquelas mesmo de superfície, tipo que não há hipótese, assim a atravessar a <i>parede</i> e eu a passar uma secção super difícil...fiquei branco, mesmo assim...sabia que caía ali naquele momento e morria! E outra vez fiquei preso por um anzol daqueles aparelhos aqui no peito...”</p> <p>- “... um amigo meu sul-africano que abriu a cabeça de um ponto ao outro, da parte da frente da testa até aqui atrás à nuca, desmaiou e foi o fotógrafo que foi lá buscá-lo.”</p> <p>- “... tu errando o mar leva-te e vais a lambar as pedras todas até onde ele te deixar.”</p> <p>- “... se eu vejo que é uma coisa que eu não vou aguentar, saio, abandono.”</p> <p>- “... há pessoas que disparam um bocado o limite lá para cima... e aí muitos deles já pagaram com a vida...”</p> |

| Entrevistados | Categoria C – Risco: importância e representação na prática |
|---------------|--|
| Luís Cruz | <p>- "... o mar é que manda."</p> <p>- "Sangue-frio é essencial até porque se caís tens que ter a tranquilidade e a capacidade de te acalmares debaixo de água e não entrares em <i>stress</i> porque não vais subir só porque vais dar aos braços. Um "tralho" numa onda grande tu andas lá em baixo às cambalhotas e andas, e andas, e andas, e só vens cá cima quando ela te deixar e tens que ter calma e aguentar ali..."</p> <p>- "Já passei "N" situações em que não consegui aguentar até vir cá cima e já vinha a beber água, a puxar-me pelo <i>strep</i>, a agarrar-me à prancha, que aquilo... (suspiro)."</p> <p>- "... e nunca mais vens cá em cima e começas... vou morrer, cuidado!"</p> <p>- "... não podes pensar que vais passar a vida a <i>surf</i> ondas grandes e que nunca vais cair... isso esquece! Um dia vais cair, um dia vais levar um tralho daqueles em que vais apanhar um susto valente."</p> <p>- "Tentei, lá está, ter aquela frieza para não começar logo a abrir a boca e a bater com os pés e com as mãos, pah mas via que nunca mais vinha cá cima e à que puxar o <i>strep</i>, parecia que estava a fazer montanhismo."</p> <p>- [... que sentimentos, pensamentos, sensações ou emoções é que vêm ao de cima, quando vais apanhar ondas grandes e estás lá no <i>pico</i>?]: "Medo, respeito. Tens que ter medo senão és maluco. Depois tens que vencer esse medo para não vacilares no momento em que estás a fazer o <i>drop</i>..."</p> <p>- "Lá está, eu como tenho cuidado e escolho a onda, estava tranquilo e fiz"</p> <p>- "Não não, nem pensas nisso! Tu vês a onda boa a entrar e queres é remar para ela e <i>dropá-la</i>..."</p> <p>- "Se vais hesitar na altura de a <i>dropar</i>, aí é porque não estás</p> |

| | |
|----------------------------|---|
| | <p>preparado psicologicamente para <i>surf</i>ar mar grande, então para isso não vais...”</p> <p>- “Se eu for <i>surf</i>ar um <i>pico</i> de mar grande, mas que tenha <i>canal</i> e que a onda esteja a abrir, é lógico que vou arriscar mais sempre.”</p> <p>- [Mas o que te leva a travar é o quê? O medo?]: “Claro! Eu quero <i>surf</i>ar durante muitos anos, muitas ondas. Eu não quero <i>surf</i>ar uma onda e morrer.”</p> <p>- “Não é por causa do tamanho da onda que partes o nariz, é por causa do que tu arriscas. Eu, por exemplo, quando parti o nariz meti-me para um <i>tubo</i> que não tinha a certeza se iria abrir e a partir daí comecei a arriscar menos nos <i>tubos</i>...pelo menos, durante uns tempos arrisquei bastante menos, agora se calhar já começo a arriscar outra vez.”</p> <p>- “... há dias que não estou para aí virado. Há dias em que estou com vontade mesmo de apanhar essas ondas e arrisco mais um bocado, escolho as ondas e meto-me lá para dentro.”</p> <p>- “... e quando estás lá em baixo às cambalhotas e a pensar: será que vou conseguir subir?Será que saio daqui?”</p> <p>- [Como lidas com essas situações que eventualmente possam colocar a tua integridade física em causa? Esperneias-te logo todo?]: “Não, evito.”</p> <p>- “Já passei por isso, já fiquei aflito e lá consegui ter a calma suficiente para quando ela me leva lá baixo outra vez ir até à areia e aí fico lá em baixo, deixo que ela passe e impulsiono-me e saio logo debaixo de água.”</p> <p>- “... tens que estar atento, tens que estar concentrado... se perdes a concentração podes morrer.”</p> |
| <p>Ramiro Pinto</p> | <p>- “... há um misto de medo e respeito pelo que pode vir a acontecer.”</p> <p>- “... muito respeito, porque uma pessoa sabe que a qualquer momento pode morrer não é?”</p> <p>- “... por acaso estava perto de terra e agarrei-me à prancha e vim com duas ou três ondas e fiquei para aí meia hora lá a tentar conter o</p> |

pânico que me aconteceu naquela situação.”

- “... no mar enorme nós estamos sempre em *stress*, estamos sempre a pensar: “Vem outro *set* atrás, não vem?”, “Vou cair? Se eu cair depois se não entrar para debaixo de água, se for junto com a *espuma* vou muito para a frente, depois vem o *set* e leva-me para as rochas?”. Estamos sempre mais atentos...”

- [Mas agora o que é que o faz então pensar?]: “Agora? É, pah, não sei se é a idade, se é ter família, na altura ainda namorava, não era casado, não tinha filhos. Agora uma pessoa pensa duas vezes, se calhar pode ser isso, não sei. Isso deve ser uma coisa que vem com a idade, o receio de cair, de magoar-se, de ficar sei lá doente, doente entre aspas, numa cadeira de rodas...Antes uma pessoa não pensa nisso, quando é novo entra quer é curtir não é?Então, o que vier à rede é peixe, entra para a água e “trau”, começa a remar, nem pensa se tem muitas pedras se não tem...caiu, resolve-se o problema depois, mas sempre também com aquele respeito que uma pessoa tem que ter, que eu não sei se é medo ou respeito, ou as duas coisas juntas.” (sic)

- “... ele um dia entrou, levou lá uma coça do caraças mas entrou e a partir daí começamos a entrar, 3 ou 4, não *surfavam* mais de 3 ou 4. E está lá, é engraçado, se quiser ir lá ver está lá ao lado a dizer: “A Ilha dos Reformados”, está lá escrito a branco, dos gajos que tinham medo...”

- “... levar com aquilo em cima, 3 metros de *espuma*...é medo, é! Tem que ser medo, mas o medo é que faz com que uma pessoa vá mais vezes, porque medo é uma sensação que uma pessoa não consegue controlar e é boa em certas ocasiões.”

- “... primeiro tem que ser um bocado insano, tem que pensar que vai para a água e que é para apanhar...”

- “... a pessoa tem que saber logo o que quer, se vai apanhar as ondas ou se vai para lá só para fazer número...se for para fazer número não vale a pena porque só vai para lá estorvar.”

- "... é ter coragem para ir apanhar, saber que vai conseguir apanhar..."
- [Na sua opinião, que características é que deve reunir um surfista de ondas grandes?]: "Acho que essas são as 3: não ter medo, ter bom material e estar em forma..."
- "... mas com muito respeito pelo que pode vir a acontecer a seguir, sabes?"
- "... embora eu tenha muito respeito pelo mar, e tenho, porque uma pessoa sabe que de um momento para o outro pode ter um azar qualquer."
- "... uma pessoa tem que estar mesmo, tem que estar a dizer "Vou entrar!" (risos)...senão à primeira já tinha bazado..." (sic)
- "O gajo *surfava* bem, só que arriscava muito, era daqueles que arriscava muito..."
- "... ele disse que teve sorte porque quando caiu entrou para a água, não ficou a planar, não ficou a fazer *bodyboard*, porque senão depois a onda apanhava-o, levava-o e ia cair mesmo em cima das pedras e não aconteceu isso."
- [E isso afectou em alguma medida o seu surf ou não?]: "A mim? Ah, não!"
- "Uma pessoa também tem de calcular os riscos não é?"
- "Porque se uma pessoa cai aqui e passa aqui ao lado e a onda é boa na mesma porque é que tem que ir ali? Claro que é muito melhor *surf*ar lá naquele *pico*, mas o risco não cobre os danos que podem acontecer..."
- "Nunca penso que estou mal..."
- "... às vezes a pessoa sente-se aflita. Olha, aconteceu-me uma vez uma que apanhei com a prancha aqui assim..." (referindo-se à zona da garganta)
- "... não conseguia respirar e depois andei ali assim, mas como estava a prancha ao lado são situações que se resolvem..."
- "... uma pessoa quando pensa nessas coisas fica assim um bocado

| | |
|----------------------------|---|
| | <p>mais...com respeito pelo mar e pelas situações que podem ocorrer.”</p> <p>- “Às vezes ponho-me a pensar nisso, tentar não ir sozinho para a água, para sítios sozinhos ou pelos menos que tenha pessoas na praia, pescadores...pode acontecer qualquer coisa, bater com a prancha, etc., e é complicado.”</p> <p>- “O principal é querer fazer essa onda, eu chamo-lhe o “Go For It”, é ir para aquilo...”</p> <p>- “... há assim um bocado de brincadeira, senão um gajo também está ali <i>stressado</i>, às vezes está...”</p> <p>- “... tenho um bocado de receio daquela onda por causa de ser muito perto das pedras...”</p> <p>- “... quando tinha 30 anos, podia ser qualquer tamanho, entre os 20 e os 30 não tinha grandes problemas...”</p> |
| <p>Abílio Pinto</p> | <p>- “Há um medo interior, o nosso organismo tem quase como sensores defensivos e então há pessoas que põem um limite, portanto o limite é aquele e não passam do limite porque não se sentem bem. Se não se sentem bem, não vão estar a criar ou a ter esse risco...”.</p> <p>- “... o mar é sempre o que dá, é o que diz a primeira palavra e a última. Ter um <i>feeling</i> de conhecer a linguagem que o mar nos está a transmitir, se conhecermos essa linguagem e se não passarmos muito desses limites vamos estar em segurança...”</p> <p>- “Muitas das vezes as pessoas até reúnem certo factores, mas a nível de reacção e...as pessoas deixam-se ir porque aquilo está a pedir e esquecem-se que há ali um limite...”</p> <p>- “... assim que eu vejo uma onda e estou numa zona relativamente de segurança, não estou com medo, estou é preocupado em colocar-me correctamente. Tu estás a falar é quando estás fora do <i>timing</i>, aí tenho, que é quando estás a passar uma onda para trás, está a entrar um <i>set</i>, tu remas a subir, sabes que atrás é maior e quando passas a primeira, vês que a segunda é muito maior e já vai partir antes de tu chegares a ela, portanto já vais levar com o impacto. Aí sim, aí já é sensação de medo, receio, o que é que eu vou fazer...por norma, eu</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>não penso muito nesse aspecto de medo...”</p> <p>- “... quando tu tens um à vontade e experiência deixas de ter esses medos todos, tu estás lá dentro a pensar, a tua cabeça pensa, mesmo em situações críticas, tu não deixas de pensar, tu estás sempre racional e essa é a tua arma em relação ao mar, essa arma de tu manteres-te <i>focus</i>, pensativo e racional, aliado à experiência são dois factores <i>super power</i> para tu dominares o sítio onde tu estás...”</p> <p>- “... eu também tenho medo! Não vejo as coisas de uma forma que sou eu a mandar, a Natureza é sempre quem fala mais alto, nós temos é que nos ajustar a ela e ir contornando-a da melhor forma.”</p> <p>- [Isso afectou em alguma coisa o seu surf? Pô-lo a pensar?]: “Pah, nem me pôs a pensar”</p> <p>- [Tipo, isto pode-me acontecer a mim ou qualquer coisa?]: “Mas isso eu sabia antes de ver isso, já me aconteceram várias coisas”</p> <p>- “Apenas com a maturidade e com a experiência, por norma, a tendência é deixar de cometer tantos riscos e de arriscar desnecessariamente...”</p> <p>- “A mais <i>power</i> foi essa da rede de pesca, lembro-me até hoje, fiquei branco, fiquei com frio, depois de passar aquilo estava com frio...gelei!”</p> <p>- “Tudo o que põe em causa a minha integridade física me deixa preocupado”</p> <p>- “... aconteceu-me algo, tive uma queda brutal e fiquei meio...como se diz...não estou lesionado, mas estou semi-lesionado a quente, eu vejo que a partir dali qualquer coisa que me possa acontecer pode ser grave. Então desisto e saio, saio para recuperar mas depois vou...não gosto de arriscar!”</p> <p>- “A coisa mais importante dessas 3 que falei há bocado é: teres a condição física tão elevada como a nível de experiência e depois teres o material e saberes que não podes passar daquele limite...”</p> <p>- “... as pessoas estão <i>stressadas</i> em evitar o contacto e impacto com ondas...”</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| | <p>- "... há um <i>stress</i> a nível de atenção entre o surfista↔onda, mas não há tensão nenhuma com as pessoas que estão à volta, as pessoas que estão à volta praticamente algumas deixam de existir, algumas nem falam, às vezes eu estou a falar: "Olha e num sei quê" e eles quase que nem te ouvem e então...parece que estão em transe, ficam assim meios em transe."</p> <p>- "Como já tive vários acidentes, tenho noção se estou preparado ou não para ir."</p> |
|--|--|